



UC/FPCE _ 2013

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Violência no Namoro em Estudantes Universitários:
Prevalência e Diferenças entre Géneros.**

Nuno Miguel Veloso (e-mail: uc2006125340@student.uc.pt)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica na área de especialização de Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas sob a orientação do Professor Doutor Eduardo Sá

Resumo

Violência no Namoro em Estudantes Universitários: Prevalência e Diferenças entre Géneros.

Problema: a violência no namoro constitui, atualmente, um problema social muito importante nas relações amorosas dos jovens e dos adultos. O comportamento dos mais jovens vai, na maioria dos casos, estabelecer os seus padrões de relacionamentos pessoais e relacionais futuros, quando atingirem a idade adulta. As pesquisas mais recentes feitas nesta área têm observado que as relações amorosas dos jovens estão marcadas pela presença de bastantes comportamentos de violência. *Objetivo:* analisar a prevalência da violência no namoro entre a população dos estudantes universitários do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, bem como identificar as estratégias de resolução de conflitos (abusivas e positivas) existentes nos seus relacionamentos, quer por parte do próprio quer por parte do(a) parceiro(a). Pretende-se, ainda, observar as crenças e atitudes desta população relativamente à violência física, sexual e psicológica nos relacionamentos de namoro. *Método:* O estudo foi composto por 189 estudantes do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, de ambos os géneros (sendo que a amostra era maioritariamente do género feminino) e com idades compreendidas entre os 18 e os 44 anos. A recolha de dados quantitativos foi realizada através dos instrumentos Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI) e a Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN). *Resultados:* Verificou-se que apenas 3.6% dos jovens não tem comportamentos abusivos nas suas relações e que 53.6% dos jovens não tem comportamentos violentos na díade. O tipo de violência mais presente nas relações íntimas dos jovens é a Violência Emocional/Verbal, e a menos presente é a Violência Física. Observou-se, ainda, que quanto mais os jovens legitimam a violência, mais

tendem a ter comportamentos violentos no seu relacionamento. Também se verificou que os indivíduos que consomem drogas e álcool reportam comportamentos mais violentos do que os sujeitos que nunca consumiram.

Palavras-Chave: Violência, Namoro, Estudantes Universitários, Prevalência, Crenças

Abstract

Dating Violence Among College Students: Prevalence and Gender Differences. *Problem:* dating violence is currently a very important social problem in both young and adult relationships. The behavior of the youngest will, in most cases, set their future relational and personal relationship patterns, when they reach adulthood. The latest researches in this area have been observing that the romantic relationships of younger people are marked by the presence of plenty of violent behaviors. *Objective:* to analyze the prevalence of dating violence among the population of college students of Integrated Master Course of Psychology who study at Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, as well as to identify the strategies of conflict resolution (abusive or positive) used in their relationships, either by themselves or by their partners. It is also intended to observe the beliefs and attitudes of this population regarding physical, sexual and psychology violence in intimate dating relationships. *Method:* the study consisted of 189 students of Integrated Master Course of Psychology who study at Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, both male and female (the sample was predominantly made of females) aged from 18 to 44 years old. Data collection was conducted through two quantitative instruments: Inventory Conflict in Dating Relationships among Teens (CADRI) and the Scale of Attitudes about Violence in Dating (EAVN). *Results:* it was found that only 3.6% of young people do not have abusive behaviors in their relationships and

that 53.6% of young people do not have violent behaviors in the dyad. The most prevalent kind of violence in young people's intimate relationships is Emotional/Verbal Violence, and the least prevalent is Physique Violence. It was also observed that the more young people legitimate violence, the greater is the prevalence of violent behavior in their relationships. It was also found that individuals who consume drugs and alcohol reported more violent behavior than those who never have consumed.

Keywords: Violence, Dating, College Students, Prevalence, Beliefs

Agradecimentos

Aos meus pais que possibilitaram o meu percurso académico, por todo o seu amor e dedicação, por todo o apoio que me deram e por nunca terem deixado de acreditar em mim.

À minha família, em geral, por todo o apoio e ajuda ao longo destes anos e pela força e dedicação que sempre me deram.

À Cristina pelo amor, dedicação e paciência que tem tido comigo e por me apoiar e aceitar incondicionalmente.

Aos meus amigos pelo apoio e ajuda que me foram dando em alguns momentos cruciais.

Ao Professor Doutor Eduardo Sá, por toda a mestria, dedicação e conhecimentos que me transmitiu na orientação deste trabalho.

Aos meus colegas e às minhas colegas de curso que me ajudaram ao longo destes anos e por todas as experiências partilhadas.

E, por último, a todos os colegas de curso que aceitaram participar neste estudo já que, de outro modo, não seria possível realizar esta dissertação.

Índice

Introdução	1
Enquadramento Conceptual	4
Violência	4
Tipos de Violência	5
Violência Física	6
Violência Sexual	6
Violência psicológica	7
Representações Sociais da Violência	8
Teorias desenvolvidas acerca da violência	9
A violência como reflexo de fatores intra-individuais e biológicos	9
A violência como resultado dos sistemas sociais e familiares	11
A violência como produto dos discursos socioculturais	14
Os discursos construídos em torno da violência na intimidade	15
Os discursos construídos em torno do poder e do género	16
Modelos multidimensionais para a compreensão da violência na intimidade	17
Violência no namoro	19
Prevalência da violência nas relações íntimas Juvenis	21
Crenças e Atitudes envolvidas nos comportamentos violentos	24
Fatores de risco para a violência	27
Formulação do problema e das hipóteses	29
Objetivos do estudo exploratório	29
Metodologia	31
Delineamento	31
Participantes	32
Instrumentos	34
Procedimentos	38
Análise de dados	39
Resultados	40
Prevalência dos Comportamentos Abusivos	40

Prevalência dos Comportamentos Violentos	41
Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas e Positivas	43
Atitudes acerca da Violência nas Relações de Namoro	48
Relações entre as Atitudes e os Comportamentos Violentos.....	54
Género Masculino	54
Género Feminino.....	60
Relação entre o consumo de Drogas e Álcool e os	
Comportamentos Violentos.....	69
Consumo de Drogas	69
Consumo de Álcool.....	70
Prevalência de Violência no Namoro e de Conhecimento de	
Violência no Namoro no Grupo de Pares	71
Prevalência de Violência no Namoro.....	71
Conhecimento de Violência no Namoro no Grupo de Pares .	72
Discussão	73
Conclusões.....	92
Contribuições e Limitações do Estudo.....	94
Futuras Investigações nesta área	95
Referências	97
Anexos.....	109
Anexo I – Questionário Sociodemográfico	110
Anexo II - CADRI.....	112
Anexo III – EAVN	116
Anexo IV – Objetivo 1	120
Anexo V – Objetivo 2.....	126
Anexo VI – Objetivo 3	138
Anexo VII – Objetivo 4.....	150
Anexo VIII – Objetivo 5	157
Anexo IX – Objetivo 6.....	169
Anexo X – Objetivo 7.....	174

Lista de Tabelas

Tabela 1 – <i>Teorias da violência que colocam a ênfase em fatores intra-individuais e biológicos</i>	9
Tabela 2 – <i>Críticas às teorias dos fatores de predisposição da vítima</i>	10
Tabela 3 – <i>Vantagens e desvantagens desta abordagem aos sistemas sociais e familiares</i>	11
Tabela 4 – <i>Críticas mais frequentes às teorias que vêm a Violência como produto dos discursos socio culturais</i>	15
Tabela 5 – <i>Modelos Multidimensionais mais conhecidos</i>	18
Tabela 6 – <i>Possíveis causas de algumas das divergências encontradas nos relativamente aos dados da prevalência da violência</i>	21
Tabela 7 – <i>Estudos Internacionais e Nacionais acerca da prevalência da Violência no Namoro</i>	22
Tabela 8 – <i>Principais fatores de risco para a violência identificados na literatura</i>	27
Tabela 9 – <i>Caracterização da Amostra em função do Género dos participantes (N=189)</i>	33
Tabela 10 – <i>Caracterização da Amostra em função da Idade dos participantes (N=189)</i>	33
Tabela 11 – <i>Média, Desvio Padrão, Mínimo e Máximo da Idade dos Participantes</i>	34
Tabela 12 – <i>Caracterização da amostra em função do Ano do Curso em que se encontram os participantes</i>	34
Tabela 13 – <i>Frequência de comportamentos abusivos</i>	40
Tabela 14 – <i>Frequência de comportamentos abusivos por género</i>	40
Tabela 15 – <i>Frequência de Comportamentos Violentos</i>	41
Tabela 16 – <i>Frequência de comportamentos violentos por género</i>	42
Tabela 17 – <i>Frequência dos tipos de Violência</i>	42
Tabela 18 – <i>Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas</i>	43
Tabela 19 – <i>Frequência de Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas</i>	45
Tabela 20 – <i>Comparação das Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas, entre Géneros</i>	46

Tabela 21 – <i>Comparação das Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas, entre Géneros</i>	47
Tabela 22 – <i>Teste de Mann-Whitney</i>	48
Tabela 23 – <i>Mediana, Pontuação Máxima e Mínima da Violência Psicológica Masculina</i>	50
Tabela 24 – <i>Mediana, Pontuação Máxima e Mínima da Violência Física Masculina</i>	50
Tabela 25 – <i>Mediana, Pontuação Máxima e Mínima da Violência Sexual Masculina</i>	51
Tabela 26 – <i>Mediana, Pontuação Máxima e Mínima da Violência Psicológica Feminina</i>	52
Tabela 27 – <i>Mediana, Pontuação Máxima e Mínima da Violência Física Feminina</i>	52
Tabela 28 – <i>Mediana, Pontuação Máxima e Mínima da Violência Sexual Feminina</i>	53
Tabela 29 – <i>Coefficiente de Correlação de Spearman</i>	54
Tabela 30 – <i>Coefficiente de Correlação de Spearman</i>	55
Tabela 31 – <i>Coefficiente de Correlação de Spearman</i>	58
Tabela 32 – <i>Coefficiente de Correlação de Spearman</i>	59
Tabela 33 – <i>Coefficiente de Correlação de Spearman</i>	61
Tabela 34 – <i>Coefficiente de Correlação de Spearman</i>	62
Tabela 35 – <i>Coefficiente de Correlação de Spearman</i>	64
Tabela 36 – <i>Coefficiente de Correlação de Spearman</i>	65
Tabela 37 – <i>Coefficiente de Correlação de Spearman</i>	66
Tabela 38 – <i>Coefficiente de Correlação de Spearman</i>	67
Tabela 39 – <i>Relação entre a Variável Consumir Drogas e os Comportamentos Violentos (CADRI)</i>	69
Tabela 40 – <i>Pontuação Mínima, Máxima, Média e Desvio Padrão do Número de Comportamentos Violentos</i>	69
Tabela 41 – <i>Comparação dos Comportamentos Violentos com o Consumo de Drogas</i>	70
Tabela 42 – <i>Relação entre a Variável Consumir Álcool e os Comportamentos Violentos (CADRI)</i>	70
Tabela 43 – <i>Pontuação Mínima, Máxima, Média e Desvio Padrão do Número de Comportamentos Violentos</i>	71

Tabela 44 – <i>Comparação dos Comportamentos Violentos com o Consumo de Álcool</i>	71
Tabela 45 – <i>Frequência de Vítimas de Violência no Namoro</i>	71
Tabela 46 – <i>Frequência de Vítimas de Violência no Namoro por Género</i>	72
Tabela 47 – <i>Frequência de Conhecimento de Vítimas de Violência no Namoro no Grupo de Pares</i>	72
Tabela 48 – <i>Resumo dos resultados obtidos para cada objetivo</i>	73
Tabela 49 – <i>Teorias que procuram clarificar a relação entre o álcool e a violência</i>	85

Lista de Figuras

Figura 1 – <i>Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Psicológica Masculina dos Rapazes (N=14) e das Raparigas (N=175)</i>	49
Figura 2 – <i>Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Sexual Masculina dos Rapazes (N=14) e das Raparigas (N=175)</i>	51
Figura 3 – <i>Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Sexual Feminina dos Rapazes (N=14) e das Raparigas (N=175)</i>	53
Figura 4 – <i>Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Masculina</i>	55
Figura 5 – <i>Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Feminina</i>	56
Figura 6 – <i>Diagrama de Dispersão da Violência Física Masculina</i>	57
Figura 7 – <i>Diagrama de Dispersão da Violência Física Feminina</i>	58
Figura 8 – <i>Diagrama de Dispersão da Violência Sexual Masculina</i>	59
Figura 9 – <i>Diagrama de Dispersão da Violência Sexual Feminina</i>	60
Figura 10 – <i>Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Feminina</i>	62
Figura 11 – <i>Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Masculina</i>	63
Figura 12 – <i>Diagrama de Dispersão da Violência Física Feminina</i>	64
Figura 13 – <i>Diagrama de Dispersão da Violência Física Masculina</i>	66
Figura 14 – <i>Diagrama de Dispersão da Violência Sexual Feminina</i>	67
Figura 15 – <i>Diagrama de Dispersão da Violência Sexual Masculina</i>	68

Violência no Namoro em Estudantes Universitários: Prevalência e Diferenças entre Géneros

Introdução

A violência entre pessoas unidas por laços de intimidade é um fenómeno que sempre existiu ao longo da história da humanidade. Tem-se demonstrado que a violência sob as mais diversas formas tem sido prática habitual desde os tempos mais longínquos (Gelles, 1997 *in* Caridade & Machado, 2006).

Apesar disto, a violência apenas foi constituída como sendo um problema social específico em meados do século passado, principalmente a partir da década de 60. A partir daí, a violência exercida contra as mulheres no contexto das relações íntimas tem sido objeto de forte e crescente atenção social ao nível internacional. Também em Portugal, principalmente a partir do início da década de 90, começou a haver uma maior consciencialização acerca da gravidade e da dimensão da problemática da violência nas relações de intimidade (Caridade & Machado, 2006).

Numa primeira fase, a investigação acerca da violência nas relações de intimidade centrou-se maioritariamente na violência conjugal (entre marido e mulher), passando, posteriormente, também a investigar-se a violência na intimidade entre faixas etárias mais jovens, a violência no namoro, que aparece comumente referenciada na literatura internacional como “dating violence” ou “courtship violence” (Caridade & Machado, 2006).

Este aumento do foco da atenção por parte da comunidade científica proveio da administração de inquéritos relacionados com a violência na intimidade a outros grupos sociais, sendo que estes inquéritos apresentaram níveis inquietantes de violência na intimidade juvenil e comprovaram que este tipo de abuso não se restringe às relações conjugais (Price & Beyers, 1999). Por outro lado, os

diferentes estudos têm evidenciado que nestes contextos, e nos casos em que a relação perdura no tempo, a violência tende a aumentar em termos de frequência e gravidade (Hamberg, Holtzworth & Munroe, 1994 *in* Caridade & Machado, 2006). Na realidade, geralmente, os casamentos em que há violência conjugal são precedidos de relações de namoro violentas e caracterizadas por estratégias de controlo e restrição da autonomia da mulher (Matos, 2000).

Apesar de, em Portugal, a investigação nesta área ser ainda escassa, começam a aparecer alguns projetos nesta área. Deste modo, existem estudos que, à semelhança deste, estão principalmente preocupados em determinar a prevalência dos diferentes tipos de abuso no relacionamento íntimo entre jovens adultos universitários (e.g., Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004), a par de outros que estendem este objetivo a outros grupos etários e sociais (e.g., estudantes do ensino secundário e em formação profissional, bem como jovens inseridos na vida ativa profissional) (Caridade & Machado, 2006). Ao mesmo tempo, começa-se a assistir à criação, implementação e avaliação da eficácia de programas de prevenção primária da violência em estudantes do ensino secundário (e.g., Silva & Matos, 2001; Caridade & Matos, 2003; APAV, 2004).

O simples facto da violência no namoro existir vem contrariar a ideia de que esta fase da vida dos jovens é a melhor fase da relação de um casal. A gravidade da violência no namoro tem também a ver com o facto de esta poder ser um prenúncio da existência de violência marital futura, quando a relação está já fundada e institucionalizada (Gonzalez-Ortega; Echeburúa e Paz de Coral, 2008).

O tipo de comportamento abusivo utilizado pelos jovens agressores tende a ser percebido pelas vítimas como sendo comportamentos passageiros, o que faz com que estas não os identifiquem como atitudes violentas. Deste modo, agrava-se a situação e as vítimas acabam por não fazer denúncia da mesma (Barilari, 2007).

Com este estudo exploratório sobre a violência no namoro em jovens estudantes universitários de Psicologia pretende-se compreender melhor o fenómeno da violência no namoro nesta população, determinar a prevalência de comportamentos violentos nas suas relações de intimidade, e as crenças dos estudantes de psicologia relativamente à violência no namoro. Procura-se também explorar as diferenças existentes ao nível das representações sociais face ao fenómeno da violência interpessoal.

O trabalho será organizado em duas partes, sendo que a primeira consiste na revisão teórica sobre a temática, e a segunda parte é dedicada ao estudo empírico. A primeira parte tentará compreender o que é a violência, discriminar as diferentes formas de manifestação da mesma, identificar os fatores de risco que lhe estão associados, analisar as possíveis crenças dos jovens face a este fenómeno e os modelos e teorias que têm surgido no âmbito deste fenómeno. A segunda parte apresentará os objetivos e variáveis, a metodologia do estudo, nomeadamente os participantes, os instrumentos usados e os procedimentos adotados na investigação, os resultados, a análise dos resultados obtidos, a sua discussão e as conclusões a tirar.

Enquadramento Conceptual

Violência

Etimologicamente, a palavra violência deriva do latim *violentia*, que significa violência (Houaiss & Villar, 2003). Segundo o Dicionário Houaiss, violência é a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”. No aspeto jurídico, o mesmo dicionário descreve o termo como o “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação”.

O conceito de violência varia, também, conforme a sociedade em que ele é analisado. Ou seja, o conceito de comportamento violento para um europeu pode diferir do mesmo conceito para um africano ou para um asiático (Oliveira, 2007).

Na definição da Organização Mundial de Saúde considera-se a violência como o uso intencional de força física ou de poder, real ou sob a forma de ameaça, contra si próprio, contra outro indivíduo ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha uma grande probabilidade de resultar em ferimentos, morte, problemas psicológicos, subdesenvolvimento ou privação (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002 in Ribeiro & Sani, 2008).

Tendo em conta todas as definições do conceito de violência, torna-se visível que é um conceito com vários sentidos possíveis e que é composto por uma pluralidade de aspetos. Houve momentos, na história da humanidade, em que a violência era vista como sendo um comportamento natural, de honra ou de desafio, sendo admitida ou até incentivada. No entanto, na atualidade, a suscetibilidade e intolerância face aos comportamentos considerados violentos faz com que haja uma maior atenção da sociedade aos comportamentos considerados violentos, havendo uma maior intervenção ao nível da prevenção e punição dos mesmos (Ribeiro & Sani, 2008).

Assim, considerando todo o conjunto de classificações possíveis para a violência, pode-se optar por organizar os distintos tipos de violência tendo em conta as dimensões que são afetadas pelos comportamentos violentos. Deste modo, pode-se considerar três tipos principais de violência: a violência física, a violência sexual e a violência psicológica, as quais podem, ou não, ser executadas concomitantemente (Oliveira, 2007).

Tipos de Violência

Segundo a Organização Mundial de Saúde (*cit in* Machado, 2010) as principais tipologias de violência existentes nas sociedades atuais podem ser agrupadas, essencialmente, em três categorias: violência autodirigida, violência interpessoal e violência coletiva.

A violência autodirigida diz respeito ao tipo de violência infligida sobre o próprio, podendo ser subdividida em comportamento suicida ou auto-abuso (WHO, *cit in* Machado, 2010). A violência coletiva, como o próprio nome sugere, diz respeito a todo o tipo de violência que é realizado por grupos de maiores dimensões (e.g., organizações terroristas, partidos políticos, Estado) e pode ser subdividida em violência social, violência política e violência económica (Machado, 2010). Por outro lado, a violência interpessoal (onde está incluída a violência no namoro), é toda a violência perpetrada por uma pessoa ou um pequeno grupo de pessoas contra outra(s) pessoa(s). A violência interpessoal pode ser subdividida em violência familiar, violência nos relacionamentos íntimos e violência comunitária (Machado, 2010).

WHO (*cit in* Machado, 2010) refere que os atos de violência podem ser de natureza física, psicológica, sexual ou estarem relacionados com a privação ou com a negligência. O'Keefe (2005) salienta, também, que a violência nos relacionamentos íntimos pode ocorrer através de várias formas (física, psicológica e sexual), em diversos contextos relacionais (e.g., namoro, conjugal) e nos

diferentes estratos socioeconómicos. Por último, Barreiros (2009) considera, de igual modo, que se podem caracterizar três tipos de violência – abuso físico, violência psicológica e abuso sexual –, sendo que estes tipos de abuso podem surgir concomitantemente.

Violência Física

A violência física é aquela que envolve um esforço físico, sendo os exemplos mais comuns o esbofetear, empurrar, puxar os cabelos, agredir com armas (brancas ou de fogo), etc. Este tipo de violência, nos casos mais extremos, pode implicar cuidados e tratamentos médico-hospitalares (APAV, 1998).

Esta violência pode ser diária ou cíclica, onde se combinam momentos de agressão física com fases mais calmas, sendo, por isso, difíceis de antever por parte da vítima (Matos, 2002). Em algumas ocasiões este tipo de violência pode ser fatal, podendo levar à morte da vítima ou do agressor (homicídio ou suicídio). A violência física é descoberta pela presença de contusões, de feridas, queimaduras, equimoses, hematomas, fraturas, cortes, lesões internas, entre outras lesões possíveis (Lourenço & Carvalho, 2001).

Violência Sexual

São considerados como sendo violência sexual todos os comportamentos de abuso, violação e assédio sexual. A violência sexual pode ser entendida como uma passagem ao ato, não desejada pela vítima, sendo uma agressão que tem como foco a sexualidade da pessoa mas que a afeta em todo o seu ser. As marcas físicas e psicológicas da violência sexual são frequentemente muito grandes e, nestes casos, não se pode falar apenas dos ferimentos, infeções sexualmente transmitidas ou das gravidezes não desejadas que resultam deste tipo de violência. Muitas vezes, o agressor faz uso da coação psicológica e do poder como estratégias para confundir a vítima (APAV, 1998). Este tipo de abuso acarreta algumas dificuldades no que diz respeito à prova da sua ocorrência, a não ser que seja acompanhado por lesões físicas. Os principais maus-tratos

sexuais são as violações genitais, anais e/ou orais, sendo também frequentes os toques indesejados, beijos forçados, pontapés em partes vulneráveis do corpo, coação para a prática de sexo em grupo, uso de objetos, tais como, garrafas ou paus, entre outros. Deste modo, sendo um crime punível por lei, a violação acarreta sempre uma carga emocional muito grande, desencadeando nas vítimas sentimentos de vergonha, nojo, vulnerabilidade, solidão e culpa (Walker, 1994 *in* Oliveira, 2004). As vítimas de violência sexual desenvolvem, muitas vezes, sintomas de perturbação de stress pós-traumático, medos, ansiedade, baixa autoestima e/ou problemas de adaptação social (Oliveira, 2007).

Violência psicológica

A violência psicológica é, frequentemente, tão ou mais nefasta do que a violência física, sendo caracterizada por rejeição, desvalorização, discriminação, humilhação, desconsideração, punições exageradas, isolamento, culpabilização, ameaças de abandono, gritos, injúrias, referências preconceituosas a determinadas características da vítima, como por exemplo, comentários racistas ou relacionados com algum tipo de deficiência. Leva muitas vezes ao surgimento de depressões, e em alguns casos mais graves pode mesmo conduzir ao suicídio (Lourenço & Carvalho, 2001). Trata-se de um ataque que não deixa marcas físicas visíveis (e por essa razão pode ser difícil de diagnosticar e provar a sua existência), mas que, emocionalmente, causa cicatrizes que se vão mantendo por toda a vida, corroendo assim a autoconfiança e a autoestima das vítimas (APAV, 1998).

Os fatores que influenciam o abuso psicológico são distintos, podendo ser de ordem emocional, económica, social, cultural, etc. As vítimas deste tipo de abuso limitam a sua liberdade de movimento e a sua disposição para os bens comuns. O peso que estes abusos têm na vítima varia em virtude do grau de violência exercida sobre esta e normalmente combina vários tipos de abuso, pois sempre que há

violência física ou sexual, há também violência psicológica (Lourenço & Carvalho, 2001).

Representações Sociais da Violência

O comportamento violento é sempre, por definição, social na medida em que pressupõe, como quase todos os comportamentos humanos, uma relação diádica. É uma interação social que tem a sua origem e se efetiva pela relação com o outro, sendo essa relação que condiciona e regula o repertório comportamental dos sujeitos (Moser, 1991, *in* Guimarães & Campos, 2007).

Deste modo, os julgamentos sociais acerca do que é violento são fundamentais e dependem da intensidade das atitudes do agressor, do nível de dor ou dano experienciado pela vítima, das intenções atribuídas ao agressor e das características deste (género, idade, entre outras). As características do sujeito que está a fazer o juízo social determinam, até certo ponto, a atribuição que este faz, conduzindo-o, por exemplo, a analisar os comportamentos observados tendo em conta o modo como ele próprio (observador) se comportaria numa situação idêntica (Feldman, 1979 *in* Ribeiro & Sani, 2008).

Tendo em conta as mudanças socioculturais, as escalas e critérios valorativos da sociedade atual, devido ao grande peso que os meios de comunicação têm e ao fácil acesso que o cidadão comum tem aos mesmos, fenómenos de violência explícita e até hedionda, têm perdido o seu carácter grave e excecional para passarem a ser notícias triviais que quase deixam indiferentes o público em geral (Guimarães & Campos, 2007).

De notar, ainda, a tendência, verificada sobretudo em estudos desenvolvidos com populações adolescentes (Campos & Guimarães, 2003 *in* Guimarães & Campos, 2007), para o reconhecimento de um comportamento como sendo violento somente em situações marcadas pela presença de violência física. Neste contexto, a violência é identificada apenas como violência física e são omissos

comportamentos menos manifestos como sejam a ameaça, a coação e a negligência (violência psicológica). Outro ponto importante no que concerne à representação social da violência diz respeito ao elevado número de jovens que se envolvem em situações de violência, quer como agressores, quer como vítimas. Aparentemente, a associação entre juventude (em especial o período da adolescência) e violência é uma problemática presente em grande parte das sociedades, desde as mais desenvolvidas e com melhores condições e qualidade de vida até às menos desenvolvidas (Guimarães & Campos, 2007).

Teorias desenvolvidas acerca da violência

A violência como reflexo de fatores intra-individuais e biológicos

As primeiras teorias que surgiram sobre a violência nas relações íntimas foram de carácter intra-individual (Tabela 1) (Matos, 2006). Essencialmente, estas teorias têm como foco da sua atenção um conjunto de fatores que podem ser considerados predisponentes para que haja agressão na intimidade, tentando principalmente perceber os atos do agressor, tendo em conta as suas características biológicas e psicológicas (Hydèn, 1995).

Por outro lado, estas perspetivas intra-individuais da violência, têm ainda o objetivo de descrever a personalidade das vítimas, tentando identificar quais os traços psicológicos das vítimas que as levam a suportar os maus tratos impostos pelo agressor ou que as “predeterminam” para sofrerem maus tratos, contribuindo elas próprias para a sua própria vitimação. (Hydèn, 1995).

Tabela 1 – *Teorias da violência que colocam a ênfase em fatores intra-individuais e biológicos*

Teoria de que a violência terá uma origem psicopatológica ou será o reflexo da	Coloca a hipótese de que existem questões individuais específicas que podem ser causadoras de comportamentos violentos fora do normal, havendo autores que apontam as dificuldades de expressão da
---	--

personalidade do agressor (Matos, 2006)	raiva como causa possível da violência (Buzawa & Buzawa, <i>cit in</i> Matos, 2006)
Teoria de que a violência pode ser o produto das dependências do maltratante (Matos, 2006)	Coloca a ênfase no consumo de drogas e/ou álcool por parte do agressor (Doerner & Lab, 1995 <i>in</i> Matos, 2006)
Teoria de que a violência pode ter uma causa biológica (Matos, 2006)	Coloca a ênfase na ideia de que determinadas condições biológicas podem ajudar a explicar os comportamentos violentos (Matos, 2006). No entanto, estes autores rejeitam a ideia de que o comportamento violento tenha base unicamente genética (Harway & O'Neill, 1999 <i>in</i> Matos, 2006)
Hipótese da existência de fatores de predisposição na vítima (Matos, 2006)	Coloca a ênfase nas possíveis diferenças que possam existir entre as mulheres maltratadas e aquelas que não o são, quer ao nível dos traços de personalidade, quer ao nível do carácter psicopatológico, tentando identificar os motivos que levam a vítima a permanecer na relação. Alguns autores chegam a alegar que a vítima sofrerá de algum tipo de patologia pela sua não-mudança comportamental (Buzawa & Buzawa, 1996 <i>in</i> Matos, 2006). Outros colocam a hipótese de que a vítima pode estar num certo “adormecimento” psicológico que, até certo ponto, pode explicar o abuso (Foreman & Dallos, 1993 & Rothenberg, 2002, <i>in</i> Matos, 2006)

Esta teoria dos fatores de predisposição da vítima (Tabela 1) tem sofrido bastantes críticas (Tabela 2) (Alexander, 1993).

Tabela 2 – *Críticas às teorias dos fatores de predisposição da vítima*

A patologização da vítima apenas diz respeito a uma minoria de vítimas e são necessários mais estudos (Alexander, 1993);
Críticas em relação às metodologias utilizadas (Alexander, 1993);
As incompetências ou “comportamentos patológicos” atribuídos às vítimas tornavam-nas, de algum modo, responsáveis pela continuidade da violência

(Margolin et al., 1988 <i>cit in</i> Matos, 2006);
Ao centrar-se no lado psicopatológico das vítimas corre-se o risco de se pôr a ênfase nas soluções individualizadas, centradas na vítima, para resolver o problema e de negligenciar ou omitir outros fatores que possam explicar a violência (Gonçalves, 2003);
O facto de as vítimas continuarem na relação abusiva não resulta necessariamente de uma personalidade ou psicopatologia tipificada, sendo sim o produto de uma complexidade de fatores (sociais, económicos, psicológicos, por vezes psicopatológicos, etc.) (Rothenberg, 2003);
Ferraro (1998, <i>cit in</i> Rothenberg, 2003) refere ainda que a questão da continuidade da vítima na relação é uma forma de nos desviarmos do verdadeiro eixo do problema (porque é que os agressores atacam as vítimas e não tanto porque é que as vítimas se mantêm no relacionamento depois da agressão (Rothenberg, 2003).

Concluindo, as teorias intra-individuais da violência têm que ser entendidas com um certo cuidado. Em primeiro lugar, a patologização da vítima e do agressor só se aplica a uma minoria (Alexander, 1993; Campbell & Landerburger, 1995, *cit in* Matos, 2006) e, em segundo lugar, a investigação nesta área tem demonstrado que este tipo de teorias ignora os aspetos sociais e contextuais que também devem ser considerados na análise dos casos de violência (Palacios et al., 1998, *cit in* Alarcão, 2000).

A violência como resultado dos sistemas sociais e familiares

As teorias que se incluem neste grupo de explicações para os comportamentos violentos centram a sua atenção no contexto (e.g., familiares) e nos padrões de interação pessoal (e.g., problemas comunicacionais) que caracterizam as relações íntimas onde ocorrem comportamentos violentos (Matos, 2006).

Tabela 3 – *Vantagens e desvantagens desta abordagem aos sistemas sociais e familiares*

Vantagens	Desvantagens
Agressor, em grande parte dos casos, não é violento fora do contexto da relação (Anderson & Schlossberg, 1999)	Não explicam as diferenças que aparecem entre pessoas com ambientes familiares e padrões internacionais

<i>in</i> Matos, 2006)	semelhantes (Dias, 2004)
Violência é circunstancial e não constante (Anderson & Schlossberg, 1999 <i>in</i> Matos, 2006)	Não explicam porque algumas vítimas procuram ajuda ativamente e outras não (Dias, 2004)
Ausência de um perfil único de vítima ou agressor (Anderson & Schlossberg, 1999 <i>in</i> Matos, 2006)	Não explicam a transversalidade em termos de estratos socioeconómicos e geográficos (Dias, 2004)
Maioria das relações violentas mantém-se no tempo (Anderson & Schlossberg, 1999 <i>in</i> Matos, 2006)	

Há duas conceptualizações alternativas sobre os sistemas sociais e familiares que têm parecido ser especialmente importantes e serão discutidas com mais pormenor: *a perspectiva intergeracional do abuso* e *a análise dos modelos relacionais típicos dos casais onde ocorre violência* (Matos, 2006).

A teoria da transmissão intergeracional da violência tem inerente a ideia de aprendizagem social, que nos diz que o comportamento de cada sujeito é determinado pelo ambiente do qual este faz parte, especialmente pelos seus familiares, através de mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coação (Gelles, 1979; Margolin et al., 1988 *cit in* Cox & Stoltenberg, 1991).

Alguns autores dizem-nos ainda que a modelagem não se verifica apenas através de mecanismos vicariantes, como a observação, mas igualmente por outros mecanismos propiciados pela exposição à violência, como certas características de personalidade que suportam a agressão na intimidade (e.g., tendência para externalizar a responsabilidade, demonstrar emoções desproporcionais para fazer frente a uma rejeição ou abandono), sendo que estes mecanismos, muitas vezes, representam os efeitos a longo prazo de uma vitimação vicariante (Dutton, 1995 *in* Matos, 2006).

As aprendizagens por parte dos filhos de casais onde existe violência na relação facilitaria, futuramente, desempenhos semelhantes nas suas relações de intimidade, quer assumindo o papel

de vítima quer assumindo o papel de agressor. Deste modo, esta ideia tem três premissas básicas: a) a probabilidade de um indivíduo se tornar violento aumentaria se este tivesse vivido num lar violento durante o seu crescimento; b) a probabilidade de uma vítima continuar com um par violento está relacionada com o facto de ela ter vivido num lar violento durante a sua fase de crescimento; c) indivíduos que viveram em lares violentos tendem a relacionar-se intimamente com outros indivíduos que também viveram em lares violentos durante o seu crescimento (Pollak, 2003).

Esta ideia de que os filhos de casais onde existe violência no seio da relação podem, no futuro, demonstrar desempenhos semelhantes (quer como agressores quer como vítimas) nas suas relações de intimidade, tem obtido algum suporte empírico através de várias investigações (Matos, 2006).

Sabemos, no entanto, que esta rede de determinações intergeracionais não é assim tão linear. Tendo em conta as várias investigações nesta área, um background familiar violento nem sempre pré-determina um adulto violento ou vitimizado (Matos, 2006). Deste modo, nestas dinâmicas de reprodução comportamental, em relação às famílias de origem, podem haver bastantes fatores mediadores (Pollak, 2003).

Uma outra teoria sociopsicológica tem pretendido explicar a manutenção de uma relação abusiva através do argumento da «vinculação traumática» (Painter & Dutton, 1985, *cit in* Dutton & Painter, 1993). Este conceito diz respeito a uma ligação emocional forte entre dois indivíduos em que um deles, de forma descontinuada com momentos positivos, agride, ameaça ou atemoriza a outra. Isto manifesta-se, habitualmente, numa grande dependência psicológica e num sentimento de ambiguidade emocional face ao parceiro agressor, sendo que nalguns casos, a vítima sente uma enorme dificuldade para abandonar a relação e, por vezes, entra numa certa dinâmica que a faz voltar à relação. É um pouco o que acontece nos casos em que há

Síndrome de Estocolmo. A vítima acaba por criar um sentimento de interdependência e ambivalência emocional face ao agressor que pode inclusivamente estender-se mesmo depois de haver uma separação física entre ambos (Matos, 2006).

Nesta perspetiva não é tanto a presença de conflitos que distingue entre as relações abusivas e as que não o são. O que realmente importa é a forma como os conflitos, mesmo os que são inevitáveis nos relacionamentos, são dirigidos, administrados e negociados entre os dois elementos da relação (e.g., há ou não competências comunicacionais construtivas?). Quando estes elementos interacionais do relacionamento são combinados com outras questões contextuais (como por exemplo haver ou não violência na família de origem, etc.) o risco de surgir violência na relação íntima poderá aumentar (Anderson & Schlossberg, 1999).

Estas teorias devem ser abordadas com alguma cautela já que quando se coloca uma ênfase excessiva nos padrões interacionais e nos conflitos de casal, através da ideia de que os dois membros do casal contribuem para a violência, pode-se estar, ainda que indiretamente, a contribuir para a ideia de que os problemas do casal devem ser apenas resolvidos na sua intimidade (Matos, 2006).

A violência como produto dos discursos socioculturais

As teorias socioculturais da violência têm-se dedicado a analisar todos os possíveis fatores (históricos, culturais, etc.) que possam ter vindo a contribuir para a violência nos relacionamentos (Hydèn, 1995).

Apesar de a literatura neste campo ser escassa, salientam-se principalmente as teorias críticas e os movimentos feministas que procuram resposta às diferentes perguntas sobre o modo como a cultura, a história e os fatores socioculturais têm vindo a influenciar a violência nas relações íntimas. Preocupam-se também com o modo como é feita a intervenção neste domínio (Matos, 2006).

Tabela 4- *Críticas mais frequentes às teorias que vêm a Violência como produto dos discursos socio culturais*

Base empírica que carece de mais investigação; (Matos, 2006)
Baseiam-se excessivamente em estudos qualitativos ou estudos de caso; (Matos, 2006)
Não explicam os diferentes comportamentos (violentos ou não violentos) de casais, com o mesmo background sociocultural, na sua intimidade; (Gordon, 2000)
Seriam necessários mais estudos para esclarecer melhor quais poderão ser os fatores mediadores (Matos, 2006).

No entanto, apesar de estes estudos serem importantes e deixarem clara a ideia de que poderá haver uma relação entre cultura e violência, não são suficientemente elucidativos na resposta às questões fundamentais: como é que a cultura intervém na violência? Como é que o enraizamento cultural da violência contamina as práticas dos agressores? Serão necessárias mais investigações que procurem responder a estas questões (Matos, 2006).

Os discursos construídos em torno da violência na intimidade

As perspetivas feministas, especialmente, têm dado ênfase à função que as mensagens sociais e culturais podem ter na normalização e aceitação dos comportamentos violentos na intimidade (Buzawa & Buzawa, 1996 *cit in* Matos, 2006). Há vários autores que têm vindo a ponderar a ideia de que a cultura pode vir a influenciar a violência nas relações íntimas de variadíssimos modos (Matos, 2006).

Há algumas posições socioculturais em torno do fenómeno da violência que vêm demonstrar alguma tolerância face aos maus tratos; estas aparecem divulgadas nos discursos e na cultura (e.g., o facto de se considerar que algumas das condutas das mulheres tornam os maus tratos aceitáveis, a famosa frase “entre marido e mulher não se mete a colher” que remete para uma certa privacidade do casal que não deverá ser quebrada nem mesmo em casos de violência, a atribuição da violência a fatores externos como o álcool ou as drogas, a

normalização de alguns atos de violência que possam ser menos graves, etc.) (Matos, 2006).

Estas são apenas algumas das crenças que podem ser entendidas como «racionalizações socialmente aprovadas acerca da violência» (Ptacek, 1988, *cit in* Matos, 2006). As próprias vítimas também partilham a ideia de que a sociedade, ao manter-se em silêncio e com uma postura de indiferença e de alguma cumplicidade, de certo modo, consente, ainda que implicitamente, o comportamento maltratante por parte dos agressores (Ghez, 2001 *in* Matos, 2006).

Várias investigações têm validado esta conceção. No entanto, é necessário saber porque é que só alguns indivíduos parecem ser afetados por esses discursos culturais (Matos, 2006).

Deve ainda ser realçado que, segundo alguns autores, estes discursos culturais em torno da violência parecem ser típicos de determinadas populações, podendo isso ter repercussões na prática (Matos, 2006).

Os discursos construídos em torno do poder e do género

Segundo esta abordagem teórica, na fonte e na perpetuação da violência estão manifestas desigualdades estruturais e também estereótipos (de género, de poder, etc.) que tendem a perseverar e são suportados de modo geral pela sociedade e pela família em particular. Alguns autores têm mesmo conseguido estabelecer uma certa relação entre determinadas estruturas de organização social e familiar e a violência na intimidade (Matos, 2006).

Na leitura feminista, grande parte das atitudes violentas, traduzem uma “cultura” que é tolerante em relação aos maus tratos, e são exemplos da relação entre a herança de um sistema patriarcal e a violência na intimidade. As sociedades patriarcais alimentam, de certa forma, as diferenças de género e de poder, ao tolerarem, até certo ponto, a violência para com as mulheres (Sugarman & Frankel, 1996).

Para as feministas a própria socialização dentro da família pode também contribuir para manter ou aumentar atitudes de

tolerância no que diz respeito ao uso da violência nas relações íntimas e para apoiar concepções tradicionais acerca dos papéis dos dois géneros (Foreman & Dallos, 1993 *cit in* Matos, 2006).

Estas concepções tradicionalistas acerca dos papéis de género acabam por criar, em certos casos, um conjunto de atitudes estereotipadas para os dois sexos (masculino e feminino), o que cria ideias mais ou menos rígidas acerca do que é suposto ser o desempenho de cada um dos géneros (e.g., o dever de resignação da mulher, autoridade do homem). Alguns agressores, vítimas e mesmo parte da sociedade parecem depois conformar-se com estes estereótipos e ter atitudes negativas quando estas ideias são desafiadas por outra pessoa (Matos, 2006).

É possível encontrar algumas investigações que realçam a influência das ideologias tradicionais acerca do género na violência na intimidade. No entanto, é preciso perceber como é que essas ideologias parecem influenciar os indivíduos e porque influenciam uns e não influenciam outros (Matos, 2006).

Modelos multidimensionais para a compreensão da violência na intimidade

A partir das diversas teorizações acerca desta problemática pode-se concluir que não existem causas únicas, que não parecem haver respostas concludentes para explicar a violência na intimidade, sendo possível fazer diversas leituras de cada situação. Todavia, cada uma destas abordagens teóricas oferece contributos importantes a diferentes níveis (Matos, 2006).

Ainda que algumas destas teorias sejam mais consensuais, nenhuma por si só permite compreender totalmente, todas as situações em que ocorre violência nos relacionamentos (Anderson & Schlossberg, 1999). Nesse sentido, tem sido dado cada vez mais ênfase aos modelos multidimensionais, já que permitem uma compreensão mais abrangente e integrada do fenómeno da violência (Jasinski, 2001).

Tabela 5 – *Modelos Multidimensionais mais conhecidos*

Modelos Multidimensionais	Descrição
Teoria de Gelles (1983, cit in Jasinski, 2001)	Gelles abrangeu os princípios da teoria da troca e da teoria do controlo social e apoia a ideia de que a violência será mais frequente quando há mais recompensas do que punições em praticar o comportamento agressivo (Gelles, 1983 in Jasinski, 2001)
Modelo Social etiológico, proposto por Heron, Javier, McDonald Gomez e Adlerstein (1994, cit in Jasinski, 2001)	Os autores propõem que há uma interação de fatores estruturais (e.g., domínio do sexo masculino, hierarquia familiar) e de fatores pessoais (e.g., aceitação da violência como forma de resolver os problemas com a mulher) quando ocorre violência contra a mulher (Jasinski, 2001)
Modelo ecológico de Corsi (1995, cit in Alarcão, 2000)	Envolve um maior nível de integração, considerando influências a três níveis na construção da violência familiar: o nível de microsistema – considera fatores intra e inter-individuais; o exossistema – considera a legitimação institucional da violência e a insuficiente legislação existente, bem como os modelos violentos dos mass media e a vitimação secundária - e o macrossistema – considera os fatores socioculturais, os papéis familiares e os direitos e responsabilidades de cada um (Corsi, 1995 in Alarcão, 2000)
Modelo de O’Neil & Harway (1999)	Tem em conta os fatores de risco, para o exercício masculino da violência na relação íntima, de resiliência e percebe o modo como estes interagem. O seu objetivo é desenvolver programas interventivos dirigidos aos casais envolvidos (O’Neil & Harway (1999)

Todos estes modelos (descritos na Tabela 5) necessitam ainda de mais investigação para que as suas propostas teóricas sejam validadas e, neste sentido, a procura de explicações para esta problemática da violência nas relações íntimas continua ainda em aberto (Matos, 2006).

Violência no namoro

O namoro representa um tipo de relação interpessoal na qual há experimentação sentimental e/ou sexual entre duas pessoas que, podendo não ter nada ou quase nada em comum, criam entre si uma forte relação afetiva (Oliveira, 2004).

Uma grande incoerência na natureza humana é o facto de alguns dos piores casos de violência e de ofensas pessoais ocorrerem no contexto de uma relação amorosa (Arriaga & Stuart, 1999 *in* Oliveira, 2004). No entanto, é sabido que a violência nas relações íntimas é algo que acontece desde os tempos mais remotos da humanidade (Gelles, 1997 *in* Oliveira, 2004).

Dois autores, Sugarman e Hotaling (1991, *cit in* Jackson, 1999), fizeram uma proposta para chegar a uma definição de namoro tendo em conta três dimensões: o compromisso, a interação futura e a intimidade física. Simultaneamente, admitiram que numa relação de namoro essas dimensões podem variar consideravelmente.

De acordo com Olivier (2001) o facto de surgir violência numa relação amorosa pode ser um entrave para uma relação duradoura entre duas pessoas. Habitualmente, a violência surge entre casais que querem ser iguais e julgam que, na realidade, o são, e que, quando descobrem as diferenças (por vezes enormes) entre eles, sofrem uma decepção e podem tornar-se violentos. Ninguém consegue ser tão violento e, por vezes, mortífero para com o outro do que quem ama apaixonadamente (Olivier, 2001).

Os conflitos nos namoros estão, muitas vezes, relacionados com a transgressão dos papéis sociais atribuídos às mulheres, numa postura conservadora (Jewkes, 2002 *in* Oliveira, 2004).

Namorar é uma das atividades centrais na vida dos adolescentes e jovens que vão construindo as suas identidades, em parte, pelas experiências que vão tendo ao longo da vida, sendo que as interações a nível amoroso estão incluídas nestas experiências. A

grande maioria entra nas suas relações amorosas com expectativas de encontrar amor, amizade, de ter relações sexuais e de ser feliz. E, neste sentido, é sempre problemático quando estes jovens encontram violência (física, sexual ou psicológica) naquelas que são as suas primeiras relações amorosas (Jackson, 1999).

Apesar de nos, primeiros tempos, o estudo da violência nos relacionamentos íntimos ter colocado maior ênfase na violência doméstica e no abuso de menores, nas últimas décadas os estudos realizados vieram contrariar a ideia de que a violência no namoro seria um fenómeno raro e, nesse sentido, tem-se dado cada vez mais importância ao seu estudo (Oliveira, 2004).

Frequentemente, a violência no namoro aparece sob a forma de violência psicológica (ameaças de término da relação, chantagem emocional, destruição da autoestima do outro, entre outros exemplos). Este tipo de violência (violência psicológica) aparece com maior regularidade nas raparigas do que nos rapazes (Archer, 2000; Muñoz-Rivas, Graña, O’Leary & González, 2007). Ao não se abordar esta faceta da violência, os jovens adolescentes podem não lhe dar importância e não a perceber como sendo o princípio de uma escalada de violência (Hernando, 2007; Barilari, 2007).

Atualmente fala-se também num outro tipo de violência, que é pouco identificado como tal pelos jovens, e é designada por stalking. O stalking consiste num padrão de comportamentos de assédio persistente e traduz-se em formas diversas de comunicação, contacto, vigilância e monitorização de uma pessoa - alvo. Este tipo de comunicação e contactos indesejados pode causar um impacto negativo e muitas vezes gravoso para as vítimas de stalking (Purcel, Moller, Flower & Mullen, 2009).

De acordo com um estudo nacional divulgado em 2008 (Caridade, 2008; Machado, Caridade, & Martins, 2009), realizado com uma amostra constituída por 4667 jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 29 anos, um em cada quatro jovens já

teria sido vítima de violência nos seus relacionamentos íntimos. Estes dados, que vieram alertar a sociedade portuguesa para a relevância da intervenção com os mais jovens, vieram reforçar o que os dados internacionais já teriam revelado (Saavedra, 2010).

Prevalência da violência nas relações íntimas Juvenis

A fase da adolescência, como já foi referido, é uma fase de vida em que, habitualmente, surgem diversas experiências de relacionamento. É nesta fase que aparecem e se clarificam as identidades sexuais e de género (Paul & White, 1990 *cit in* Jackson, 1999). Apesar disto, algumas vezes, neste período também aparecem dinâmicas sociais mais adversas, como a violência (Caridade & Machado, 2006).

Tabela 6 – Possíveis causas de algumas das divergências encontradas nos relativamente aos dados da prevalência da violência

A dificuldade em encontrar uma definição unânime do conceito de violência pode originar algumas divergências relativamente aos dados da prevalência (Arriaga & Oskamp, 1999 <i>in</i> Caridade & Machado, 2006);
A grande variedade de instrumentos e/ou metodologias que existem para calcular a prevalência dos comportamentos violentos (Glass, Fredland, Campbell, Yonas, Sharps & Kub, 2003);
A inexistência de estudos longitudinais acerca do fenómeno (Glass, Fredland, Campbell, Yonas, Sharps & Kub, 2003);
As diferenças encontradas entre diferentes amostras populacionais (Glass, Fredland, Campbell, Yonas, Sharps & Kub, 2003);
O facto de se dar maior relevância à violência física, fazendo com que, por vezes, a violência psicológica e a violência sexual sejam deixadas para trás (Gover, 2004).

Mesmo tendo em conta estas dificuldades, atualmente sabe-se que os jovens ao envolverem-se em relações íntimas vão experimentando múltiplos tipos de abuso (e.g., físico, psicológico, sexual). Deste modo vai-se começando a perceber a verdadeira dimensão deste fenómeno (Tabela 7) que ficou esquecido durante

muitos anos, principalmente devido ao facto de a maioria dos estudos se ter concentrado nas relações maritais (Caridade & Machado, 2006).

Tabela 7 – *Estudos Internacionais e Nacionais acerca da prevalência da Violência no Namoro*

Estudo	Resultados
Berry (2000, in Caridade & Machado, 2006)	Entre 20% e 30% dos jovens envolvidos em relações de namoro, experienciaram situações de violência
Moffitt, Caspi, Fagan & Silva (1997)	Prevalência da violência entre jovens adultos está entre os 21.8% e os 55%
Gómez, Méndez-Valdivia, Izquierdo, Muniz, Díaz, Herero & Coto, 2002 cit in Machado, Matos & moreira, 2003)	Entre as mulheres que foram vítimas de maus-tratos nas suas relações amorosas e pediram apoio, em 18.2% dos casos, já teria havido agressões antes do casal coabitar
Machado, Matos & Moreira (2003)	15.5% dos sujeitos envolvidos em relações de namoro, já teriam sofrido pelo menos um ato de violência e 21.7% já teriam adotado comportamentos violentos na sua relação
Paiva & Figueiredo (2004)	Concluíram que a agressão psicológica é o tipo de abuso mais prevalente (53.8-50.8%), seguido da coerção sexual (18.9-25.6%) e do abuso físico sem sequelas (16.7-15.4%), sendo o abuso físico com sequelas menos frequente (3.8-3.8%).

Os estudos realizados em Portugal com estudantes universitários têm demonstrado que há uma percentagem significativa de estudantes que adota comportamentos violentos dentro das suas relações íntimas (Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004).

Ao analisarmos mais pormenorizadamente os comportamentos violentos fica evidenciado na literatura que, habitualmente, apesar de os comportamentos violentos maritais e no namoro serem semelhantes, aparecem atos “mais graves” de violência na relação

marital e “menos graves” no namoro. (Gelles, 1997 *in* Caridade & Machado, 2006). Price, Byers e o Dating Violence Research Team (1999) fizeram uma análise de vários estudos de outros autores e concluíram que o abuso verbal tem uma prevalência entre os 11% (Bergman, 1992) e os 15% (Mercer, 1988), o abuso físico oscila entre os 9% (Roscoe Calhan, 1995) e os 43% (O’Keefe, 1997) e o abuso sexual varia entre os 16% (Bergman, 1992) e os 20% (Mercer, 1988). Relativamente ao abuso sexual é de realçar que alguns dados empíricos indicam que a violação, entre outros tipos de violência sexual, aparecem mais nas relações de namoro (Berry, 2000 *cit in* Caridade & Machado, 2006). Assim, Michael (1994, *cit in* Machado, Matos & Moreira, 2003) menciona que entre as mulheres que foram questionadas acerca de experiências de vitimação sexual, 22% declararam que os seus namorados as forçaram a praticar atos sexuais indesejados. No mesmo sentido, Day (1994 *cit in* Caridade & Machado, 2006) refere que entre as violações que envolvem estudantes universitárias, perto de 45% são cometidos pelos respetivos namorados.

Tendo em conta estes dados, é fundamental mencionar que, apesar de a violência no namoro ser caracterizada por atos tendencialmente “menos graves”, podem também surgir formas de violência mais severas (quer seja violência física, psicológica ou sexual) (Caridade & Machado, 2006). As relações íntimas da população jovem são também caracterizadas, muitas vezes, por comportamentos de coerção, intimidação, isolamento e outras táticas de controlo (Arriaga & Oskamp, 1999 *in* Caridade & Machado, 2006).

Os dados empíricos resultantes dos estudos realizados com estas faixas etárias têm vindo a confirmar que a violência nas relações de namoro dos jovens pode acontecer desde a pré-adolescência ou adolescência até à idade adulta (Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000).

Alguns autores referem que entre 12% a 59% dos estudantes universitários já sofreram algum tipo de violência nas suas relações de

namoro (Bergman, 1992; Foshee et al., 1996 *cit in* Black & Weisy, 2003).

Crenças e Atitudes envolvidas nos comportamentos violentos

Alguns autores (e.g. Worcester, 2002) defendem que para se fazer uma análise dos comportamentos violentos nos relacionamentos devem ter-se em conta fatores como o contexto social, histórico, cultural, económico, bem como os diferentes papéis, posições sociais e oportunidades de cada homem e mulher envolvido (Caridade & Machado, 2006).

Relativamente à legitimação dos comportamentos de violência, geralmente, os estudos mais quantitativos (Mercer, 1988; O'Keefe, 1997 *cit in* Price & Byers, 1999) têm concluído que os adolescentes, de ambos os sexos, parecem ter uma baixa concordância no que diz respeito ao uso da violência nos relacionamentos (Caridade & Machado, 2006). Os mesmos dados têm sido encontrados nos estudos portugueses realizados neste domínio (e.g., Machado, Matos & Moreira, 2003; Silva & Matos, 2001). Uma explicação para estes dados pode ter a ver com a importância que os media têm dado ao fenómeno da violência nos relacionamentos e com os programas de prevenção da violência - ainda que em número reduzido - que têm sido promovidos por algumas escolas (Caridade & Machado, 2006).

No entanto, outras investigações têm evidenciado que ainda há um número significativo de jovens (mesmo sendo uma minoria) que têm uma opinião favorável relativamente ao uso de algum tipo de violência nas relações de namoro (Price & Byers, 1999). Outras investigações vêm realçar que há um número considerável de adolescentes (25% a 35%) que vê a violência no relacionamento como sendo um ato de amor (Glass et al, 2003).

Segundo os estudos realizados em Portugal (Machado, Matos & Moreira, 2003; Silva & Matos, 2001) os homens parecem concordar mais do que as mulheres com estas crenças que vêm, de algum modo,

legitimar a violência. Machado, Matos e Moreira (2003) referem que os rapazes aderem mais às ideias de que a violência pode ser, até certo ponto, justificada pelo comportamento das mulheres. Segundo os mesmos autores, os rapazes parecem dar mais importância à perseverança da privacidade da família e têm a crença de que a violência poderá ser explicada por causas externas que fogem ao controlo do agressor (e.g. álcool). Desta forma, aparentemente, os rapazes parecem dar menos importância à “pequena violência” nos relacionamentos íntimos, minimizando-a (Machado, Matos & Moreira, 2003).

Num outro estudo, ficou evidenciado que os rapazes têm uma perceção de si próprios como sendo mais poderosos do que as suas companheiras, o que está relacionado com os modelos dominantes da sua cultura. Deste modo, os rapazes têm uma postura de poder, competitividade e controlo, e procuram que nos seus relacionamentos haja uma continuidade destes papéis de género mais tradicionais da sua cultura (Wolfe, Wekerle & Scott, 1996 *cit in* Caridade & Machado, 2006; Makepeace, 1986 *cit in* Jackson, 1999).

Por seu turno, as raparigas jovens parecem ainda misturar ciúme com amor, o que faz com que, por vezes, vejam a violência como algo normal num relacionamento amoroso (Wolfe, Wekerle & Scott, 1996 *cit in* Caridade & Machado, 2006). Bergman (1992 *cit in* Black & Weisy, 2003), ao realizar um estudo com estudantes universitários, verificou que 75% das raparigas vítimas de violência nos seus relacionamentos, tal como acontece nos relacionamentos conjugais, continuavam a permitir a perpetuação da violência por parte dos seus pares amorosos.

O ciúme aparenta, também, ter um papel importante nas auto-atribuições para a violência dos rapazes (Gagne & Lavoie, 1993 *cit in* Machado, Matos & Moreira, 2003). Eles, tendencialmente, explicam a violência como sendo um ato de revolta (Patterson & Olday, 1999 *cit in* Machado, Matos & Moreira, 2003), uma experiência de confusão e

relacionada com o amor (e.g., Henton et al., 1983; Roscoe & Callahan, 1985 *cit in* Machado, Matos & Moreira, 2003) ou como consequência do ciúme. Gagne & Lavoie (1993, *cit in* Machado, Matos & Moreira, 2003) referem também que as raparigas parecem pensar que os seus companheiros recorrem à violência para as intimidar, enquanto os rapazes referem recorrer à violência como consequência de “provocações” feitas pelas mulheres.

Assim, estes dados relativos às atitudes e crenças em relação à violência na população mais jovem parecem ir de encontro ao que tem vindo ao que se tem constatado entre os adultos (Machado, 2005).

Num trabalho realizado por Price e Byers (1999), em que a relação entre as atitudes de género tradicionais e a violência sexual são exploradas mais profundamente: conclui-se que as raparigas jovens, em muitas ocasiões, quando pressionadas, anuem às vontades dos seus companheiros pela noção que têm de que a mulher deve ter um papel em que é subordinada pelo homem e por sentirem que podem perder os seus parceiros se não o fizerem.

Por último, Black & Weisy (2003) referem que os adolescentes que passam por situações de violência nos seus relacionamentos amorosos raramente pedem ajuda; apenas 9% das vítimas parecem recorrer aos órgãos judiciais para denunciar os abusos. Isto pode acontecer pelo medo de que lhes possa ser atribuída alguma culpa ou de que a informação se espalhe (e deste modo seja quebrada a sua confidencialidade) (Foshee et al., 1996 *cit in* Black & Weisy, 2003), por temerem que os adultos ao saberem da violência os obriguem a terminar imediatamente aquele relacionamento (Moffitt & Caspi, 2002), por acharem que não vale a pena porque ninguém os vai ajudar (Black & Weisy, 2003), ou por temerem que haja algum tipo de punição parental já que, por vezes, estes abusos ocorrem em situações em que terão havido condutas que são proibidas pelos pais, tal como o consumo de álcool (Moffitt & Caspi, 2002). Entre os jovens que decidem contar a sua situação a alguém, cerca de 67% dos casos

dirigem-se aos seus amigos, 17% recorrem às mães, 10% aos pais e 2% aos professores (Black & Weisy, 2003).

Fatores de risco para a violência

Tem havido toda uma panóplia de investigações que tentam identificar os fatores que podem ajudar a fomentar os comportamentos violentos nas relações de namoro entre jovens (Tabela 8) (e.g., O’Keefe, 1998; Glass et al., 2003; Lewis & Fremouw, 2001; Chase, Freboux & O’Leary, 2002; Gover, 2004).

Tabela 8 – *Principais fatores de risco para a violência identificados na literatura*

Para além da questão das atitudes (já abordada anteriormente), importa realçar a importância da autoestima, do estatuto da relação (duração, estabilidade, etc.), das experiências em relacionamentos anteriores e das aptidões de comunicação interpessoal (Arriaga & Oskamp, 1999 <i>cit in</i> Caridade & Machado, 2006);
Outros trabalhos (e.g., Dahlberg, 1998 <i>cit in</i> Glass et al., 2003; Lewis & Fremouw, 2001) adicionam o funcionamento familiar, a ausência de práticas educativas adequadas, o isolamento social e a falta de competências de resolução de problemas (Caridade & Machado, 2006);
Há ainda mais estudos (e.g., Coker et al., 2000; Lavoie et al., 2000; Magdol et al., 1997 <i>cit in</i> Gover, 2004) que encontram uma relação entre o abuso de álcool ou drogas e a perpetuação de comportamentos violentos (Caridade & Machado, 2006);
Em relação à violência sexual, os fatores de risco são sobretudo a existência de atividade sexual precoce das vítimas, a sua baixa autoestima e o facto de terem passado por experiências anteriores em que foram vítimas de violência sexual (Ellickson & McGuigan, 2000; Silverman et al., 2001 <i>cit in</i> Glass et al., 2003).

De todos os fatores de risco que têm vindo a ser identificados na literatura, o que tem criado mais polémica é a exposição à violência durante a infância (Caridade & Machado, 2006). Deste modo, há autores que defendem a existência de uma relação entre testemunhar-se violência na infância e ter comportamentos violentos no namoro (Riggs et al., 1990 *cit in* O’Keefe, 1998), enquanto outros afirmam que não há qualquer relação entre os dois acontecimentos (Comings, 1984 *cit in* O’Keef, 1998). Apesar disto, há alguns estudos que vêm

realçar a existência desta associação (Glass et al., 2003), como por exemplo, os estudos de Dahlberg (1998, *cit in* Glass et al., 2003) relacionados com o efeito da exposição a diversas formas de violência na família de origem ao nível da vitimização e perpetração de comportamentos violentos nas futuras relações íntimas, ou do trabalho de O'Keefe et al. (1986 *cit. in* Glass et al., 2003), no qual se chega à conclusão que mais de 50% dos adolescentes vítimas de abuso na intimidade teriam presenciado cenas de violência interparental durante a sua infância. Wolf e Foshee (2003) referem que os adolescentes expostos a situações de violência familiar estariam mais propensos à perpetração de violência nas relações amorosas devido ao modo como desenvolviam os seus estilos de expressão de raiva.

Em conclusão, a exposição precoce à violência interparental parece ser um dos fatores de risco para a vitimização e/ou para a perpetração da violência nas relações de namoro juvenis (Caridade & Machado, 2006).

Formulação do problema e das hipóteses

Objetivos do estudo exploratório

Como já foi referido, o estudo da violência no contexto das relações de namoro dos jovens é ainda algo muito recente, especialmente no que diz respeito à realidade que se vive em Portugal, existindo poucos estudos a este nível no nosso país. O interesse por este fenómeno e o alargamento da investigação nesta área emergiu a partir da realização do estudo preliminar em contexto universitário (Machado, Matos, & Moreira, 2003), onde se verificou a relevância social desta problemática. Deste modo, este estudo exploratório pretende recolher dados acerca da prevalência do fenómeno da violência no namoro na população de jovens estudantes universitários do curso de Psicologia e avaliar as atitudes e crenças dos mesmos face a esta problemática. Pretende-se também perceber quais os tipos de comportamentos violentos mais habituais, e as diferenças entre os dois géneros. Pretende-se ainda verificar quais as atitudes e crenças dos dois géneros relativamente à violência e tentar fazer uma análise do ponto de vista da vítima e do agressor.

Neste estudo, consideraram-se como variáveis dependentes os comportamentos dos estudantes universitários do curso de Psicologia relativamente à violência nas relações amorosas. Foram consideradas as seguintes variáveis independentes relevantes para o estudo:

- Género: feminino e masculino;
- Idade: acima de 18 anos;
- Ano do curso de Psicologia: 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano ou 5º ano.

Para além disto, pretendem-se atingir os seguintes objetivos:

1) Verificar a prevalência dos comportamentos abusivos nas relações íntimas dos jovens.

1.1) Verificar as diferenças entre o género Masculino e Feminino.

2) Verificar a prevalência de comportamentos violentos nas relações de namoro dos jovens estudantes universitários do curso de Psicologia;

2.1) Verificar as diferenças entre o género Masculino e Feminino;

2.2) Verificar que tipo de violência (Violência Física, Comportamento Ameaçador, Violência Emocional/Verbal, Violência Relacional, Violência Sexual) é mais perpetrado por esta população nas relações de namoro;

3) Verificar o tipo de estratégias de resolução de conflitos utilizados no contexto relacional, pelo próprio e pelo parceiro(a), se são positivas ou abusivas;

3.1) Verificar as diferenças entre o género Masculino e Feminino;

4) Comparar as atitudes e crenças acerca da violência nas relações de namoro junto dos estudantes universitários de Psicologia, identificando o grau de tolerância/legitimação em relação a estes comportamentos de acordo com o género (Feminino e Masculino);

5) Analisar a relação entre as atitudes e os comportamentos violentos nas relações de intimidade desta população;

6) Verificar se existe relação entre o consumo de drogas e álcool e a prevalência dos comportamentos violentos nas relações íntimas dos estudantes universitários de Psicologia;

7) Verificar a prevalência de vítimas de violência no namoro, e a prevalência do conhecimento de vítimas de violência no namoro entre o grupo de pares da população em causa.

Metodologia

Delineamento

Fortin (1999, p.133) refere que “o tipo de estudo descreve a estrutura utilizada segundo a questão de investigação vise descrever variáveis ou grupo de sujeitos, explorar ou examinar relações entre variáveis ou ainda verificar hipóteses de causalidade”.

Relativamente a esta dissertação, tendo em conta os seus objetivos, trata-se de um estudo exploratório descritivo transversal com uma abordagem quantitativa. A abordagem quantitativa utiliza dados numéricos para obter informações, descrever e testar relações (Fortin, 1999), e a “escala de medida permite a ordenação e quantificação de diferenças entre elas” (Marôco, 2010, p.23). A metodologia quantitativa pressupõe a observação de fenómenos, a formulação de hipóteses que expliquem esses fenómenos, o controlo de variáveis, a seleção dos sujeitos que entram na investigação (amostragem), a verificação ou rejeição das hipóteses mediante a recolha rigorosa de dados, e que os dados sejam sujeitos a uma análise estatística e uma utilização de modelos matemáticos para testar essas mesmas hipóteses (Carmo & Ferreira, 1998). A investigação descritiva tem o propósito de descobrir novos conhecimentos, descrever fenómenos existentes, determinar a frequência da ocorrência de um fenómeno numa dada população ou categorizar a informação (Fortin, 1999). O estudo é de natureza transversal, já que os dados foram obtidos num determinado espaço de tempo pré-definido e a numa determinada população (Fortin, 1999). Todas as medições foram feitas num único momento, não existindo, portanto, um seguimento dos sujeitos. Assim, numa fase inicial definiu-se qual a questão a responder, depois, esclareceu-se a população a estudar e um método de escolha da amostra e, por último, foram definidos os fenómenos a estudar e os métodos de medição das variáveis de interesse. Este tipo de estudos são apropriados para descrever características das

populações no que diz respeito a determinadas variáveis e os seus padrões de distribuição (Fortin, 1999).

Os instrumentos utilizados foram dois questionários (CADRI e EAVN), uma vez que se pretendia obter uma amostra vasta, mantendo o rigor das informações colhidas com os recursos humanos e materiais disponíveis (Fortin, 1999).

Neste estudo, os questionários escolhidos são instrumentos de avaliação de auto-relato, uma vez que parecem ser adequados para facilitar a compreensão das crenças dos jovens estudantes universitários relativamente ao fenómeno da violência no namoro.

Segundo Fortin (1999, p.363), a amostra é um “conjunto de sujeitos retirados de uma população”. Deste modo, foi seguido o método de amostragem, que se baseia em escolher um grupo de elementos que representem a população a ser estudada (Fortin, 1999). A amostragem deste estudo é não probabilística ou não aleatória, já que a probabilidade de um determinado elemento pertencer à amostra não é igual à dos restantes elementos (Marôco, 2010). A amostra deste estudo é uma amostragem por conveniência, sendo que os elementos foram selecionados pela sua conveniência e/ou por voluntariado (Marôco, 2010). Nesta investigação pretendia-se estudar os estudantes universitários do curso de Psicologia, sendo que a amostra apenas foi recolhida numa universidade pública (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra).

Participantes

Este estudo integra 189 estudantes do Ensino Superior Público, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, tendo sido selecionados através de uma amostragem não probabilística e que cumpriam o critério de serem estudantes do Mestrado Integrado em Psicologia na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Em termos da distribuição por género (conforme se pode verificar na tabela 9), destaca-se a presença de 175 Mulheres (aproximadamente 92.6%) e de apenas 14 Homens (aproximadamente 7.4%), o que se explica pelo número muito elevado de pessoas do género feminino no curso de Psicologia. Esta amostra tem idades compreendidas entre os 18 anos e 44 anos de idade (conforme se pode verificar nas tabelas 10 e 11), sendo a média etária de 20.87 anos, com um desvio padrão de 3.313.

Dos 189 sujeitos que integram a amostra, 54 (28.6%) são estudantes do primeiro ano, 46 (24.3%) do segundo ano, 76 (40.2%) do terceiro ano, 8 (4.2%) do quarto ano e 5 (2.6%) do quinto ano do Mestrado Integrado em Psicologia (conforme se pode verificar na tabela 12).

Tabela 9 – *Caracterização da Amostra em função do Género dos participantes (N=189)*

Género				
	Frequência	Percentagem em	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Masculino	14	7,4	7,4	7,4
Feminino	175	92,6	92,6	100,0
Total	189	100,0	100,0	

Tabela 10 – *Caracterização da Amostra em função da Idade dos participantes (N=189)*

Idade				
	Frequência	Percentagem em	Percentagem válida	Percentagem acumulada
18	19	10,1	10,1	10,1
19	39	20,6	20,6	30,7
20	53	28,0	28,0	58,7
21	43	22,8	22,8	81,5
22	13	6,9	6,9	88,4
23	6	3,2	3,2	91,5
24	3	1,6	1,6	93,1
25	1	,5	,5	93,7

26	1	,5	,5	94,2
27	3	1,6	1,6	95,8
28	1	,5	,5	96,3
29	1	,5	,5	96,8
32	2	1,1	1,1	97,9
34	1	,5	,5	98,4
35	1	,5	,5	98,9
36	1	,5	,5	99,5
44	1	,5	,5	100,0
Total	189	100,0	100,0	

Tabela 11 – Média, Desvio Padrão, Mínimo e Máximo da Idade dos Participantes

	N	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Idade	189	20.87	3.313	18	14

Tabela 12 – Caracterização da amostra em função do Ano do Curso em que se encontram os participantes (N=189)

Ano do Curso				
	Frequência	Percentagem em	Percentagem válida	Percentagem acumulada
1º ano	54	28,6	28,6	28,6
2º ano	46	24,3	24,3	52,9
3º ano	76	40,2	40,2	93,1
4º ano	8	4,2	4,2	97,4
5º ano	5	2,6	2,6	100,0
Total	189	100,0	100,0	

Instrumentos

Para a realização deste estudo foi aplicado um questionário anónimo a estudantes universitários do curso de Psicologia. O questionário foi composto por um inquérito sociodemográfico (Anexo I) - desenvolvido pelo pesquisador -, pelo Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI) (Anexo II) e pela Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN) (Anexo III).

O Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes é uma adaptação do Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI), que foi desenvolvido e validado em 2001 por uma equipa de investigadores coordenados por David Wolfe (Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grastey & Straatman, *cit in* Machado, Gonçalves, Almeida & Simões, 2011). O Inventário foi construído e validado para a população Portuguesa por Saavedra, Machado, Martins, e Vieira em 2008. Com este instrumento é possível avaliar a utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas (ou não abusivas) e abusivas nos relacionamentos de namoro entre a população alvo, sendo que faz a distinção entre o comportamento do próprio e o comportamento do(a) parceiro(a) (Saavedra, 2010). O questionário é completado individualmente, sendo que os itens deste inventário referem-se aos comportamentos do indivíduo e a aqueles de que é alvo por parte do parceiro da relação (Machado, Gonçalves, Almeida & Simões, 2011). O questionário também mede a ocorrência de formas mais específicas de violência, como a violência física, a violência sexual e a violência psicológica (Lewis, 2010). A escala dirige-se a jovens, com experiência atual ou passada de envolvimento em relações amorosas, que tenham uma idade superior a 14 anos de idade (Saavedra, 2010). A CADRI surgiu pela necessidade que havia de encontrar instrumentos apropriados para avaliar este tema junto da população juvenil, já que havia algumas dificuldades com os instrumentos anteriores (Machado, Gonçalves, Almeida & Simões, 2011). Neste sentido, a CADRI permite recolher dados acerca da prevalência do fenómeno da violência no namoro na população juvenil, sendo que os conteúdos e a linguagem presentes no instrumento são adaptados e dirigidos a esta mesma população (Fischer & Corcoran, 2007). O inventário é composto por duas dimensões: a primeira dimensão é composta por 35 itens onde são avaliadas as estratégias de resolução de conflitos que o sujeito utiliza no seu relacionamento; e a segunda dimensão é composta por 35 itens

que avaliam as estratégias de resolução de conflitos que o sujeito relata serem usadas por parte do parceiro(a) (Saavedra, 2010). Em ambas as dimensões são avaliados dois fatores: as estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas e as estratégias de resolução de conflitos abusivas (Saavedra, 2010).

Cada item da escala avalia os atos abusivos ou não abusivos entre os relacionamentos dos jovens, existindo para cada item várias possibilidades de resposta apresentadas num formato tipo Likert, com 4 opções, definidas como 0 – Nunca: isto nunca aconteceu no teu relacionamento, 1 – Raramente: isto aconteceu 1-2 vezes no teu relacionamento, 2 – Às Vezes: isto aconteceu 3-5 vezes no teu relacionamento e 3 – Frequentemente: isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento. A CADRI é um questionário constituído por um modelo de cinco fatores onde estão incluídas as diferentes formas de violência: a) violência física (abrange os itens 8, 25, 30 e 34), b) violência sexual (abrange os itens 2, 13, 15 e 19), c) violência emocional ou verbal (abrange os itens 9, 12, 17, 24, 28 e 32), d) comportamentos de ameaça (abrange os itens 5, 29, 31 e 32), e e) abuso relacional (abrange os itens 3, 20, 21 e 35) (Saavedra, 2010). Os fatores Violência Física e Violência Sexual podem ser considerados como um fator de Violência Severa (Saavedra, 2010). O questionário pode ainda ser analisado por outros 2 fatores: as Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas (abrange os itens de “violência severa”, os itens de “comportamento ameaçador” e os itens 3, 4, 7, 9, 12, 17, 20, 21, 23, 24, 28, 32, e 35) e Estratégias de Resolução de Conflitos não abusivas ou positivas (abrange os itens 1, 6, 10, 11, 14, 16, 18, 22, 26 e 27) (Saavedra, 2010; Machado, Gonçalves, Almeida & Simões, 2011). A CADRI também permite analisar os comportamentos violentos (abrange os itens 2, 5, 8, 13, 15, 19, 25, 29, 30, 31, 33 e 34). A pontuação é obtida através da soma de todos os itens para cada subescala, sendo que uma pontuação alta indica uma

utilização de estratégias abusivas para a resolução de conflitos nos relacionamentos de namoro entre os jovens (Saavedra, 2010).

A Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro é uma adaptação da Attitudes Toward Dating Violence Scale (EAVN), que foi desenvolvido e validado em 1999 por Price, Byers e The Dating Violence Research Team. O Inventário foi construído e validado para a população Portuguesa por Saavedra, Machado e Martins em 2008. É um instrumento de auto-relato, com um total de 76 itens que estão organizados em três subescalas de atitudes relativas à violência masculina no namoro e três subescalas de atitudes que dizem respeito à violência feminina no namoro (Saavedra, 2010). A EAVN mede as atitudes dos sujeitos face à violência psicológica, física e sexual nestas relações. Assim, é possível aferir de uma forma específica o nível de legitimação para cada tipo de violência, bem como a tolerância face à violência perpetrada quer pelos rapazes, quer pelas raparigas. É uma escala, que como o nome indica, avalia as atitudes dos jovens, podendo ser aplicada a pessoas com idade superior a 13 anos de idade, sendo que a capacidade de resposta não implica a necessidade de experiência relacional de namoro (Saavedra, 2010). A EAVN é composta por setenta e seis itens, divididos em seis subescalas – (1) Atitudes acerca da violência psicológica masculina (VPM – parte A), com 15 itens; (2) Atitudes acerca da violência física masculina (VFM – parte B), com 12 itens; (3) Atitudes acerca da violência sexual masculina (VSM – parte C), com 12 itens; (4) Atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPF – parte D), com 12 itens; (5) Atitudes acerca da violência física feminina (VFF – parte F), com 13 itens; e (6) Atitudes acerca da violência sexual feminina (VSF – parte E), com 12 itens. Cada item da escala avalia as atitudes e as crenças dos jovens face ao fenómeno da violência no namoro (física, psicológica e sexual) (Saavedra, 2010). Para cada item existem várias possibilidades de resposta apresentadas num formato tipo Likert, com 5 opções, definidas como 1 – Discordo Totalmente, 2 – Discordo, 3 –

Não Concordo Nem Discordo, 4 – Concordo e 5 – Concordo Totalmente. Nos itens 1, 2, 5, 9, 10 e 13 da subescala VPM; 1, 3, 5 e 7 da subescala VFM; 2, 4, 5 e 12 da subescala VSM; 1 e 2 da subescala VPF; 7, 8, 10 e 12 da subescala VFF; e 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9 e 10 da subescala VSF a cotação é invertida, sendo codificados de forma invertida: 1 – Concordo Totalmente, 2 – Concordo, 3 – Não Concordo Nem Discordo, 4 – Discordo e 5 – Discordo Totalmente. O valor de cada subescala será calculado pela soma dos seus itens, sendo que uma pontuação elevada aponta para uma maior legitimação da utilização de comportamentos abusivos nos relacionamentos.

Procedimentos

Para a realização deste estudo, foram vários os procedimentos adotados. Inicialmente, foi contactada a Doutora Luísa Morgado, diretora da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, com o objetivo de explicar em que consistia este estudo e para obter uma autorização formal para a recolha de dados com os estudantes da Faculdade.

Depois de a recolha de dados ter sido autorizada pela Doutora Luísa Morgado, entrei em contacto com alguns professores da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra para que fosse possível combinar um dia em que pudesse ir às suas aulas explicar o estudo e pedir a colaboração dos alunos.

Deste modo, posteriormente, o questionário foi administrado de forma coletiva, em contexto de sala de aula, com os alunos que aceitaram participar na investigação. Antes da administração do questionário, foi explicado o objetivo do estudo, assim como o carácter anónimo e voluntário da participação. Terminado o preenchimento do questionário, os sujeitos entregaram-me os questionários. O tempo médio para o preenchimento do questionário foi de cerca de 20-30 minutos.

Análise de dados

(O tratamento estatístico dos dados foi realizado por computador, através do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) – versão 21.0 para Windows. Para se verificar quais os testes estatísticos a aplicar, foram apurados os critérios de normalidade estatística, através do Teste Kolmogorov-Smirnov, e de homogeneidade de variâncias, através do Teste Levene. As condições dos testes paramétricos não se verificaram, utilizando-se por isso Testes Não-Paramétricos. De forma a responder aos objetivos propostos, foram aplicados alguns procedimentos estatísticos. Assim, de modo a responder à questão 1, 2 e 6 foi utilizada a Análise de Estatística Descritiva e Análise de Correlação de Spearman. Para a questão 3 foi utilizada a Análise de Estatística Descritiva e um Teste de Chi-Quadrado. Para a questão 4, foi utilizado o Teste Não Paramétrico Mann-Whitney U Test e a Análise de Caixas de Bigodes. Para a questão 5, foi utilizada a Análise de Correlação de Spearman. Para a questão 7, foi utilizada Análise Estatística Descritiva.

Resultados

Prevalência dos Comportamentos Abusivos

De modo a dar resposta ao objetivo (1) “verificar a prevalência dos comportamentos abusivos nas relações íntimas dos jovens” foi realizada uma análise estatística descritiva (Anexo IV).

Tabela 13 – *Frequência de comportamentos abusivos*

Comportamentos Abusivos	Frequência	Percentagem Válida
0	6	3.6

No que diz respeito ao objetivo (1), pode-se observar através da Tabela 13 que dos 168 sujeitos que responderam ao Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI), apenas 6 sujeitos (3.6%) não têm comportamentos abusivos nas suas relações íntimas. Todos os outros 162 sujeitos (96.4%) reportam a existência de comportamentos abusivos na díade, ainda que poucos. O total mínimo da variável foi 0 e o máximo 72. Em média, há 16.92 comportamentos abusivos da díade nos relacionamentos amorosos desta amostra.

Para responder ao objetivo (1.1.) “verificar as diferenças entre o género Masculino e Feminino”, foi realizada a Análise Estatística Descritiva e a Análise de Correlação de Pearson (Tabela 14).

Tabela 14 – *Frequência de comportamentos abusivos por género*

Género	Comportamentos abusivos (pontuação)	N	Frequência	Percentagem válida
Masculino	0	10	0	0%
Feminino	0	158	6	3.8%

Apesar das limitações pelo reduzido número de rapazes da amostra, pode-se observar que os rapazes reportam relações de

namoro tendencialmente mais saudáveis do que as raparigas, sendo que nenhum dos rapazes reporta a inexistência de comportamentos abusivos na sua relação (0 comportamentos abusivos), enquanto 3.8% das raparigas, reportam a existência de um namoro sem comportamentos abusivos na díade. Por outro lado, a média de comportamentos abusivos no relacionamento, reportados pelos rapazes, é de 13.0, enquanto a média de comportamentos abusivos no relacionamento, reportados pelas raparigas, é de 17.16. A amostra dos homens tem um mínimo de 2 comportamentos abusivos e um máximo de 36, enquanto a das mulheres tem um mínimo de 0 e um máximo de 72 comportamentos abusivos.

As diferenças observadas não são significativas ($p=0.530$), não sendo, portanto, generalizáveis à população.

Prevalência dos Comportamentos Violentos

De modo a dar resposta ao objetivo (2) “*verificar a prevalência de comportamentos violentos nas relações de namoro dos jovens estudantes universitários do curso de Psicologia*” foi realizada uma Análise Estatística Descritiva (Anexo V).

Tabela 15 – *Frequência de Comportamentos Violentos*

Comportamentos Violentos	Frequência	Percentagem Válida
0	90	53.6

De acordo com a Tabela 15, dos 168 sujeitos que responderam ao Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI), 90 sujeitos (53.6%) não têm comportamentos violentos por parte do próprio e do(a) parceiro(a) no namoro. Todos os outros 78 sujeitos (46.4%) da amostra, apresentam comportamentos violentos no seu relacionamento. A média de comportamentos violentos nos relacionamentos, nesta amostra, é de 2.69, sendo que o mínimo é 0 e o máximo é 32. Observa-se, ainda, que nenhum dos

sujeitos que respondeu ao questionário está próximo da pontuação máxima de comportamentos violentos que se pode obter nesta escala (72 pontos).

De modo a responder ao objetivo (2.1.) “*verificar as diferenças entre o género Masculino e Feminino*”, foi realizada a Análise Estatística Descritiva e a Análise de Correlação de Pearson (Tabela 16).

Tabela 16 – *Frequência de comportamentos violentos por género*

Género	Comportamentos Violentos (pontuação)	N	Frequência	Percentagem válida
Masculino	0	10	6	60.0%
Feminino	0	158	84	53.2%

No que diz respeito ao objetivo (2.1.), podemos observar, apesar das limitações da amostra, que os rapazes reportam, nas suas relações de namoro, comportamentos menos violentos do que as raparigas. De acordo com os resultados, 60% dos rapazes e 53.2% das raparigas referem não haver comportamentos violentos nas suas relações por parte da díade. A percentagem de namoros sem comportamentos violentos é maior para os rapazes, apesar de o valor não ser muito diferente e, se as amostras fossem equivalentes, poderia ser semelhante. Os rapazes têm uma média de 1.60 comportamentos violentos nos seus relacionamentos, enquanto as raparigas têm uma média de 2.76. As diferenças observadas não são significativas ($p=0.674$), não sendo, portanto, generalizáveis à população.

De modo a responder ao objetivo (2.2.) “*verificar que tipo de violência (Violência Física, Comportamento Ameaçador, Violência Emocional/Verbal, Violência Relacional, Violência Sexual) é mais perpetrado por esta população nas relações de namoro*”, foi realizada uma Análise Estatística Descritiva (Tabela 17).

Tabela 17 – *Frequência dos tipos de Violência*

Tipos de Violência	Comportamentos Violentos (Pontuação)	Frequência (N=168)	Percentagem Válida
Violência Física	0	138	82.1%
Violência Sexual	0	119	70.8%
Comportamento Ameaçador	0	76	45.2%
Violência Emocional / Verbal	0	13	7.7%
Violência Relacional	0	128	76.2%

No que diz respeito à questão (2.2.), podemos verificar que o tipo de violência mais presente nas relações de namoro dos estudantes universitários do Mestrado Integrado em Psicologia é a Violência Emocional / Verbal, sendo que apenas 13 (7.7%), dos 168 sujeitos que responderam ao Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI), reportam que não existe esse tipo de violência no seu relacionamento. O tipo de violência que está menos presente nos relacionamentos desta amostra é a Violência Física (82.1%), seguida da Violência Relacional (76.2%) e da Violência Sexual (70.8%).

Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas e Positivas

De modo a responder ao objetivo (3) “*verificar o tipo de estratégias de resolução de conflitos utilizados no contexto relacional, pelo próprio e pelo parceiro(a), se são positivas ou abusivas*”, foi realizada uma Análise Estatística Descritiva (Anexo VI).

Tabela 18 – *Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas*

Estratégias de Resolução	de	Pontuação do CADRI	Frequência (N=168)	Percentagem Válida
--------------------------	----	--------------------	--------------------	--------------------

Conflitos Abusivas			
Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas (do próprio)	0 [0,13] 46	6 136 1	3.6% 81.0% 0.6%
Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas (do parceiro)	0 [0,13] 47	12 140 1	7.1% 83.3% 0.6%

De acordo com os resultados (Tabela 18) apenas 6 (3.6%), dos 168 sujeitos que responderam ao Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro Adolescentes (CADRI), reportam não utilizar qualquer Estratégia de Resolução de Conflitos Abusiva no seu relacionamento. Por outro lado, apenas 12 sujeitos (7.1%) consideram que o(a) seu parceiro(a) não utiliza Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas no relacionamento. Através destes dados, também se pode verificar que há um sujeito que tem uma pontuação de 46 pontos nas Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas. Sendo esta uma pontuação elevada, significa que os comportamentos abusivos ocorrem frequentemente e, nesse sentido, o seu parceiro poderá ser considerado vítima de comportamentos abusivos. O mesmo se passa com o sujeito que refere que o(a) seu parceiro(a) utiliza bastantes comportamentos abusivos com frequência (pontuação de 47 no CADRI), sendo que neste caso, isto significa que o sujeito respondente pode ser considerado vítima de comportamentos abusivos por parte do(a) parceiro(a).

A pontuação acima dos 13, indica que os comportamentos ocorrem mais do que raramente e/ou que existem comportamentos violentos no relacionamento. Deste modo, pode-se referir que 81% dos sujeitos considera que não comete comportamentos abusivos para

com o seu parceiro, ou que os comete apenas raramente. Em relação aos comportamentos do(a) parceiro(a), 83.3% dos sujeitos consideram não ser alvo de comportamentos abusivos por parte do(a) parceiro(a), ou que esses comportamentos apenas ocorrem raramente.

Tabela 19 – *Frequência de Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas*

Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas	Pontuação do CADRI	Frequência (N=168)	Percentagem Válida
Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas (do próprio)	<10	3	1.8%
	[10,20]	103	61.3%
	>20	62	36.9%
Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas (do outro)	<10	9	5.4%
	[10,20]	119	70.8%
	>20	40	23.8%

De acordo com a tabela 19, podemos observar que 1.8% dos sujeitos, acham que raramente utilizam Estratégias de Resolução de Conflito Positivas no seu relacionamento, e 5.4% pensa que o seu parceiro raramente utiliza Estratégias de Resolução de Conflito Positivas.

Também se pode concluir que 62 sujeitos (36.9%) referem que utilizam, frequentemente, Estratégias de Resolução de Conflito Positivas no seu relacionamento, enquanto 103 sujeitos (61.3%), consideram que apenas utilizam Estratégias de Resolução de Conflito Positivas às vezes. Por outro lado, é também referido que 40 sujeitos (23.8%), consideram que o(a) seu parceiro(a) utiliza frequentemente Estratégias de Resolução de Conflito Positivas, enquanto 119 sujeitos (70.8%), indica que o(a) seu parceiro(a) apenas às vezes utiliza

Estratégias de Resolução de Conflito Positivas na sua relação de namoro.

De modo a responder ao objetivo (3.1.) “*verificar as diferenças entre o género Masculino e Feminino*”, foi realizada a Análise de Correlação de Pearson (Tabelas 20 e 21).

Tabela 20 – *Comparação das Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas, entre Géneros*

Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas	Pontuação do CADRI	Feminino (N=158)	Masculino (N=10)	Teste de χ^2 (Valor p)
Ter Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas (do próprio)	Sim	152 (96.2%)	10 (100%)	0.530*
	Não	6 (3.8%)	0 (0%)	
Ter estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas (do(a) parceiro(a))	Sim	147 (93.0%)	9 (90.0%)	0.718*
	Não	11 (7.0%)	1 (10.0%)	

Nota. * Correlação não é significativa porque $p > 0.05$

De acordo com os dados, observamos que não há diferenças significativas, na forma como são relatadas a utilização de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas, entre os rapazes e as raparigas, o que, provavelmente, se pode dever ao reduzido número de rapazes da amostra.

De acordo com os dados, todos os rapazes consideram utilizar estratégias de resolução de conflitos abusivas para com o(a) seu parceiro(a) e 9 rapazes (90%), considera que o seu parceiro(a) utiliza

Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas no relacionamento. Ou seja, apenas um rapaz considera que o(a) seu parceiro(a) não utiliza qualquer Estratégia de Resolução de Conflitos Abusiva.

No que às raparigas diz respeito, apenas 6 (3.8%) consideram não utilizar qualquer tipo de Estratégia de Resolução de Conflito Abusiva para com o(a) seu parceiro(a). Por outro lado, 11 raparigas (7%) consideram que o(a) seu parceiro(a) não utiliza qualquer Estratégia de Resolução de Conflitos Abusiva no namoro.

Relativamente às Estratégias de Resolução de Conflito Positivas, podemos verificar (na Tabela 21) que todos os rapazes referem o uso de Estratégias de Resolução de Conflito Positivas, quer por si, quer pelo(a) seu parceiro(a). No que às raparigas diz respeito, apenas uma rapariga (0.6%) refere que não utiliza qualquer Estratégia de Resolução de Conflito Positiva no relacionamento com o(a) seu parceiro(a). Há, ainda, 1 rapariga (0.6%) que refere que o(a) seu parceiro(a) não utiliza qualquer Estratégia de Resolução de Conflito Positiva no relacionamento amoroso. Deste modo, como se pode ver, as diferenças entre géneros não são significativas, sendo que, novamente, isto pode dever-se ao reduzido tamanho da amostra do sexo masculino.

Tabela 21 – *Comparação das Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas, entre Géneros*

Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas	Pontuação do CADRI	Feminino (N=158)	Masculino (N=10)	Teste de χ^2 (Valor p)
Ter Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas (do próprio)	Sim	157 (99.4%)	10 (100%)	0.801*
	Não	1 (0.6%)	0 (0%)	
Ter estratégias	Sim	157	10 (100%)	0.801*

de Resolução de Conflitos Positivas (do(a) parceiro(a))		(99.4%)		
	Não	1 (0.6%)	0 (0%)	

Nota. * Correlação não é significativa porque $p > 0.05$

Atitudes acerca da Violência nas Relações de Namoro

De modo a responder ao objetivo (4) “*comparar as atitudes e crenças acerca da violência nas relações de namoro junto dos estudantes universitários de Psicologia, identificando o grau de tolerância/legitimação em relação a estes comportamentos de acordo com o género (Feminino e Masculino)*”, foi realizado o teste não paramétrico Mann-Whitney e a Análise da Caixa de Bigodes (Anexo VII).

Tabela 22 – Teste de Mann-Whitney

	VPM	VFM	VSM	VPF	VFF	VSF
Mann-Whitney U	803.000	936.500	843.500	1109.000	977.000	736.000
Wilcoxon W	16203.000	16336.500	16243.500	16509.000	16377.000	16136.000
Valor p	0.032*	0.129**	0.048*	0.553**	0.206**	0.012*

Nota. * Há diferenças significativas porque $p < 0.05$

**Não há diferenças significativas porque $p > 0.05$

VPM=Violência Psicológica Masculina; VFM=Violência Física Masculina; VSM= Violência Sexual Masculina; VPF=Violência Psicológica Feminina; VFF=Violência Física Feminina; VSF=Violência Sexual Feminina

De acordo com a Tabela 22, as variáveis VPM, VSM e VSF apresentam diferenças significativas entre o género, logo as atitudes relativas à Violência Psicológica Masculina, Violência Sexual Masculina e Violência Sexual Feminina são diferentes entre homens e mulheres. As variáveis VFM, VPF e VFF não apresentam diferenças

significativas entre os géneros. Neste sentido, os homens e as mulheres, desta amostra, não apresentam diferenças no modo como percecionam a Violência Física Masculina, a Violência Psicológica Feminina e a Violência Física Feminina.

A variável Violência Psicológica Masculina (VPM) apresenta diferenças estatisticamente significativas entre o género ($U=803.000$; $W=936,500$; $p=0,032$), sendo que os rapazes e as raparigas diferem nos resultados obtidos na Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN). A figura 1 apresenta a distribuição dos scores totais do género feminino e do género masculino, sendo que podemos observar que os rapazes têm os valores mais elevados. Os rapazes apresentam valores entre os 17 e os 47 pontos, e as raparigas entre os 15 e os 38 pontos. Isto indica-nos que os rapazes parecem ter tendência para legitimar mais a violência psicológica masculina do que as raparigas. Através da Figura 1 e da Tabela 23, observa-se que a caixa de bigodes das mulheres é mais pequena e a mediana é mais baixa (23.00 para as mulheres e 28.50 para os homens), sendo que apresentam valores de legitimação deste tipo de comportamentos mais baixos.

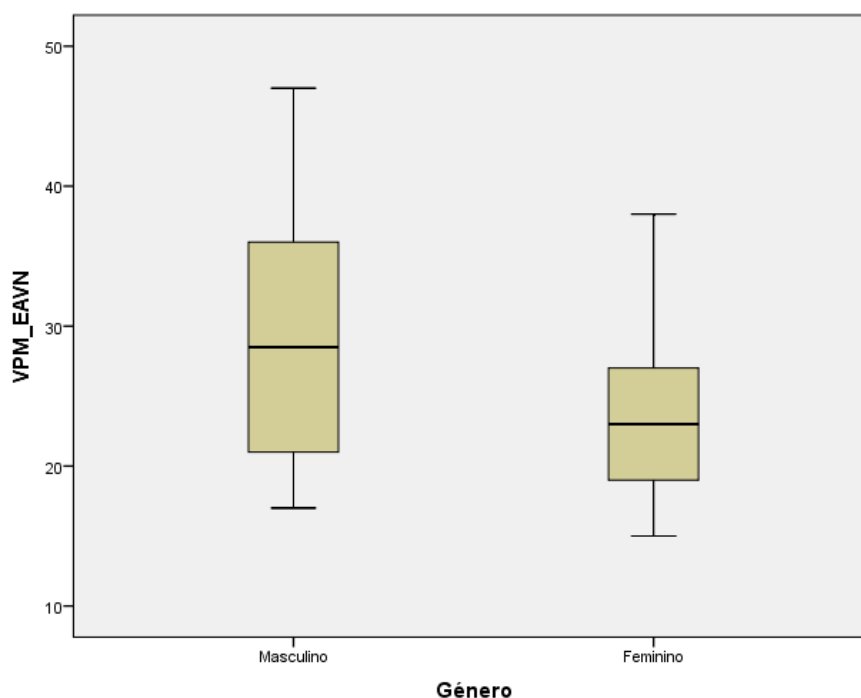


Figura 1 – *Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Psicológica Masculina dos Rapazes (N=14) e das Raparigas (N=175)*

Como se vê (na Figura 1 e Tabela 23), os rapazes apresentam valores de legitimação da Violência Psicológica Masculina mais elevados do que as raparigas (valor máximo dos rapazes é 47 e das raparigas é 38).

Tabela 23 – *Mediana, Pontuação Máxima e Mínima da Violência Psicológica Masculina*

Género	Mediana	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Feminino	23.00	15	38
Masculino	28.50	17	47

A variável Violência Física Masculina (VFM) não apresenta diferenças significativas ($U=936.500$; $W=16336.500$; $p=0.129$), sendo que, deste modo, as pontuações não têm grandes variações entre os rapazes e as raparigas (Tabela 24). Os rapazes exibem pontuações entre os 12 e os 37 pontos, e as raparigas entre os 12 e os 40 pontos.

Tabela 24 – *Mediana, Pontuação Máxima e Mínima da Violência Física Masculina*

Género	Mediana	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Feminino	14.00	12	40
Masculino	17.50	12	37

A variável Violência Sexual Masculina (VSM) apresenta diferenças significativas entre os dois géneros ($U=843.500$; $W=16243.500$; $p=0.048$), sendo que, no geral, os rapazes têm

tendência para legitimar mais este tipo de comportamentos do que as mulheres conforme se pode verificar na Figura 2 e na Tabela 25.

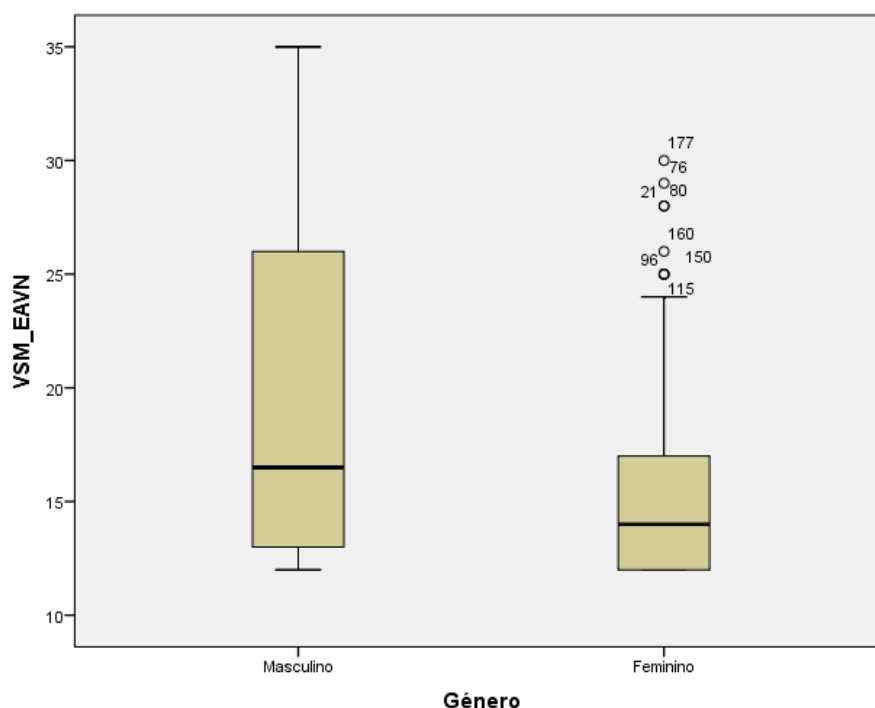


Figura 2 – Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Sexual Masculina dos Rapazes ($N=14$) e das Raparigas ($N=175$)

A caixa de bigodes dos homens (Figura 2) é maior e a mediana é mais alta, sendo que os homens apresentam valores de legitimação da Violência Sexual Masculina mais altos do que as mulheres.

Tabela 25 – Mediana, Pontuação Máxima e Mínima da Violência Sexual Masculina

Gênero	Mediana	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Feminino	14.00	12	30
Masculino	16.50	12	35

Os rapazes exibem valores entre os 12 e os 35 pontos, enquanto as raparigas têm valores entre os 12 e os 30 pontos (Tabela 25). No geral, os valores exibidos pelos rapazes são mais elevados, o

que nos indica que legitimam mais este tipo de violência do que as mulheres desta amostra.

A variável Violência Psicológica Feminina (VPF) não apresenta diferenças significativas ($U=1109.000$; $W=16509.000$; $p=0.553$), sendo que, deste modo, as pontuações não têm grandes variações entre os rapazes e as raparigas (Tabela 26). Os rapazes exibem pontuações entre os 13 e os 38 pontos, e as raparigas entre os 13 e os 33 pontos. A mediana é igual nos dois géneros (18.00).

Tabela 26 – *Mediana, Pontuação Máxima e Mínima da Violência Psicológica Feminina*

Género	Mediana	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Feminino	18.00	13	33
Masculino	18.00	13	38

A variável Violência Física Feminina (VFF) não apresenta diferenças significativas ($U=977.000$; $W=16377,000$; $p=0.206$), o que nos indica que as pontuações dos rapazes e das raparigas não diferem significativamente (Tabela 27). Os rapazes exibem pontuações entre os 12 e os 37 pontos, e as raparigas entre os 12 e os 40 pontos.

Tabela 27 – *Mediana, Pontuação Máxima e Mínima da Violência Física Feminina*

Género	Mediana	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Feminino	17.00	12	40
Masculino	21.50	12	37

A variável Violência Sexual Feminina (VSF) apresenta diferenças significativas ($U=736.000$; $W=16136,000$; $p=0,012$), existindo, deste modo, diferenças entre os dois géneros. Através da Tabela 28 e da Figura 3, podemos observar que os rapazes têm os

valores mais altos, exibindo valores entre os 13 e os 34 pontos, ao passo que as raparigas apresentam valores entre os 12 e os 30 pontos. Os rapazes parecem ter uma maior tendência para legitimar a Violência Sexual Feminina do que as raparigas.

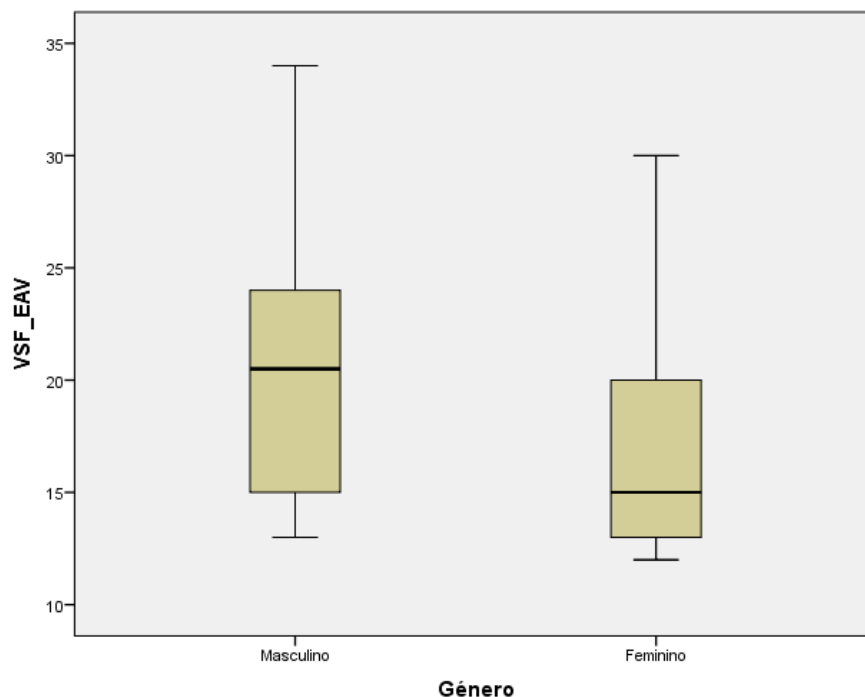


Figura 3 – Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Sexual Feminina dos Rapazes (N=14) e das Raparigas (N=175)

Tabela 28 – Mediana, Pontuação Máxima e Mínima da Violência Sexual Feminina

Género	Mediana	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Feminino	15.00	12	30
Masculino	20.50	13	34

Observa-se que a caixa de bigodes das Mulheres (Figura 3), é mais pequena e a mediana é mais baixa (15.00 para as raparigas e 20.50 para os rapazes), sendo que as mulheres apresentam valores de legitimação deste tipo de comportamentos mais baixos do que os rapazes (Tabela 28).

Ao longo desta análise de resultados, é visível (através das caixas de bigodes e das tabelas) que os rapazes legitimam mais os diferentes tipos de violência do que as raparigas, já que apresentaram em quase todas as variáveis pontuações e medianas mais altas. Deste modo, pode-se concluir que os rapazes parecem legitimar mais os comportamentos de violência em todas as variáveis.

Relações entre as Atitudes e os Comportamentos Violentos

De modo a responder ao objetivo (5) “*analisar a relação entre as atitudes e os comportamentos violentos nas relações de intimidade desta população*”, foi realizada a Análise de Correlação de Spearman. Pretende-se saber até que ponto há relação entre estas duas variáveis, sendo que se existir, quanto mais os jovens legitimarem a violência, mais comportamentos violentos terão (Anexo VIII).

Género Masculino

Para compreender a relação entre a Violência Psicológica Masculina (EAVN) e os Comportamentos Abusivos (CADRI) foi realizada uma Análise Descritiva e uma Análise de Correlação de Spearman. De acordo com a tabela 29, observa-se que não há uma correlação positiva significativa entre as duas variáveis.

Tabela 29 – *Coefficiente de Correlação de Spearman*

		Violência Psicológica Masculina (Género Masculino)
Respostas de Comportamento Abusivo (do Próprio)	Correlação de Spearman Valor p N	0.202 0.287* 10

Nota.*Correlação não é significativa porque $p > 0.05$

Como se observa na Figura 4, os rapazes, mesmo legitimando a Violência Psicológica Masculina, não têm muitos comportamentos abusivos nos seus relacionamentos. Deste modo, há rapazes que

legitimam bastante a Violência Psicológica Masculina mas que nos seus relacionamentos não se comportam de acordo com essa legitimação.

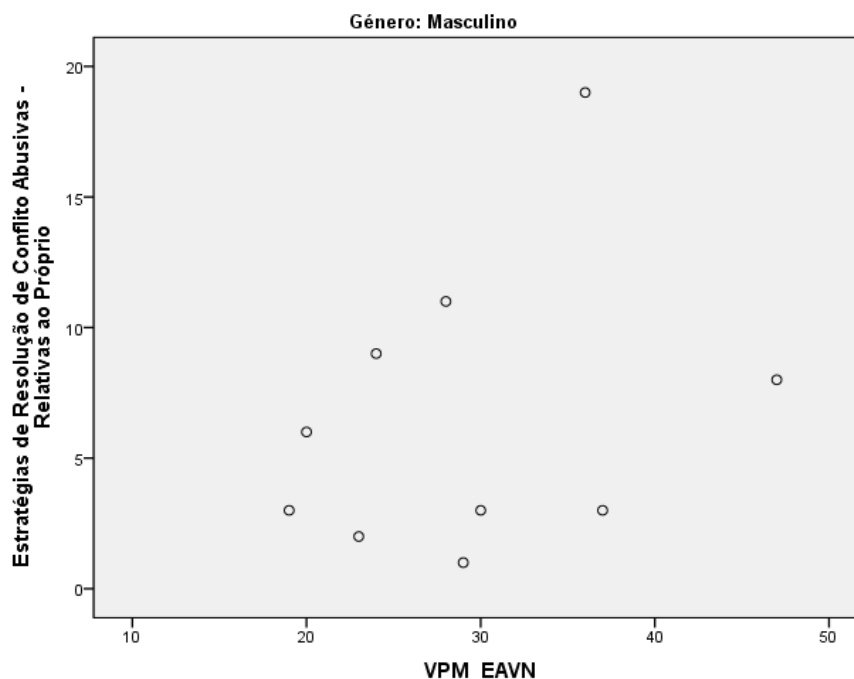


Figura 4 – *Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Masculina*

Este resultado pode, pelo menos em parte, dever-se à limitação da amostra do género masculino já que, em comparação com a amostra do género feminino é bastante curta.

Relativamente à legitimação dos rapazes da Violência Psicológica Feminina (EAVN) e relacionando-a com os comportamentos abusivos das suas parceiras nas relações de namoro (CADRI), verifica-se através da tabela 30 que existe uma correlação positiva significativa entre as duas variáveis. Ou seja, quanto mais os rapazes legitimam a Violência Psicológica Feminina, mais os(as) seus parceiro(as) realizam este tipo de comportamentos abusivos.

Tabela 30 – *Coefficiente de Correlação de Spearman*

		Violência Psicológica
--	--	-----------------------

		Feminina (Género Masculino)
Respostas de Comportamento Abusivo (do(a) Parceiro(a))	Correlação de Spearman Valor p N	0.559 0.046* 10

Nota. *Correlação é significativa porque $p < 0.05$

De acordo com a Figura 5, os sujeitos do género masculino que mais legitimam a Violência Psicológica Feminina, mais são vítimas desse comportamento por parte dos(as) seus parceiro(as).

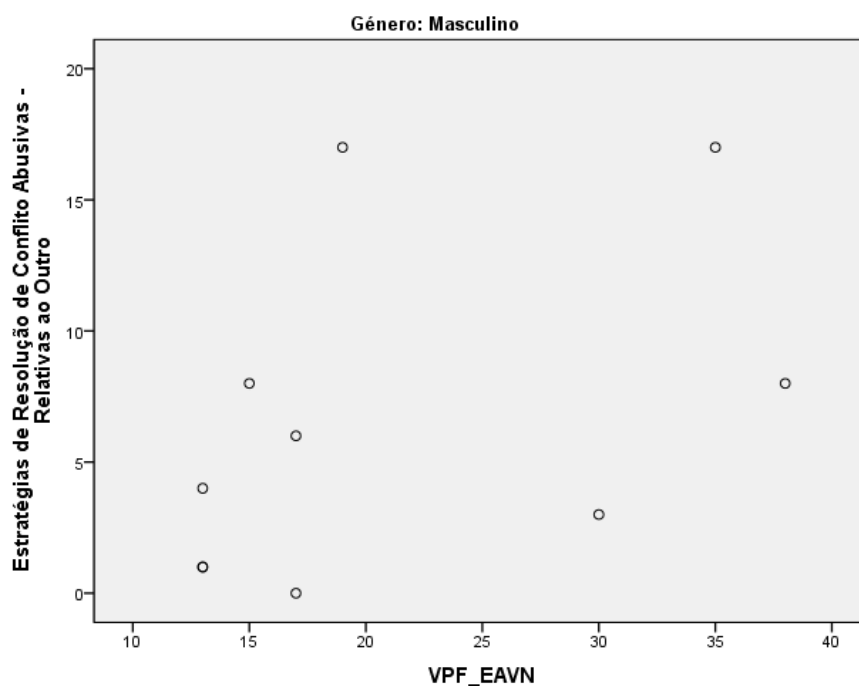


Figura 5 – *Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Feminina*

Para se compreender a relação entre a variável Violência Física Masculina (EAVN) e a Violência Física (CADRI) foi realizada uma Análise Descritiva e uma Correlação de Spearman. De acordo com os resultados apresentados na Figura 6, observa-se que os rapazes desta amostra, não praticam qualquer comportamento de Violência Física. Ou seja, mesmo que, de algum modo, legitimem a Violência Física Masculina, nenhum dos homens da amostra praticou qualquer ato de

Violência Física para com o(a) seu parceiro(a). Deste modo, não existe qualquer correlação entre as duas variáveis.

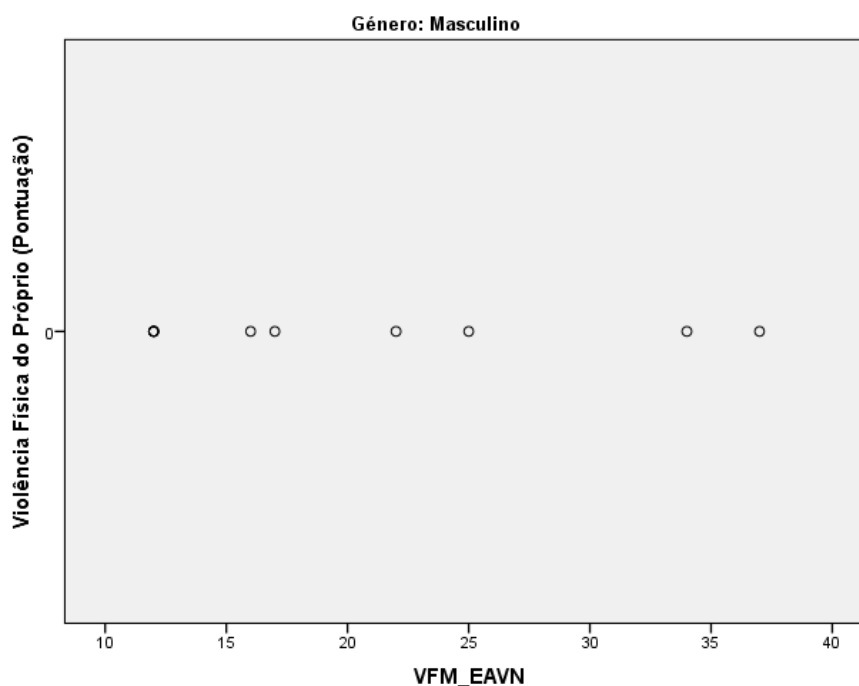


Figura 6 – *Diagrama de Dispersão da Violência Física Masculina*

Relativamente à relação entre a variável Violência Física Feminina (VFF) e os comportamentos de Violência Física do(a) parceiro(a), foi realizada uma Análise Descritiva e uma Correlação de Spearman. Observa-se, através da Figura 7, que não há qualquer correlação já que, novamente, os homens desta amostra, não reportaram a existência de qualquer tipo de comportamento violento por parte dos(as) companheiros(as). Ou seja, mesmo os rapazes que mais legitimam a Violência Física Feminina, não reportaram qualquer comportamento de Violência física perpetrado por os(as) seus companheiros(as).

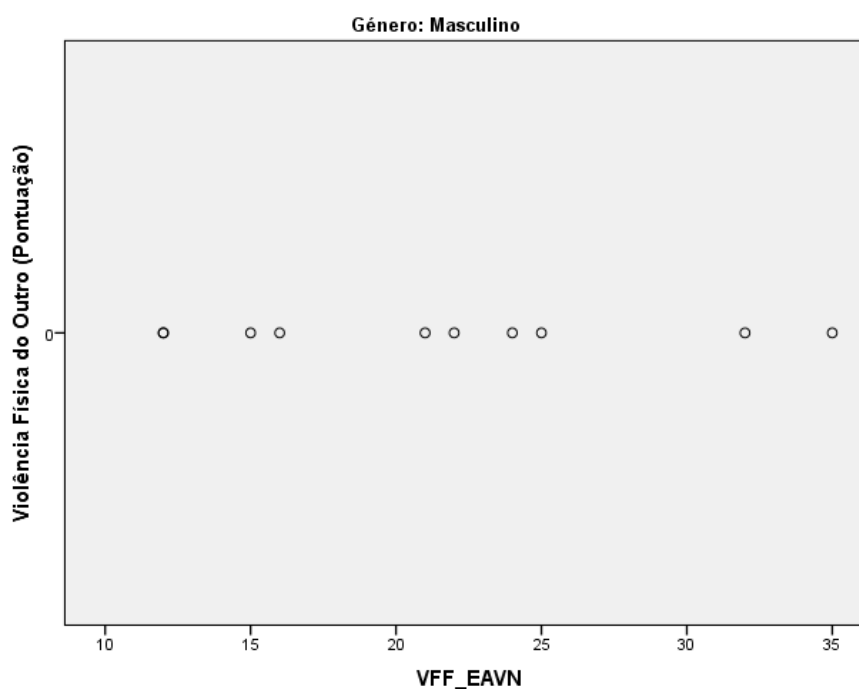


Figura 7 – Diagrama de Dispersão da Violência Física Feminina

No que diz respeito à relação entre a variável Violência Sexual Masculina (CADRI) e a Violência Sexual do próprio (CADRI), foi realizada uma Análise Descritiva e uma Correlação de Spearman. De acordo com os resultados da Tabela 31 e da Figura 8, observa-se que não há uma correlação positiva significativa entre as duas variáveis. Mesmo os rapazes que mais legitimam a Violência Sexual Masculina, nem sempre têm comportamentos de Violência Sexual no seu relacionamento.

Tabela 31 – Coeficiente de Correlação de Spearman

		Violência Sexual Masculina (Género Masculino)
Comportamentos de Violência Sexual (do próprio)	Correlação de Spearman Valor p N	0.455 0.093* 10

Nota. *Correlação não é significativa porque $p > 0.05$

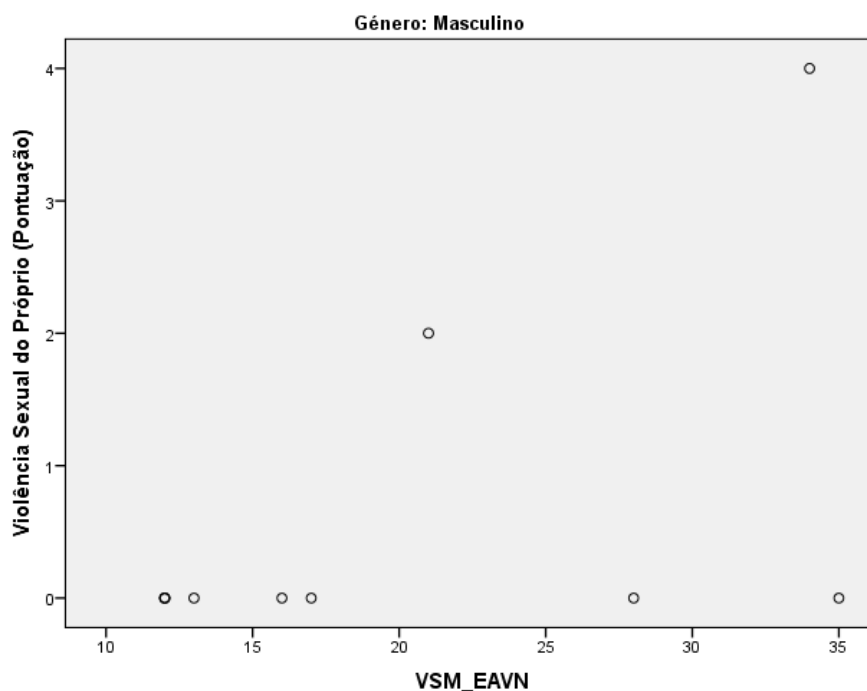


Figura 8 – *Diagrama de Dispersão da Violência Sexual Masculina*

Na figura 8 verifica-se que nem todos os rapazes que mais legitimam a Violência Sexual Masculina têm comportamentos de Violência Sexual para com a(o) sua companheira(o). No entanto, o facto de não haver uma correlação significativa pode dever-se ao reduzido tamanho da amostra do género masculino.

Através da correlação da variável Violência Sexual Feminina (EAVN) com os comportamentos de Violência Sexual das suas companheiras na relação de namoro (CADRI), observa-se, através da tabela 32, que não existe uma correlação significativa entre as duas variáveis.

Tabela 32 – *Coefficiente de Correlação de Spearman*

		Violência Sexual Feminina (Género Masculino)
Comportamentos de Violência Sexual (do(a) parceiro(a))	Correlação de Spearman	0.525
	Valor p	
	N	0.059*

		10
--	--	----

Nota. *Correlação não é significativa porque $p > 0.05$

Na figura 9, observa-se que o homem da amostra que mais legitima a Violência Sexual Feminina é, também quem sofre mais comportamentos de Violência Sexual por parte do parceiro(a). Neste sentido, e como o valor de p está próximo de 0.05 ($p=0.059$), se a amostra fosse maior, poderia ser possível encontrar uma correlação positiva e significativa entre estas duas variáveis.

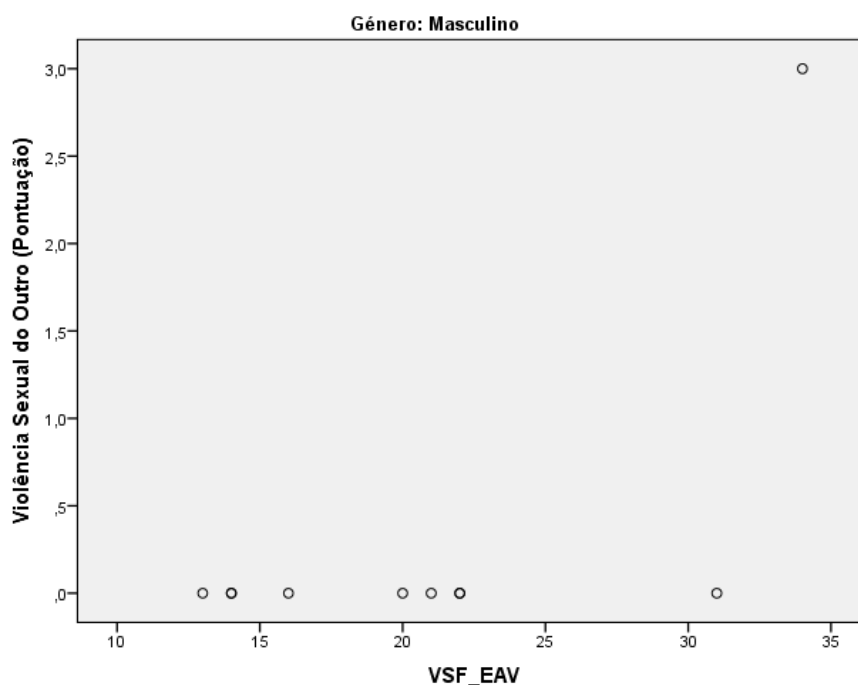


Figura 9 – *Diagrama de Dispersão da Violência Sexual Feminina*

Género Feminino

De modo a compreender a relação entre a variável Violência Psicológica Feminina (EAVN) e os Comportamentos Abusivos do Próprio (CADRI) foi realizada análise descritiva e uma Análise de correlação de Spearman. De acordo com os resultados da Tabela 33 e da Figura 10, observa-se que há uma correlação positiva e significativa entre as duas variáveis.

Tabela 33 – *Coefficiente de Correlação de Spearman*

		Violência Psicológica Feminina (Género Feminino)
Respostas de Comportamentos Abusivos (do próprio)	Correlação de Spearman Valor p N	0.434 0.000* 158

Nota. *Correlação é significativa porque $p < 0.05$

Assim, verifica-se que quanto mais as raparigas legitimam a Violência Psicológica Feminina, mais a praticam, havendo mais comportamentos abusivos. Deste modo, pode-se afirmar que quanto maior a legitimação da Violência Psicológica Feminina, maior a prevalência de comportamentos abusivos por parte do género Feminino (Figura 10).

A dispersão de resultados, de acordo com o gráfico, é grande, sendo que a maior parte dos sujeitos do sexo feminino têm comportamentos abusivos, nas suas relações amorosas, de acordo com as suas legitimações da Violência Psicológica Feminina. Observa-se, no entanto, alguns sujeitos que legitimam bastante a Violência Psicológica Feminina mas que têm poucos comportamentos abusivos no seu relacionamento.

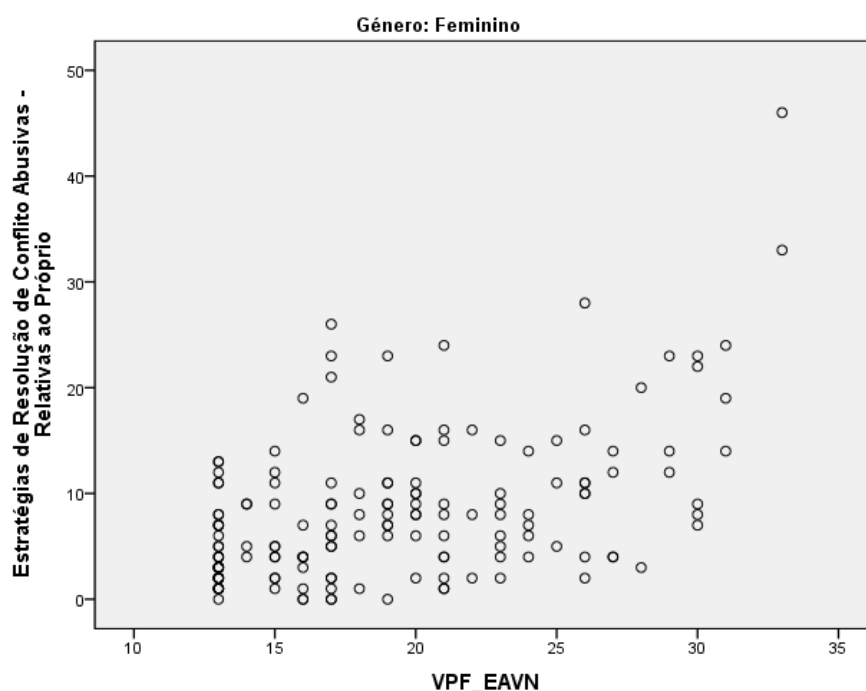


Figura 10 – *Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Feminina*

No que diz respeito à opinião das raparigas face à Violência Psicológica Masculina (EAVN) e, relacionado com o Comportamento Abusivo dos seus companheiros na relação de namoro (CADRI), observa-se, através da Tabela 34, que há uma correlação significativa e positiva entre as duas variáveis. Ou seja, quanto mais as raparigas legitimam a Violência Psicológica Masculina, mais os seus parceiros(as) realizam esse tipo de comportamentos abusivos.

Tabela 34 – *Coefficiente de Correlação de Spearman*

		Violência Psicológica Masculina (Género Feminino)
Respostas de Comportamentos Abusivos (do(a) parceiro(a))	Correlação de Spearman	0.313
	Valor p	0.000*
	N	158

Nota. *Correlação é significativa porque $p < 0.05$

Na figura 11, fica claro que, no geral, a legitimação que as raparigas têm face à Violência Psicológica Masculina, está de acordo com o comportamento do(a) parceiro(a). No entanto, há algumas raparigas que têm uma baixa legitimação da Violência Psicológica Masculina e são vítimas de um grande número de comportamentos abusivos por parte do(a) parceiro(a) e outras que, apesar da elevada legitimação deste tipo de violência, não são vítimas de comportamentos abusivos por parte do(a) parceiro(a).

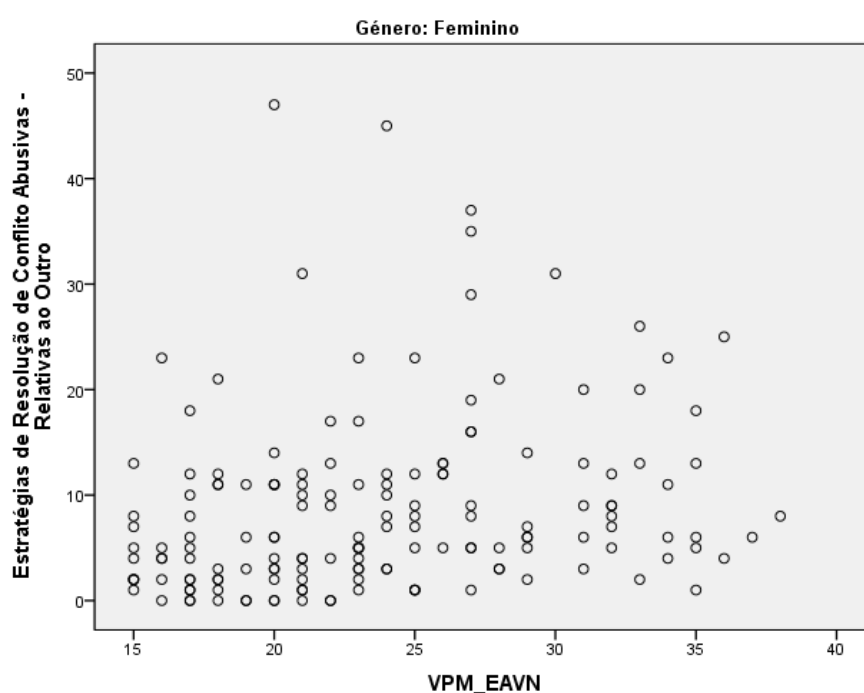


Figura 11 – *Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Masculina*

Para se compreender a relação entre a legitimação da Violência Física Feminina (EAVN) e os comportamentos de Violência Física perpetrados pelas próprias (CADRI), foi realizada uma análise descritiva e uma correlação de Spearman. De acordo com os resultados da Tabela 35, observa-se que existe uma correlação positiva e significativa entre ambas as variáveis. Quanto mais as raparigas

legitimam este tipo de violência, mais apresentam comportamentos de Violência Física na sua relação.

Tabela 35 – *Coefficiente de Correlação de Spearman*

		Violência Física Feminina (Género Feminino)
Respostas de Comportamentos de Violência Física (do próprio)	Correlação de Spearman	0.203
	Valor p	0.005*
	N	158

Nota. *Correlação é significativa porque $p < 0.05$

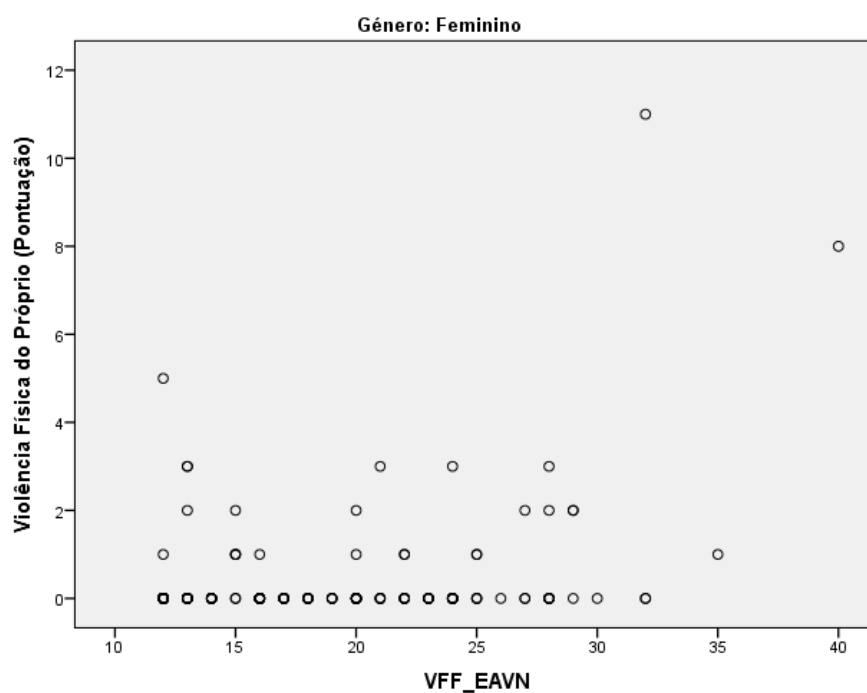


Figura 12 – *Diagrama de Dispersão da Violência Física Feminina*

No entanto, de acordo com a Figura 12, nem todas as raparigas que mais legitimam a Violência Física apresentam comportamentos de Violência Física no seu relacionamento e, há uma rapariga que legitima muito pouco a Violência Física Feminina, mas tem alguns comportamentos de Violência Física para com o(a) seu parceiro(a).

Para se perceber a relação entre a legitimação da Violência Física Masculina (EAVN) e os comportamentos de Violência Física perpetrados pelo(a) parceiro (CADRI), recorreu-se a uma Análise Descritiva e a uma Correlação de Spearman. Observa-se, através da Tabela 36, que existe uma correlação positiva e significativa entre as duas variáveis.

Tabela 36 – *Coefficiente de Correlação de Spearman*

		Violência Física Masculina (Género Feminino)
Respostas de Comportamentos de Violência Física (do(a) parceiro(a))	Correlação de Spearman Valor p N	0.266 0.000* 158

Nota. *Correlação é significativa porque $p < 0.05$

No entanto, ao observar-se a Figura 13, percebe-se que nem todas as raparigas que mais legitimam a Violência Física Masculina são vítimas de Violência Física por parte do seu parceiro e que há raparigas, com uma baixa legitimação da Violência Física Masculina, que são vítimas de Violência Física por parte dos(as) seus parceiro(as).

A legitimação da Violência Física Masculina por parte das raparigas varia muito e não há muitos comportamentos de Violência Física por parte dos seus parceiros.

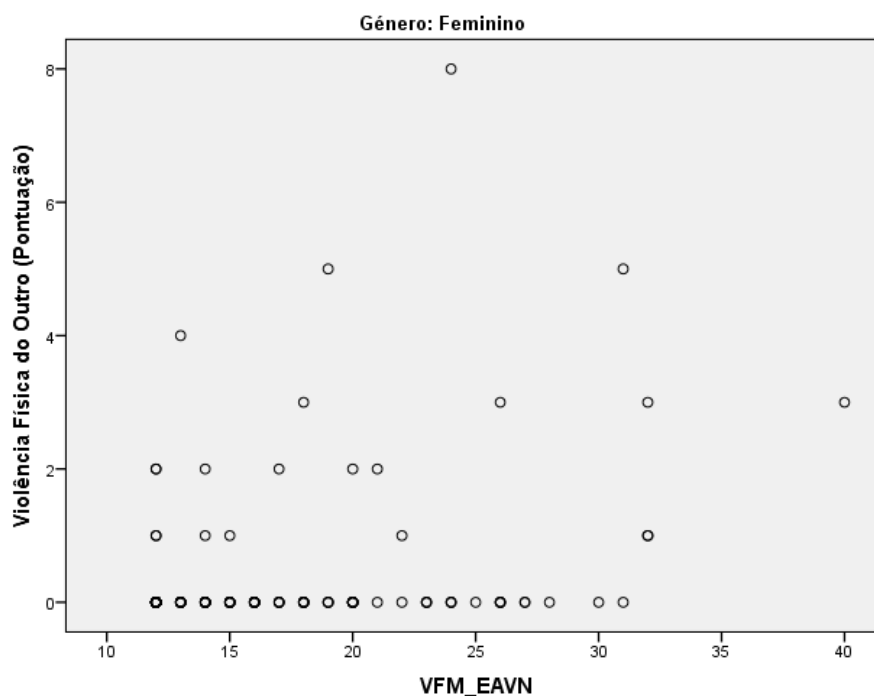


Figura 13 – *Diagrama de Dispersão da Violência Física Masculina*

Para se perceber a relação entre a legitimação da Violência Sexual Feminina (EAVN) e os comportamentos de Violência Sexual do próprio (CADRI), recorreu-se a uma Análise Descritiva e a uma Correlação de Spearman. Observa-se, através da Tabela 37, que existe uma correlação positiva e significativa entre as duas variáveis.

Tabela 37 – *Coefficiente de Correlação de Spearman*

		Violência Sexual Feminina (Género Feminino)
Respostas de Comportamentos de Violência Sexual (do próprio)	de	Correlação de Spearman
	de	Valor p
	(do	N
	próprio)	
		0.146
		0.033*
		158

Nota. *Correlação é significativa porque $p < 0.05$

Percebe-se, através da Figura 14 que, quanto mais as raparigas legitimam a Violência Sexual Feminina, mais têm comportamentos deste tipo de Violência para com o(a) seu parceiro(a). No entanto, há

alguns casos de raparigas que têm uma elevada legitimação da Violência Sexual Feminina e não apresentam qualquer comportamento de Violência Sexual no seu relacionamento. Há, também casos em que as raparigas têm uma baixa legitimação deste tipo de Violência e têm alguns comportamentos de Violência Sexual para com o(a) seu parceiro(a).

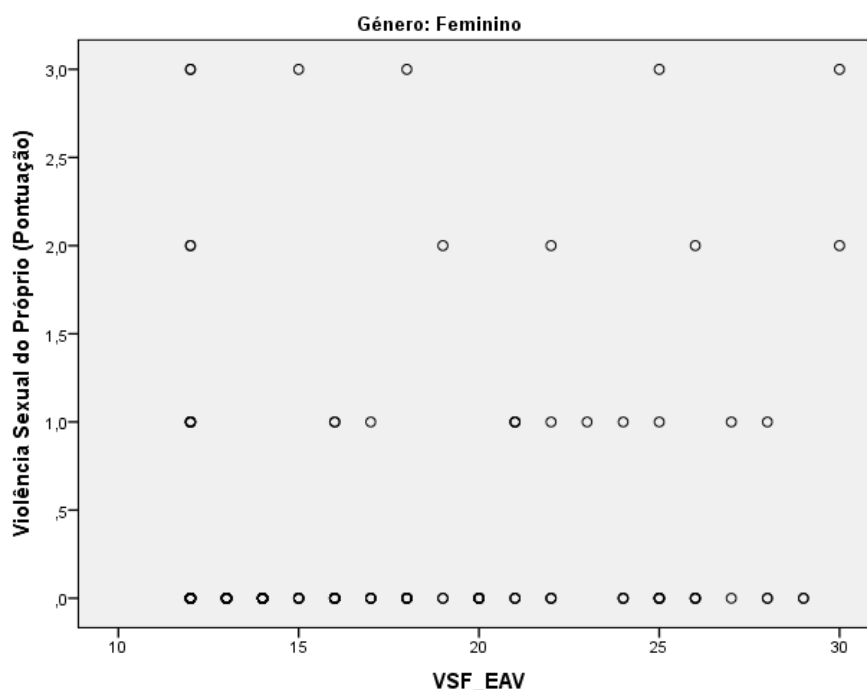


Figura 14 – *Diagrama de Dispersão da Violência Sexual Feminina*

Para se compreender a relação entre a legitimação da Violência Sexual Masculina (EAVN) e os comportamentos de Violência Sexual do companheiro amoroso (CADRI), recorreu-se a uma Análise Descritiva e a uma Correlação de Spearman. Observa-se, através da Tabela 38, que existe uma correlação positiva e significativa entre as duas variáveis.

Tabela 38 – *Coefficiente de Correlação de Spearman*

		Violência Sexual Masculina (Género Feminino)
Respostas de	Correlação de Spearman	0.167

Comportamentos de Violência Sexual (do(a) parceiro(a))	Valor p N	0.018* 158
--	--------------	---------------

Nota. *Correlação é significativa porque $p < 0.05$

No geral, quanto mais as raparigas legitimam a Violência Sexual Masculina, mais os(as) seus parceiro(as) têm comportamentos de Violência Sexual na relação de namoro (Figura 15).

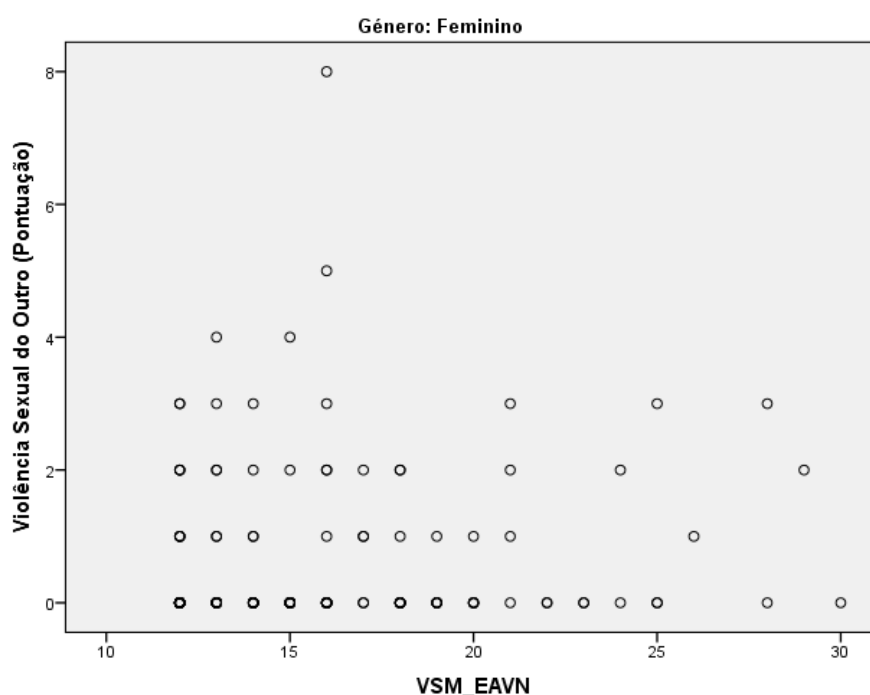


Figura 15 – *Diagrama de Dispersão da Violência Sexual Masculina*

De acordo com os resultados obtidos, no geral, apesar de ter ficado mais claro na análise ao género feminino, tanto os rapazes como as raparigas, quanto mais legitimam a violência, mais a cometem ou mais os seus parceiros cometem esse tipo de violência no seu relacionamento.

Assim, parece existir uma relação entre as atitudes dos Estudantes Universitários do Mestrado Integrado em Psicologia face à violência e a prevalência desta nos seus relacionamentos de namoro.

Relação entre o consumo de Drogas e Álcool e os Comportamentos Violentos

Para se responder ao objetivo (6) “*verificar se existe relação entre o consumo de drogas e álcool e a prevalência dos comportamentos violentos nas relações íntimas dos estudantes universitários de Psicologia*” foi realizada uma Análise Estatística Descritiva (Anexo IX).

Consumo de Drogas

Conforme se pode verificar nas Tabela 39 e 40, os sujeitos que já consumiram drogas, reportam comportamentos mais violentos (apesar de terem um valor máximo mais baixo) do que quem nunca tinha consumido. Observa-se que 13.8% dos sujeitos que já consumiram drogas têm comportamentos violentos às vezes ou frequentemente no seu relacionamento, sendo que essa percentagem é bastante menor para os sujeitos que nunca consumiram drogas (4.3%). Quem já consumiu drogas, apresenta uma média de 4.45 comportamentos violentos, enquanto quem nunca consumiu drogas apresenta uma média de 2.32. Apesar disto, a pontuação máxima de comportamentos violentos para quem consumiu drogas é menor (25) do que a pontuação máxima de quem nunca consumiu drogas (32).

Tabela 39 – *Relação entre a Variável Consumir Drogas e os Comportamentos Violentos (CADRI)*

Consumir Drogas	Comportamentos Violentos	Frequência	Percentagem Válida
Sim	Menos de 12	25	86.2%
	Mais de 12	4	13.8%
Não	Menos de 12	133	95.7%
	Mais de 12	6	4.3%

Tabela 40 – *Pontuação Mínima, Máxima, Média e Desvio Padrão do Número de Comportamentos Violentos*

Consumir	Pontuação	Pontuação	Média	Desvio Padrão
----------	-----------	-----------	-------	---------------

Drogas	Mínima	Máxima		
Sim	0	25	4.45	6.456
Não	0	32	2.32	4.455

De acordo com a Tabela 41, verifica-se que as diferenças observadas entre as duas variáveis (consumir drogas e não conseguir drogas em relação ao número de comportamentos violentos) não são significativas ($p=0.063$).

Tabela 41 – *Comparação dos Comportamentos Violentos com o Consumo de Drogas*

	Teste de χ^2 (Valor p)
Ter Comportamentos Violentos	0.063*

Nota. * Correlação não é significativa porque $p>0.05$

Consumo de Álcool

Como se pode observar nas Tabelas 42 e 43, os sujeitos que consomem álcool reportam comportamentos mais violentos do que quem não consome. Observa-se que 6.4% dos sujeitos que consomem álcool, apresentam comportamentos violentos nos seus relacionamentos, às vezes ou frequentemente. Em relação aos sujeitos que não consomem álcool, apenas 4,7% apresentam comportamentos violentos às vezes ou frequentemente na sua relação de namoro. A pontuação máxima dos sujeitos que consomem álcool é também mais elevada (32) do que a de quem não consome álcool (23).

Tabela 42 – *Relação entre a Variável Consumir Álcool e os Comportamentos Violentos (CADRI)*

Consumir Álcool	Comportamentos Violentos	Frequência	Percentagem Válida
Sim	Menos de 12	117	93.6%
	Mais de 12	8	6.4%
Não	Menos de 12	41	95.3%

	Mais de 12	2	4.7%
--	------------	---	------

Tabela 43 - *Pontuação Mínima, Máxima, Média e Desvio Padrão do Número de Comportamentos Violentos*

Consumir Álcool	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima	Média	Desvio Padrão
Sim	0	32	3.08	5.043
Não	0	23	1.56	4.328

De acordo com a Tabela 44, pode-se verificar que existem diferenças significativas entre as duas variáveis ($p=0,000$), sendo que os sujeitos que consomem álcool apresentam um número mais elevado de comportamentos violentos nos seus relacionamentos.

Tabela 44 – *Comparação dos Comportamentos Violentos com o Consumo de Álcool*

	Teste de χ^2 (Valor p)
Ter Comportamentos Violentos	0.000*

Nota. * Correlação é significativa porque $p < 0.05$

Prevalência de Violência no Namoro e de Conhecimento de Violência no Namoro no Grupo de Pares

Para se responder ao objetivo (7) “*verificar a prevalência de vítimas de violência no namoro, e a prevalência do conhecimento de vítimas de violência no namoro entre o grupo de pares da população em causa*”, foi realizada uma Análise Estatística Descritiva (Anexo X).

Prevalência de Violência no Namoro

Na tabela 45, podemos verificar que 19 sujeitos da amostra (10,1%) referem que são ou já foram vítimas de violência no namoro.

Tabela 45 – *Frequência de Vítimas de Violência no Namoro*

Vítima de Violência no Namoro	Frequência (N=189)	Percentagem Válida
Sim	19	10.1%
Não	170	89.9%

Os sujeitos que referiram ser ou ter sido vítimas de violência no namoro são todos do sexo feminino, deste modo parece que as mulheres relatam mais casos de violência no namoro do que os homens (Tabela 46).

Tabela 46 – *Frequência de Vítimas de Violência no Namoro por Género*

Vítima de Violência no namoro	Frequência (N=189)	Percentagem Válida
Masculino	0	0%
Feminino	19	100%

Conhecimento de Violência no Namoro no Grupo de Pares

De acordo com a Tabela 47, 39 dos 189 sujeitos da amostra (20.6%), referem conhecer alguém no seu grupo de pares que seja ou tenha sido vítima de violência no namoro.

Tabela 47 – *Frequência de Conhecimento de Vítimas de Violência no Namoro no Grupo de Pares*

Conhecer Vítimas de Violência no Namoro no Grupo de Pares	Frequência (N=189)	Percentagem Válida
Sim	39	20.6%
Não	150	79.4%

Discussão

As pesquisas e investigações realizadas sobre a Violência no Namoro da população juvenil, na realidade portuguesa, são recentes, sendo importante que se realizem mais estudos sobre esta problemática de modo a expandir a investigação e para que se obtenha um conhecimento mais aprofundado desta questão. O primeiro estudo foi realizado por Machado, Matos e Moreira (2003) a jovens em contexto universitário, tendo sido verificada a relevância social do problema. Na Tabela 48, está feito um resumo dos resultados obtidos neste estudo, tendo em conta os objetivos já referidos anteriormente.

Tabela 48 – *Resumo dos resultados obtidos para cada objetivo*

Objetivos	Resultados obtidos
1) Verificar a prevalência dos comportamentos abusivos nas relações íntimas dos jovens. 1.1) Verificar as diferenças entre o género Masculino e Feminino.	Apenas 6, dos 168 sujeitos que responderam ao CADRI (3.6%), referem não ter qualquer comportamento abusivo no seu relacionamento amoroso. Todos os outros apresentam comportamentos abusivos, ainda que poucos, no seu relacionamento amoroso. É de realçar que os rapazes reportam relacionamentos amorosos mais saudáveis do que as raparigas (média e valor máximo de comportamentos abusivos mais baixos nos rapazes do que nas raparigas).
2) Verificar a prevalência de comportamentos violentos nas relações de namoro dos jovens estudantes universitários do curso de Psicologia. 2.1) Verificar as diferenças entre o género Masculino e Feminino. 2.2) Verificar que tipo de violência (Violência Física, Comportamento Ameaçador,	Dos 168 que responderam ao CADRI, 90 sujeitos (53.6%) não apresentam comportamentos violentos nas suas relações. Os rapazes parecem reportar ter menos comportamentos violentos nas suas relações íntimas do que as raparigas, não sendo estatisticamente significativas as disparidades observadas. O tipo de violência mais presente nas relações de namoro desta amostra é a Violência Emocional/Verbal. Apenas 7.7% dos sujeitos

<p>Violência Emocional/Verbal, Violência Relacional, Violência Sexual) é mais perpetrado por esta população nas relações de namoro.</p>	<p>que responderam ao CADRI referem a inexistência desse tipo de violência no seu relacionamento. O tipo de Violência menos presente nas relações amorosas desta amostra é a Violência Física (não está presente em 82.1% dos casos), seguida da Violência Relacional (76.2%) e da Violência Sexual (70.8%).</p>
<p>3) Verificar o tipo de estratégias de resolução de conflitos utilizados no contexto relacional, pelo próprio e pelo parceiro(a), se são positivas ou abusivas.</p> <p>3.1) Verificar as diferenças entre o género Masculino e Feminino.</p>	<p>Observou-se que apenas 6 sujeitos (3.6%) consideram não utilizar estratégias de resolução de conflito abusivas no seu relacionamento e 12 sujeitos (7.1%) consideram que o(a) seu/sua parceiro(a) não utiliza qualquer estratégia de resolução de conflitos abusiva no namoro. É de realçar que 81% dos sujeitos consideram que não utilizam, ou utilizam apenas raramente, estratégias de resolução de conflitos abusivas para com o(a) seu/sua parceiro(a), e 83.3% dos sujeitos considera que o(a) seu/sua parceiro(a) não utiliza estratégias de resolução de conflitos abusivas ou que apenas as utiliza raramente. Por outro lado, em relação às estratégias de resolução de conflitos positivas, ou não abusivas, observou-se que apenas 1.8% dos sujeitos considera que raramente tem comportamentos positivos no seu relacionamento, e 5.4% dos sujeitos refere que o(a) seu/sua parceiro(a) utiliza, apenas raramente, estratégias de resolução de conflito positivas. Também 36.9% dos sujeitos afirmam que, frequentemente, utilizam estratégias de resolução de conflito positivas e que 61.3% pensam que, apenas às vezes, utilizam estratégias de resolução de conflito positivas na sua relação de namoro. No que diz respeito à utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas por parte dos(as) parceiros(as), é de referir 23.8% acham que o(a) seu/sua parceiro(a) as utiliza frequentemente e</p>

	70.8% relatam que, às vezes, o(a) seu/sua parceiro(a) utiliza estratégias de resolução de conflito positivas ou não abusivas. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.
4) Comparar as atitudes e crenças acerca da violência nas relações de namoro junto dos estudantes universitários de Psicologia, identificando o grau de tolerância/legitimação em relação a estes comportamentos de acordo com o género (Feminino e Masculino).	No geral, os rapazes tendem a legitimar mais os diferentes tipos de violência do que as raparigas, apresentando quase sempre valores mais elevados nas diferentes variáveis. Observaram-se diferenças significativas entre os dois géneros nas variáveis Violência Psicológica Masculina, Violência Sexual Masculina e Violência Sexual Feminina, não tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis Violência Física Masculina, Violência Psicológica Feminina e Violência Física Feminina.
5) Analisar a relação entre as atitudes e os comportamentos violentos nas relações de intimidade desta população.	No geral, quanto mais os jovens legitimam a atitude/crença dos diferentes tipos de violência, maior é a prevalência desse tipo de comportamentos violentos por parte do próprio e do(a) seu/sua parceiro(a). Foi ainda possível observar que, em alguns tipos de violência, mesmo existindo uma certa legitimação da violência, depois não se observam comportamentos violentos no relacionamento, nem pelo próprio nem pelo(a) parceiro(a) (e.g., Violência Física Masculina e Violência Física Feminina). Assim, parece existir uma relação entre as atitudes e crenças dos jovens face à violência e a prevalência desses comportamentos nos seus relacionamentos.
6) Verificar se existe relação entre o consumo de drogas e álcool e a prevalência dos comportamentos violentos nas relações íntimas dos estudantes universitários de Psicologia.	Observou-se que, tanto os sujeitos que consomem álcool, como os que consomem ou já consumiram drogas, reportam, em média, mais comportamentos violentos do que quem nunca tenha consumido qualquer uma destas substâncias. No entanto, apenas foram

	encontradas diferenças estatisticamente significativas para a relação entre os consumidores de álcool e os comportamentos violentos, não tendo sido encontrada uma relação significativa entre quem consome ou já consumiu drogas e os comportamentos violentos.
7) Verificar a prevalência de vítimas de violência no namoro, e a prevalência do conhecimento de vítimas de violência no namoro entre o grupo de pares da população em causa.	Observou-se que 10.1% dos sujeitos já foram ou são vítimas de violência no namoro, pertencendo todos esses sujeitos ao género feminino. Verificou-se, ainda, que 20.6% dos sujeitos relatam conhecer alguém no seu grupo de pares que já tenha sido vítima de uma situação de violência no namoro.

O primeiro objetivo foi “*verificar a prevalência dos comportamentos abusivos nas relações íntimas dos jovens*”. De acordo com a literatura, a prevalência de comportamentos abusivos verificada nos estudos desenvolvidos em contexto de namoro ou com sujeitos jovens é grande, ainda que envolva, maioritariamente, a chamada “pequena” violência e, assim sendo, este fenómeno não deve ser minimizado (Matos, 2006). Nestes casos, parecem estar presentes padrões de agressão recíproca ou mútua, ocasional ou continuada, já que os agressores parecem ser, simultaneamente, vítimas de violência por parte dos(as) seus/suas parceiro(as) (op. cit., 2006). No estudo realizado em Portugal, em contexto universitário, por Machado, Matos e Moreira (2003), procurou-se caracterizar a prevalência deste fenómeno, bem como os valores culturais que o legitimam, tendo-se concluído que uma percentagem significativa de estudantes universitários apresentava condutas violentas no contexto dos seus relacionamentos de namoro. De acordo com os resultados desse estudo, 15.5% dos participantes relataram ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo durante o último ano e 21.7% admitiram já ter adotado este tipo de condutas para com os seus parceiros amorosos (Machado, Matos & Moreira, 2003). No estudo, não foram

encontradas diferenças de género, apesar de as mulheres admitirem uma maior taxa de agressão (Machado, Matos & Moreira, 2003). Os estudos internacionais estimam uma prevalência de comportamentos abusivos situada entre os 21.8% e os 60% (Katz; Kuffel; Coblenz; Kaura; Allen; Magdol; Moffit; Caspi; Newman; Fagan; Silva; Straus; *cit in* Matos et al., 2006). Consoante os diferentes estudos, os valores de prevalência de comportamentos abusivos nos relacionamentos amorosos vão oscilando (Caridade, 2008). Estes dados vão de encontro aos desta investigação, sendo que tanto os rapazes como as raparigas reportam comportamentos abusivos no relacionamento íntimo por parte do próprio e do parceiro e que a maior parte dos jovens relata a ocorrência de comportamentos abusivos “raramente” ou “às vezes” na díade, existindo poucos relatos da existência de comportamentos abusivos frequentes por parte do casal no relacionamento. É, ainda de realçar que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros relativamente à prevalência dos comportamentos abusivos, o que vai também de encontro à literatura.

O segundo objetivo proposto foi “verificar a prevalência de comportamentos violentos nas relações de namoro dos jovens estudantes universitários do curso de Psicologia”. Magdol, Moffit, Caspi, Newman, Fagan e Silva (*cit in* Espinheira & Jólluksin, 2009) estimam que a prevalência da violência entre os jovens adultos se situa em valores que oscilam entre os 21.8% e os 55%. Por outro lado, Sugarman e Hotaling (*cit in* Espinheira & Jólluksin, 2009) estimam que aproximadamente 28% dos homens e mulheres, em algum momento das suas vidas, terão vivenciado uma relação de namoro que envolve ou envolveu atos de violência. No seu estudo, Oliveira (2004), refere que 52% da sua amostra de estudantes universitários, admitiu ter adotado pelo menos uma vez comportamentos violentos para com o(a) seu/sua parceiro(a). Straus e Medeiros (*cit in* Nascimento, 2009), relataram que há uma maior simetria na violência

nas relações de namoro do que na violência conjugal, ou seja, a violência tanto pode ser exercida pelo homem como pela mulher. De acordo com os resultados deste estudo, os comportamentos abusivos e violentos ocorrem por parte dos homens e das mulheres, não existindo diferenças significativas. Nascimento (2009) observou num estudo com um grupo de jovens de grupos populares e camadas médias com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos, que não havia diferenças significativas entre os homens e as mulheres, ou seja, ambos exerciam violência na relação. Caridade e Machado (2006) ao realizarem uma experiência com casais de namorados e casados, observaram que os namorados não apresentaram diferenças significativas de género, enquanto nos casados, a mulher era nitidamente mais vitimizada. Segundo Nascimento (2009), as opiniões dentro da literatura quanto à existência ou não de simetria da violência nas relações de namorados divergem. Neste estudo, observou-se que tanto as raparigas como os rapazes têm comportamentos abusivos e violentos no relacionamento. Estas informações são convergentes com outros estudos, que referem que tanto as raparigas como os rapazes podem ser vitimizados no contexto das suas relações amorosas (e.g., Kaura & Allen, *cit in* Dixe et al., 2010). Assim, relativamente à prevalência de comportamentos violentos nas relações de namoro da amostra deste estudo, os dados são similares aos da investigação nacional e internacional, comprovando-se que um número significativo de jovens adota condutas violentas nas suas relações de namoro.

Relativamente ao objetivo “*verificar que tipo de violência (Violência Física, Comportamento Ameaçador, Violência Emocional/Verbal, Violência Relacional, Violência Sexual) é mais perpetrado por esta população nas relações de namoro*”, os resultados obtidos (Tabela 48), estão também de acordo com a literatura internacional. Um estudo realizado por Rodrigues (*cit in* Caridade, 2008) com 596 estudantes de cinco regiões distintas de

Portugal, tendo idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, e utilizando o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI) verificou que o tipo de violência menos perpetrado pelos jovens foi a Violência Física, Violência Sexual e os Comportamentos Ameaçadores; constatou, ainda, que os rapazes eram mais agressivos e mais agredidos. Um estudo realizado a 318 estudantes universitários portugueses, a partir do Revised Conflict Tactics Scales, verificou que, em termos da perpetração e da vitimação, a agressão psicológica foi a mais prevalente (53.8-50.8%), seguindo-se a coerção sexual (18.9-25.6%) e o abuso físico sem sequelas (16.7-15.4%) (Paiva & Figueiredo, 2003). Nesta amostra, as formas de abuso “menores” foram mais comuns, comparativamente às formas de violência severa (violência física e violência sexual). Aldrighi (2004) refere que a violência psicológica e a coerção sexual são os tipos de violência mais prevalentes nas relações íntimas dos jovens universitários, sendo que a coerção sexual é a menos visível das duas. Caridade (2008) refere que a agressão psicológica é o tipo de violência que regista índices de prevalência mais altos, quer ao nível da vitimação, quer ao nível da perpetração (Caridade, 2008). Estes dados vão de encontro aos dados recolhidos neste estudo, sendo que o tipo de violência mais presente nesta amostra é um abuso “menor” (Violência Emocional/Verbal). A Violência é utilizada por ambos os elementos da relação, não sendo um comportamento típico de um deles (Paiva & Figueiredo, 2003). Segundo Matos (2006), ao nível dos tipos de violência nos relacionamentos, há autores que apresentam alguns padrões diferenciadores e até mesmo contraditórios entre si, sendo que alguns dizem que o tipo de violência mais comum no namoro são os atos "menos graves" (e.g., como empurrar e esbofetear) (e.g., Gelles); enquanto outros referem que a violação e outras formas de abuso sexual são mais comuns e/ou mais relatados pelos jovens que namoram (e.g., Berry; Michael). Em Portugal, um estudo com 7511 adolescentes de Escolas Públicas, com idades

compreendidas entre os 15 e os 19 anos, com o objetivo de estimar a prevalência de envolvimento dos jovens na violência física, sexual e emocional, concluiu que o tipo de violência mais frequentemente relatada foi o abuso emocional (15.6%), seguido do abuso físico e do abuso sexual (Sousa, Correia, Ramos, Fraga & Barros, 2010). Estes dados vão de encontro aos dados obtidos neste estudo, com esta amostra. Deste modo, tendo em conta os resultados deste estudo e os estudos nacionais e internacionais referidos anteriormente, o tipo de violência mais perpetrada pelos jovens é a Violência Psicológica (Violência Emocional/ Verbal) que, apesar de ser considerada um tipo de “violência menor”, (e.g., Caridade & Machado, 2006) é um comportamento abusivo e violento que aparece de uma forma mais preponderante nas relações de namoro dos jovens, em comparação com as outras formas de violência no namoro. Estes dados são preocupantes já que, como observa Caridade (2008) alguns estudos internacionais (White, Merrill & Koss) indicam-nos que a violência psicológica pode ser um importante preditor da violência física e, para além disto, pode ter consequências tão ou mais graves do que os comportamentos de violência severa (e.g., Cáceres & Cáceres).

O terceiro objetivo proposto foi “*verificar o tipo de estratégias de resolução de conflitos utilizados no contexto relacional, pelo próprio e pelo parceiro(a), se são positivas ou abusivas*”. Conforme se pode verificar pela Tabela 48, são poucos os sujeitos que relatam que eles ou os parceiros não utilizam qualquer estratégia de resolução de conflitos abusiva, e quase todos referem utilizar estratégias de resolução de conflito positivas. No entanto, a maioria dos que utilizam estratégias de resolução de conflitos abusivas, apenas refere utilizá-las raramente.

Em relação ao objetivo de “*verificar as diferenças entre o género Masculino e Feminino*” para as estratégias de resolução de conflito abusivas e positivas, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros. Ou seja, ambos

os géneros utilizam estratégias de resolução de conflitos abusivas e positivas, havendo apenas uma rapariga que refere não utilizar qualquer estratégia de resolução de conflitos positiva no seu relacionamento (0.6%). O facto de, neste estudo, não terem sido encontradas diferenças de género significativas no tipo de estratégias de resolução de conflitos utilizadas nos relacionamentos de namoro não é surpreendente. Segundo Caridade (2008), a maioria dos estudos sugere a inexistência de diferenças de género quantitativas na agressão amorosa (e.g., Straus; Straus & Ramirez), no entanto, há, também, alguns autores que encontraram, nos seus estudos, diferenças estatisticamente significativas entre os dois estudos (e.g., Avery-Leaf et al.; Feiring et al.; Follette & Lejeune; Follingstad et al.; Gover, Kaukinen, & Fox; Luthra & Gidycz; Sears et al.; Swahn et al.). Caridade (2008) refere, ainda, que alguns investigadores (e.g., Feiring et al.) defendem que o género feminino parece ter mais facilidade em admitir a sua responsabilidade parcial pelos problemas relacionais, ao passo que o género masculino tem uma maior tendência a negá-los ou a interpretar mais as suas ações como se não fossem abusivas ou graves (e.g., Schiff & Zeira; Wekerle & Wolfe).

O quarto objetivo proposto foi *“comparar as atitudes e crenças acerca da violência nas relações de namoro junto dos estudantes universitários de Psicologia, identificando o grau de tolerância/legitimação em relação a estes comportamentos de acordo com o género (Feminino e Masculino)”*. Segundo Barroso (2007), o fenómeno da violência leva-nos para as noções de representação social, crenças e estereótipos, que fazem parte da vida social de cada um dos sujeitos. Deste modo, a conceção de violência diverge de acordo com as representações que cada sujeito elabora em relação ao mesmo fenómeno (Porto, *cit in* Machado, 2010) e que guiam o seu comportamento (Assis et al., *cit in* Machado, 2010). Machado (2010) num estudo realizado com 522 estudantes de Escolas Secundárias e Profissionais do distrito do Porto, com idades compreendidas entre os

15 e os 19 anos, observou que as crenças e as atitudes dos jovens apresentam algumas diferenças entre o sexo masculino e feminino, referindo que os rapazes, de um modo geral, têm crenças mais erróneas quanto ao fenómeno da violência. Caridade, Machado e Vaz (2007) dizem, também, que o género influencia as crenças dos sujeitos. Truman, Tokar e Fisher (*cit in* Machado, 2010) relataram a existência de diferenças significativas para o género no que diz respeito à legitimação da violência nos relacionamentos de namoro, sendo que os rapazes parecem ter atitudes e crenças mais legitimadoras da violência do que as raparigas. Num estudo realizado por Jackson, Cram e Seymour (*cit in* Caridade, 2008) que analisou a forma como os jovens percecionavam os comportamentos abusivos perpetrados no âmbito dos seus relacionamentos, referiu, também, que os sujeitos masculinos tendiam a legitimar mais a violência, sendo que, segundo os autores do estudo, isto se poderia dever ao facto de os rapazes não sentirem os episódios abusivos como tal, ou porque legitimavam mais este tipo de comportamentos. Machado, Matos e Moreira (2003), num estudo português com estudantes universitários, concluíram que os sujeitos apresentavam um baixo nível de concordância com as crenças legitimadoras da violência, sendo que os sujeitos do género masculino apresentaram-se mais tolerantes em relação à violência do que as mulheres. Caridade (2008) refere, na sua revisão da literatura, que as atitudes e crenças de legitimação da violência (inclusivamente as formas mais severas de violência) são nitidamente mais manifestas entre os participantes do sexo masculino. Assim, relativamente à relação entre as atitudes/crenças de legitimação da violência e o género, os dados disponíveis (quer internacionais, quer nacionais), há semelhança do que acontece neste estudo, sugerem uma maior legitimação da violência por parte do género masculino (Caridade, 2008). Caridade (2008) diz, ainda, que alguns autores (e.g., Bookwala et al; Byers et al.), defendem que isto

poderá resultar do facto dos sujeitos do género masculino poderem fazer uma interpretação menos séria dos atos violentos e abusivos.

O quinto objetivo proposto foi “*analisar a relação entre as atitudes e os comportamentos violentos nas relações de intimidade desta população*”. Conforme se pode verificar na Tabela 48, parece existir uma relação entre as atitudes e crenças dos jovens face à violência e a prevalência de comportamentos violentos nas suas relações de namoro. O modo como cada sujeito entende os comportamentos violentos varia consoante a forma como ele/ela percebe a realidade que o rodeia, possibilitando uma compreensão das suas experiências pessoais, sociais e culturais em que se insere (Sani, *cit in* Machado, 2010). Machado (2010) refere alguns estudos que mostraram que os jovens que mais legitimam a utilização da violência como meio para a resolução de conflitos, tendem, também, a comportar-se de modo mais agressivo e violento. Byers e Eno (*cit in* Caridade, 2008) relataram que os homens que têm crenças mais tradicionais acerca dos papéis das mulheres têm uma maior tendência para adotarem comportamentos violentos em relação às suas parceiras amorosas ou esposas, recorrendo mais ao uso da violência nos seus relacionamentos íntimos. O’Keefe (*cit in* Machado, 2010) menciona a grande utilidade de analisar as crenças pessoais de cada um em relação à violência já que estas são uma variável fundamental para a compreensão da mesma nos relacionamentos íntimos. Num outro prisma, Jonhson, Frattanoli, Campbell, Wright, Pearson-Fields e Cheng (*cit in* Machado, 2010), notaram que ambos os géneros apresentam sérias dificuldades para fazerem uma distinção correta de certos comportamentos de violência e algumas brincadeiras amorosas.

Há toda uma panóplia de estudos internacionais (Kantor & Straus; Russell & Hulson; Stith & Farley; Kane, Staiger & Ricciardelli, *cit in* Matos, 2006) que relatam a existência de uma relação entre as atitudes e crenças acerca da violência e os comportamentos violentos perpetrados nas relações íntimas. Caridade

(2008) refere a existência de estudos mais recentes (e.g., Schumacher & Slep) que vêm também comprovar que existe uma relação significativa, ainda que moderada, entre as atitudes e os comportamentos violentos nas relações íntimas (tal como referido anteriormente), sendo que quer os adolescentes quer os adultos que mais legitimam os comportamentos violentos, tendem a perpetrar mais atos violentos nos seus relacionamentos. Todos estes dados, vão de encontro aos dados encontrados neste estudo, verificando-se, no geral, uma relação significativa entre os comportamentos e as atitudes estudantes universitários de Psicologia. Esta relação tem sido verificada por outros estudos (Cano et al.; O'Keefe; Riggs & O'Leary, *cit in* Caridade, 2008).

Segundo Carlson (*cit in* Caridade, 2008), as atitudes e/ou crenças que tendem a justificar o comportamento violento são, pelo menos parcialmente, responsáveis pela manutenção da relação violenta ao longo do tempo. De acordo com o estudo de Caridade (2008), as atitudes são importantes preditores de comportamentos violentos nas relações amorosas. Estes dados foram, também, verificados na investigação internacional (e.g., Avery-Leaf, Cascardi, & O'Leary; Byers & Eno; O'Keefe; Riggs & O'Leary; Slep et al, *cit in* Caridade, 2008). Tondonato e Crew (*cit in* Caridade, 2008) referem que os jovens que mais legitimam o uso de algum tipo de violência na resolução de conflitos nos seus relacionamentos, têm uma probabilidade três vezes maior de recorrer a comportamentos abusivos ou violentos para com o(a) seu/sua parceiro(a).

O sexto objetivo proposto foi “*verificar se existe relação entre o consumo de drogas e álcool e a prevalência dos comportamentos violentos nas relações íntimas dos estudantes universitários de Psicologia*”. Machado (2010) menciona que, entre os diferentes fatores de risco que podem ser predisponentes para os comportamentos violentos, destaca-se o consumo de álcool e/ou drogas. Num estudo realizado por Serge e colaboradores, verificou-se

que o aparecimento de comportamentos violentos nos jovens é mais comum nos rapazes que consomem álcool, tabaco e drogas (*cit in* Machado, 2010). Vários autores fazem referência ao facto de que o consumo de álcool e drogas é considerado um fator de risco para a determinação da violência, podendo o abuso destas substâncias propiciar o aparecimento de comportamentos mais violentos e, em consequência disso, contribuir para o aumento da violência nas relações íntimas (Caridade & Machado, 2006; Matos, 2006; Matos et al., 2006; Nascimento, 2009; Sousa et al., 2010). Estes dados, vão de encontro aos obtidos neste estudo (Tabela 48).

Tabela 49 – *Teorias que procuram clarificar a relação entre o álcool e a violência*

O modelo “desinibidor” do controlo social salienta o efeito direto do álcool no funcionamento cerebral, na diminuição da perceção das ameaças percebidas e no prejuízo do julgamento das ações (Jacob, 1978 <i>cit in</i> Barnett & Fagan, 1993).
O modelo da aprendizagem defende a ideia de que as pessoas percecionam que, ao beberem, os seus comportamentos agressivos são mais tolerados pelos outros e, deste modo, escapam mais facilmente à condenação dos outros (MacAndrew & Edgerton, 1968 <i>cit in</i> Barnett & Fagan, 1993).

Há semelhança do que acontece com o álcool, a literatura refere que há um incremento da violência nos momentos em que o agressor está sob o efeito de drogas (Matos, 2006).

No que diz respeito às vítimas, num estudo dedicado à análise do papel dos diferentes fatores associados à vitimação na relação íntima, os autores concluíram também que o uso de drogas e as dependências estão relacionados com um maior risco de revitimação (Mears, Carlson, Holden & Harris, 2001).

É de realçar que não há dados que mostrem uma associação simplista de causalidade álcool-violência, continuando a mesma a ser algo controversa (Spieker, 1981 *cit in* Barnett & Fagan, 1993). Neste

sentido, não se pode reduzir a violência na intimidade ao alcoolismo ou à toxicod dependência (Matos, 2006).

O sétimo e último objetivo proposto neste estudo foi “*verificar a prevalência de vítimas de violência no namoro, e a prevalência do conhecimento de vítimas de violência no namoro entre o grupo de pares da população em causa*”. Num estudo realizado em Portugal com 240 estudantes do Ensino Superior verificou-se que 9,1% (21) dos inquiridos foram vítimas de violência no namoro, sendo que 1,3% (3) foram rapazes e 7,9% (18) raparigas (Dixe et al., 2010). Berry (*cit in* Matos, 2006) refere que os estudos internacionais de prevalência de violência no namoro reforçam a ideia de que este fenómeno se trata de um problema comum. Deste modo, os dados da literatura vão de encontro ao que foi encontrado nesta amostra (Tabela 48).

As investigações realizadas na área da violência no namoro juvenil vieram contradizer, de certo modo, a tese de que o homem é sempre o agressor e a mulher a vítima (Caridade & Machado, 2006). Apesar de ainda haver alguns autores que defendem a ideia de que os homens agredem mais do que as mulheres (e.g., Coker et al., 2000), grande parte dos estudos internacionais e nacionais que foram realizados neste domínio referem que a violência entre namorados é caracterizada por uma reciprocidade de agressões (e.g., Magdol et al., 1997; Lewis & Fremouw, 2001; Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004), sendo que as mulheres podem agredir fisicamente de forma tão violenta ou “mais grave” do que os homens (Bookwala et al., 1992; O’Leary & Breslice, 1990; White & Ross, 1991 *cit in* Jackson, 1999).

Straus & Medeiros (2002) ao efetuarem uma revisão da literatura acerca dos fatores de risco que aparecem associados à violência, constataram que 57% dos fatores que estão relacionados com a violência severa contra o parceiro íntimo abrangem o sexo masculino e o sexo feminino.

O trabalho realizado por Molidor e Tolman (1998 *cit in* Worcester, 2002) concluiu que não existem diferenças quantitativas entre homens e mulheres no que diz respeito à perpetração da violência na relação íntima, havendo, no entanto, disparidades a nível qualitativo. Deste modo, quando se examina o contexto e as sequelas do abuso perpetrado, as mulheres, em comparação com os homens, experienciam uma maior quantidade de níveis de violência severa e reações emocionais mais acentuadas (Worcester, 2002). No que diz respeito à violência mais severa, alguns autores referem que, habitualmente, os homens praticam atos mais severos de violência do que as mulheres (Caridade & Machado, 2006). No mesmo sentido, a violência masculina parece resultar, num grande número de casos, consequências mais graves para as mulheres (Molidor & Tolman, 1998 *cit in* Gover, 2004).

Alguns autores (e.g., Nutt, 1999 *cit in* Caridade & Machado, 2006) que têm estudado esta questão das diferenças de género referem que as divergências se acentuam sobretudo na adolescência já que este é um período crítico em que há muitas mudanças e conflito de papéis. Com o passar dos anos e devido às mensagens que vão recebendo da sociedade, as mulheres parecem tornar-se mais vulneráveis para se envolverem em relações violentas e, deste modo, serem vitimizadas (Caridade & Machado, 2006). Saunders (2002) argumenta que as investigações que referem haver níveis similares de perpetração de violência entre os dois sexos não dão atenção ao facto de, muitas vezes, as mulheres agirem em autodefesa. Deste modo, o autor chama salienta que, quando se analisa este tipo de comportamentos violentos, se deve ter em conta a origem da violência, os seus motivos e as consequências que possam advir da mesma.

Dobash & Dobash (2004) admitem que os dados resultantes dos estudos na área do género e da violência nos relacionamentos íntimos têm sido contraditórios, analisando os dados em duas direções. Se por um lado, os estudos parecem apontar para a

existência de uma violência simétrica (em que homens e mulheres são igualmente abusivos), por outro lado, parecem também surgir dados que vão no sentido de haver uma violência assimétrica, em que os homens serão os principais agressores. Os dois autores referem ainda que estes dados contraditórios podem ter sido originados por questões metodológicas, tendo em conta o modo como a violência é conceptualizada, medida e reportada nas diferentes investigações e pelos diferentes instrumentos (Dobash & Dobash, 2004).

Por último, se confrontarmos os dados obtidos referentes à violência no namoro com os dados que dizem respeito ao contexto marital podemos obter uma leitura diferente (Caridade & Machado, 2006). Assim, empregando os mesmos instrumentos de medida e metodologias de recolha de dados, Machado, Matos e Moreira (2003), há semelhança do que acontece neste estudo, não encontraram diferenças de género significativas no contexto das relações amorosas dos jovens universitários, sendo que estas parecem surgir quando estamos a falar de uma relação marital (Machado, 2005).

Nascimento (2009) refere que a violência não é do namorado ou da namorada, mas sim da relação, da díade. A compreensão sobre o amor e o modo de se relacionar com esse sentimento foi-se alterando com o passar dos séculos e, deste modo, os jovens parecem procurar a relação ideal e não a pessoa ideal. Segundo o mesmo autor, Nascimento (2009), os jovens consideram que o namoro é um compromisso e que, com isso, lhes é reservado o direito de cobrar, exigir direitos e deveres que devem ser realizados. Neste estudo, observa-se que os jovens compreendem a violência e os diferentes tipos de violência existentes embora, nas suas relações, muitas vezes, a violência seja levada para um plano mais distanciado da própria relação. Os jovens querem “ser adultos” o quanto antes, e consideram que o amor exige sacrifícios, sendo que para que o namoro resulte, há todo um conjunto de obstáculos que devem ser superados para a obtenção de um estado de felicidade (Nascimento, 2009). Nascimento

(2009) diz, ainda, que a violência psicológica (e.g. o controlo, o ciúme e as desconfianças) é considerada, pelos adolescentes, como uma forma de demonstração de cuidado e amor para com o(a) parceiro(a). Estas “regras” dos relacionamentos de namoro, estabelecidas por ambos os parceiros e pela sociedade como “normais” acabam por conduzir a uma maior legitimação da violência (Nascimento, 2009).

Segundo May (2002), as normas e os valores sociais influenciam os jovens na construção da sua identidade e no modo como gerem os seus relacionamentos íntimos. As crenças que os jovens têm em relação à violência acabam por orientar os seus comportamentos, podendo ser uma possível justificação para a utilização de comportamentos violentos nos relacionamentos íntimos juvenis (May, 2002). Neste estudo, também é possível verificar isto, já que, quanto mais os estudantes universitários desta amostra legitimam os diferentes tipos de violência, maior é também a prevalência desses comportamentos violentos por parte do próprio e do(a) parceiro(a). Foi, então, possível verificar a existência de uma relação entre as atitudes e crenças dos jovens em relação à legitimação da violência e a prevalência de comportamentos violentos nas suas relações de namoro.

Machado (2010) refere que os jovens que mais veem o uso da violência como um meio de resolução de conflitos aceitável tendem, também, a exibir um maior número de comportamentos violentos e agressivos. Muitos dos argumentos que procuram legitimar os comportamentos violentos provêm de razões de ordem social, cultural, individual e educacional (Machado, 2010). No estudo realizado por Machado (2010) grande parte dos jovens referiu que a violência só ocorria quando havia um motivo ou por algo de mal que tivesse sido feito pela vítima. Segundo Sani (*cit in* Machado, 2010), o modo como cada pessoa percebe a violência à sua volta, vai depender da forma como ela compreende a realidade que a rodeia, sendo que isto é influenciado pelas suas experiências pessoais, sociais e culturais do

meio em que se insere. Assim, parece que o indivíduo influencia e é influenciado, organizando as suas crenças em função dos outros (Silva, Rodrigues, Carvalho & Lourenço, *cit in* Machado, 2010).

Grande parte das investigações que tentam analisar as implicações dos comportamentos de violência nas relações íntimas, inicialmente, centraram-se na saúde física e psicológica das mulheres adultas agredidas, havendo poucos estudos que se preocupam em verificar as consequências destes comportamentos para as vítimas masculinas e juvenis e as consequências para os agressores (Glass et al., 2003). Estas investigações relativas às mulheres agredidas têm demonstrado que a violência contra as mesmas tem consequências significativamente negativas para a sua saúde física ou psicológica, sendo a consequência mais grave o homicídio ou o suicídio. (Sharps & Campbell, 1999 *cit in* Caridade & Machado, 2006). Outras consequências da vitimação podem ser: a perturbação de stress pós-traumático; a baixa autoestima; as reações psicossomáticas; e algum declínio ao nível do rendimento profissional (Chase, Treboux & O'Leary, 2002). Em Portugal, Matos (2002) declara que a violência nos relacionamentos íntimos pode causar uma grande variedade de sentimentos nas vítimas como uma auto-perceção desvalorizada, algum ceticismo e um sentimento de impotência que as impede, até certo ponto, de se capacitarem que são seres humanos com direitos e com poder.

Um estudo realizado com estudantes do ensino secundário que tinham passado por situações de violência nas suas relações de intimidade, veio comprovar esta ideia de que a violência nos relacionamentos de namoro parece também deixar consequências nefastas na população mais jovem. As principais consequências encontradas foram: depressão, raiva, ansiedade, perturbação de stress pós-traumático, insucesso escolar e ideação suicida (Singer, Anglin, Song & Lunghofer, 1995 *cit in* Glass et al., 2003).

O impacto que este tipo de violência tem nas vítimas não é linear, isto é, varia sempre e é mediado por todo um conjunto de fatores que podem agravar ou atenuar os seus efeitos (Caridade & Machado, 2006). Deste modo, fatores como a existência de histórias anteriores de vitimação, as características (frequência, duração e gravidade) dos atos de violência, a proximidade entre o ofensor e a vítima bem como os diferentes tipos de vitimação sofridos (múltipla, secundária e vicariante), podem mediar os efeitos da violência no namoro (Matos & Machado, 1999). Tendo em conta estes dados, parece mais provável que a violência nas relações íntimas juvenis cause mais efeitos negativos nos casos em que há uma história familiar com abusos que podem ter sido sofridos de modo direto ou indireto (Caridade & Machado, 2006).

Tendo em conta todos os dados apresentados neste trabalho, será importante a elaboração de mais estudos sobre esta temática, para uma compreensão mais aprofundada da mesma, assim como para uma posterior delimitação de ações preventivas que alertem os jovens e possam incrementar a consciencialização dos mesmos acerca deste grave problema social.

Conclusões

Os resultados obtidos neste estudo vão de encontro a outros estudos (nacionais e internacionais), revelando a existência de uma percentagem elevada de comportamentos abusivos e violentos nas relações íntimas dos estudantes universitários, por parte da díade. Foram verificadas diferenças de género (ainda que nem sempre significativas), sendo que os rapazes relatam ter relações mais saudáveis e menos violentas que as raparigas. Isto pode dever-se ao facto de os rapazes nem sempre identificarem ou considerarem alguns acontecimentos ou comportamentos que acontecem nos seus relacionamentos como violentos ou abusivos. Por outro lado, o facto de as diferenças entre os géneros nem sempre serem significativas, pode dever-se ao reduzido tamanho da amostra masculina (em comparação com a amostra feminina).

O tipo de violência mais presente no namoro dos estudantes universitários desta amostra, é a Violência Emocional/Verbal, e o tipo de violência menos presente é a Violência Física. A maior parte dos sujeitos relata a utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas quando ocorre uma discussão (quer pelo próprio, quer pelo(a) parceiro(a)). Por outro lado, são também poucos os sujeitos que referem não utilizar qualquer estratégia de resolução de conflito abusiva no seu relacionamento, sendo que a maioria refere que apenas raramente utiliza estratégias de resolução de conflito.

Neste estudo, observou-se ainda que quanto mais os jovens legitimam os diferentes tipos de violência, há uma maior prevalência da mesma, existindo uma relação entre as atitudes e as crenças da população estudada e a prevalência desses comportamentos na relação de namoro. Para além disto, no geral, os rapazes parecem legitimar mais os diferentes tipos de violência do que as raparigas, obtendo resultados mais altos nas escalas de atitudes e crenças relativas aos diferentes tipos de violência.

Observou-se, ainda, que há uma relação estatisticamente significativa entre o consumo de álcool e a existência de comportamentos violentos, sendo que quem consome álcool tem uma maior tendência a recorrer aos diferentes tipos de violência no namoro. Por outro lado, de acordo com os resultados, também foi verificado que os sujeitos que já consumiram drogas reportam ter mais comportamentos violentos do que quem nunca tenha consumido, sendo que esta segunda relação não foi estatisticamente significativa.

Por último, observou-se que 10.1% dos sujeitos da amostra já foi vítima de violência no namoro, sendo que todas as pessoas que relataram este facto eram do género feminino. É ainda de referir que 20.6% dos inquiridos conhece situações de violência no namoro no seu grupo de pares.

Todos estes dados, como foi mencionado anteriormente, vão na mesma direção com os resultados obtidos em outras investigações, tanto a nível nacional como a nível internacional.

Este estudo contribui para uma melhor compreensão do fenómeno da violência no namoro (estudando em particular os estudantes universitários do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra) e pode ter alguma utilidade futura para projetos de prevenção deste fenómeno.

É de realçar que, habitualmente, os comportamentos de violência nas relações íntimas juvenis parecem ter início em idades mais precoces, sendo importante que a prevenção deste fenómeno abarque diversas faixas etárias e comece a um nível muito mais precoce. Tendo conhecimento de que a violência nas relações de namoro é um importante preditor da futura violência conjugal, e sabendo que há um grande número de casos de violência conjugal, torna-se fundamental a criação de projetos que possam fazer uma prevenção precoce deste tipo de situações.

Contribuições e Limitações do Estudo

Este estudo veio corroborar as evidências observadas em estudos sobre a violência no namoro internacionais e nacionais, permitindo clarificar que a violência nas relações íntimas dos jovens portugueses é um problema social preocupante, e não se verifica apenas no contexto das relações conjugais ou maritais. Este estudo foi realizado com uma amostra razoável, com estudantes do ensino superior, do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, indo de encontro à maioria dos estudos nacionais neste domínio que se centram no Ensino Universitário. No entanto, por serem estudantes de Psicologia, a amostra teve uma forte limitação do número de pessoas do género masculino já que dos 189 sujeitos que responderam aos questionários, apenas 14 eram do sexo masculino. Neste sentido, o estudo das diferenças de género pode ter ficado, pelo menos em parte, comprometido.

Para além dos contributos, e dessa limitação relacionada com a amostra masculina, é importante referir outras limitações que este estudo teve. Uma delas prende-se com as questões metodológicas, sendo que embora a dimensão da amostra seja razoável, ela foi obtida utilizando uma amostragem por conveniência. É de realçar que, no geral, a maioria dos estudos desta área utilizam este tipo de amostragem, no entanto, pelas suas características, uma amostra deste género dificulta as generalizações que se possam querer fazer para a população portuguesa. Outra limitação é o facto de esta amostra provir apenas de uma faculdade e, poderia ser interessante fazer uma comparação com os alunos de um outro curso ou até de uma outra universidade.

O estudo é unicamente quantitativo, tendo-se recorrido a dois questionários (CADRI e EAVN) e a um questionário sociodemográfico. Um estudo com estas características, não permite

compreender algumas questões que podem ser importantes como o contexto em que os comportamentos violentos e abusivos ocorrem, os motivos do seu aparecimento, o significado que esses comportamentos têm para os jovens e o tipo de conflito para o qual foram usados. Assim, poderá ser importante, num estudo futuro, utilizar também uma recolha de informação mais qualitativa.

Outra limitação deste estudo tem a ver com os instrumentos utilizados não serem imunes à deseabilidade social ou às diferentes interpretações dos comportamentos descritos consoante o género dos participantes. Por outro lado, como os instrumentos foram aplicados num contexto de grupo, é necessário ter em conta os efeitos da deseabilidade social e da pressão que pode ter sido exercida pelos pares.

Por outro lado, a extensão dos instrumentos utilizados pode também ser considerada uma limitação, já que ambos os questionários (CADRI e EAVN) têm um elevado número de itens, o que pode causar alguma fadiga dos sujeitos que participaram no estudo.

Por último, estes instrumentos não permitem identificar se os conflitos ocorreram numa relação com alguém do mesmo sexo ou com alguém do sexo oposto, sendo que poderia ser interessante comparar os casais homossexuais e heterossexuais. Para além disto, os itens estão muito direcionados para casais heterossexuais, o que, no caso de algum dos sujeitos que respondeu ser homossexual, pode também ter sido uma limitação.

Futuras Investigações nesta área

Uma das futuras investigações importantes nesta área seria realizar estudos com populações mais novas (estudantes do ensino secundário e até do ensino básico), para se verificar se os resultados são semelhantes e, se o forem, estes estudos poderão ser fundamentais para saber em que idade será mais eficaz começar a prevenção deste tipo de comportamentos. Para além disto, poderia ser importante

realizar estudos em diferentes zonas do país para saber até que ponto o contexto geográfico e sociocultural tem alguma influência neste fenómeno.

Será também importante que as futuras investigações possam utilizar métodos quantitativos e qualitativos para se obter uma melhor compreensão do fenómeno e dar resposta a questões como: “qual o contexto em que os comportamentos abusivos e violentos ocorrem?”; “quais os motivos que levaram ao comportamento?”; “qual o significado que esse comportamento teve para o jovem?”; e “em que tipo de conflitos são habitualmente usadas as estratégias abusivas de resolução de conflitos?”.

Noutros estudos com populações universitárias poderá ser interessante fazer uma comparação da prevalência da violência no namoro entre os diferentes cursos superiores e, por último, poderá ser importante o desenvolvimento de novos instrumentos que se adequem mais ao estudo deste fenómeno nas relações homossexuais, podendo depois fazer-se uma comparação entre as relações heterossexuais e homossexuais.

Referências

- A.P.A.V. – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (1998). *Manual de Procedimentos*. Lisboa: APAV
- A.P.A.V. – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2004). *Relatório de actividades do projecto IUNO*.
- Alarcão, M. (2000). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Aldrighi, T., (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo-Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 105– 120
- Alexander, R. (1993). Wife battering: An australian perspective. *Journal of Family Violence*, 8(3), 229-251.
- Anderson, S. A. & Schlossberg, M. C. (1999). Systems perspectives on battering: The importance of context and pattern. In M. Harway & J. M. O’Neil (Ed.). *What causes men’s violence against women?*, pp. 137-152. Thousand Oaks: Sage.
- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 126(5), 651-680.
- Barilari, S. (2007). Noviazgos Violentos. Recuperado a 7 de Janeiro de 2013
http://www.ecapsocial.com.ar/files/Noviazgos_Violentos.pdf

- Barnett, O.W. & Fagan, R.W. (1993). Alcohol use in male spouse abusers and their female partners. *Journal of Family Violence*, 8(1), 1-10.
- Barreiros, S. F. (2009). Diferenças de género nas percepções dos jovens acerca do uso da violência no namoro. *Dissertação de Mestrado em Psicologia*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Barroso, Z. (2007). *Violência nas relações amorosas: uma análise sociológica dos casos detectados nos Institutos de Medicina Legal de Coimbra e do Porto*. Lisboa: Edições Colibri.
- Black, M. B., & Weisy, N. A. (2003). Dating violence. Help-seeking behaviors of African American middle schoolers. *Violence Against Women*, 9(2), 187-206
- Caridade, S. (2008). *Violência nas relações de intimidade: Comportamentos e atitudes dos jovens*. Tese de Doutoramento em Psicologia, área de conhecimento em Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493
- Caridade, S., Machado, C. & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo exploratório com jovens estudantes. *Psychologica*, 46, 197-214.

- Caridade, S., & Matos, M. (2003). *O exemplo de um programa de prevenção primária junto de estudantes no ensino secundário*. Texto policopiado. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Carmo, H., & Ferreira M. M. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- Chase, K. A., Treboux, D., & O’Leary, K. D. (2002). Characteristics of high-risk adolescent’s dating violence. *Journal of Interpersonal Violence, 17*(1), 33-49.
- Coker, A. L., Mckeown, R. E., Sauderson, M., Davis, K. E., Valois, R. E., & Huebner, E. S. (2000). Severe dating violence an quality of life among South Carolina high school students. *American Journal of Preventive Medicine, 19*(4), 220-227.
- Cox, J. W. & Stoltenberg, C. D. (1991). Evaluation of a treatment program for battered wives. *Journal of Family Violence, 6*(4), 395- 413.
- Dias, I. (2004). *Violência da família: Uma abordagem sociológica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Dixe, M. A., Rodrigues, A. L., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2010). *A violência de género na relação de namoro em estudantes do ensino superior: práticas e comportamentos de violência*. Recuperado a 25 de Julho, 2013, do <http://hdl.handle.net/10400.8/334>

- Dobash, R. P., & Dobash R. E. (2004). Women's violence to men in intimate relationships. *British Journal of Criminology*, 44(3), 324-349
- Dutton, D. G. & Painter, S. (1993). The Battered Woman Syndrome: Effects of severity and intermittency of abuse. *American Journal of Orthopsychiatry*, 63(4), 614-622.
- Espinheira, F., & Jólúksin, G. (2009). *Violência e Bullying na escola: um estudo exploratório no 5º ano de escolaridade*. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN 1646-0502. 6, 106-115. Recuperado em 31 de Julho, 2013, do http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1319/1/106-115_%20FCHS06-14.pdf
- Fischer, J., & Corcoran, K. (2007). *Measures for Clinical Practice and Research: A sourcebook, Volume 1: Couples, Families and Children*. New York, NY, E.E. U.U.: Oxford University Press.
- Fortin, M. F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes and implications for clinical practice. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing*, 32(2), 227-238.

- Gonçalves, M. M. (2003). *Psicoterapia, uma arte retórica: Contributos das terapias narrativas*. Coimbra: Quarteto.
- Gonzalez-Ortega, I., Echeburúa, E. & Paz de Coral (2008). Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: una revisión. *Behavioral Psychology/ Psicología Conductual*, 16(2), 207-225
- Gordon, M. (2000). Definitional issues in violence against women. *Violence Against Women*, 6(7), 747-783.
- Gover, A. R. (2004). Risky lifestyles and dating violence: A theoretical test of violent victimization. *Journal of Criminal Justice*, 32(2), 171-180.
- Guimarães, S. P. & Campos, P. (2007). Norma Social Violenta: Um Estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 188-196.
- Hernando, A. (2007). La prevención de la violencia de género en adolescentes. Una experiencia en el ámbito educativo. *Apuntes de Psicología*, 25(3), 325-340
- Houaiss, A. & Villar, M. (2003). *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Hydèn, M. (1995). Verbal aggression as a prehistory of woman battering. *Journal of Family Violence*, 10(1), 55-71.
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. *Agression and violent behavior*, 4(2), 233-247.

- Jasinki, J. L. (2001). Theoretical explanations for violence against women. In C. M. Renzetti, J. L. Edleson & R. K. Bergen (Eds.), *Sourcebook on violence against women*, pp. 5-22. Thousand Oaks: Sage.
- Lavoie, F., Robitaille, L., & Hébert, M. (2000). Teen dating relationships and aggression. *Violence Against Women*, 6(1), 6-36.
- Lewis, M. M. (2010). Parental Conflict, Anger Control, and Dating Violence Perpetration Outcomes (*Thesis Degree Master of Arts in Psychology*). Faculty of San Diego State University. San Diego State University.
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21(1), 105-127.
- Lourenço, N. & Carvalho, M.J.L. (2001). *Violência doméstica: conceitos e âmbitos. Tipos e espaços de violência*. Separata. Themis. Revista da Faculdade Direito da UNL. Ano II-nº3.
- Machado, C. (2005). Violência nas famílias portuguesas: um estudo representativo na região Norte, *Psychologica*, 40, 173-194.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2009). Violence in juvenile dating relationships: Selfreported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52.

- Machado, C., Gonçalves, M. M., Almeida, L. S. & Simões, M. R. (2011). *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica*. Ed. 1. Coimbra: Almedina
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Machado, L. M. (2010). Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a Violência Interpessoal. *Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde e Intervenção Comunitária*. Universidade Fernando Pessoa do Porto. Escola de Estudos Pós-Graduados e de Investigação.
- Magdol, L., Moffitt, T. E., Caspi, A., Fagan, J., & Silva, P. A. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(1), 68-78.
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software & aplicações*. Pêro Pinheiro: ReportNumber
- Matos, M. (2000). *Violência conjugal: O processo de construção da identidade da mulher*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Matos, M. (2002). Violência conjugal. In C. Machado, & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes. Vol I: Adultos* (pp. 81-130). Coimbra: Quarteto.

Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. Tese de Doutoramento em Psicologia, área de conhecimento em Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55-75.

May, C. W. (2002). *In the name of love: violence and aggression in courtship among young adults in Hong Kong*. Recuperado em 15 de Julho, 2013, do <http://hub.hku.hk/bitstream/10722/30747/15/FullText.pdf?accept=1>

Mears, D. P., Carlson, M. J., Holden, G. W. & Harris, S. D. (2001). Reducing domestic violence revictimization: The effects of individual and contextual factors and type of legal intervention. *Journal of Interpersonal Violence*, 16(12), 1260-1283.

Moffitt, T. E., & Caspi, A. (2002). Como prevenir a continuidade intergeracional do comportamento anti-social: Implicações da

- violência entre companheiros. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família*, pp. 373-396. Coimbra: Almedina.
- Muñoz-Rivas, M.J., Graña, J.L., O’Leary, K.D., & González, M.P. (2007). Physical and psychological aggression in dating relationships in Spanish university students. *Psicothema*, *19*(1), 102-107.
- Nascimento, F. S. (2009). *Namoro e violência: um estudo sobre amor, namoro e violência entre jovens de grupos populares e camadas médias*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco.
- O’Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*, *13*(1), 39-57.
- O’Keefe, M. (2005). *Teen Dating Violence: A review of Risk Factors and Prevention Efforts*. Recuperado em 15 de Agosto, 2013, de http://www.unajauladeoro.com/cd/documentos/AR_TeenDatingViolence.pdf
- O’Neil, J. M. & Harway, M. (1999). Revised multivariate model explaining men’s risk factor for violence against women: Theoretical propositions, new hypotheses and proactive recommendations. In M. Harway & J. M. O’Neil (Ed.), *What causes men’s violence against women?* , pp. 207-241. Thousand Oaks: Sage.

- Oliveira, M. (2004). *Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas*. Monografia apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de licenciada em Serviço Social. Porto.
- Oliveira, M. (2007). *Violência Intergeracional: da violência na família à violência no namoro*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Ciências Forenses. Porto: Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.
- Olivier, C. (2001). *Violência pessoal e familiar - Suas origens*. Lisboa: Prefácio.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, Prevalência, Causas e Efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Pollak, R. A. (2003). An intergenerational model of domestic violence. *Journal of Population Economics*, 17, 311-329.
- Price, E. L., Byers, E. S., & Dating violence research team (1999). The attitudes towards dating violence scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 14(4), 351-375.
- Purcel, R., Moller, B., Flower, T. & Mullen, P. (2009) Stalking among juveniles. *The British Journal of Psychiatry*, 194, 451-455.

- Ribeiro, M. & Sani, A. (2008). As crenças de adolescentes sobre a vida interpessoal. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 5, 176-186.
- Rothenberg, B. (2003). “We don’t have time for social change”: Cultural compromise and the battered woman syndrome. *Gender & society*, 7(5), 771-787.
- Saavedra, R. (2010). *Prevenir antes de remediar: prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. Tese de Doutoramento em Psicologia, área de especialização em Psicologia da Justiça. Braga: Escola de Psicologia da Universidade do Minho.
- Saunders, D. G. (2002). Are physical assaults by wives and girlfriends a major social problem? A review of the literature. *Violence Against Women*, 8(12), 1424-1448.
- Silva, M. J., & Matos, M. (2001). *Percepções da violência entre estudantes do ensino secundário*. Texto policopiado. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Sousa, S., Correia, T., Ramos, E., Fraga, S. & Barros, H. (2010). Violence in adolescents: social and behavioural factors. *Gac Sanit* 24(1), 47-52.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by males and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790-811.

- Straus, M. A., & Medeiros, R. (2002). Gender differences in risk factors for physical violence between dating partners by university students. Paper presented at the American Society of Criminology annual meeting, Chicago, IL. Durham, NH: University of New Hampshire, Family Research Laboratory.
- Sugarman, D. B. & Frankel, S. L. (1996). Patriarchal ideology and wife assault: A metaanalytic review. *Journal of Family Violence, 11*(1), 13-40.
- Wolfe, K. A., & Foshee, V. A. (2003). Family violence, anger expression styles and adolescent dating violence. *Journal of Family Violence, 18*(6), 309-316.
- Worcester, N. (2002). Women's use of force: Complexities and Challenges of Taking the Issue Seriously. *Violence against women, 8*(11), 1390-1415.

Anexos

Anexo I – Questionário Sociodemográfico

Os questionários que se seguem estão integrados num estudo no âmbito da Dissertação de Mestrado na área de especialização de Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC). O título da investigação é: “Violência no Namoro em Estudantes Universitários: Prevalência e Diferenças entre Géneros”.

É pedido que responda com o máximo de sinceridade e de acordo com a sua opinião, não existindo respostas certas, nem erradas. Os dados fornecidos serão confidenciais.

Agradeço desde já a sua participação que é determinante para o sucesso deste estudo.

Questionário Sociodemográfico

Assinale com um X (cruz) a resposta que mais se adequar ao seu caso (ou complete-a se for caso disso), em relação às seguintes questões.

1. Idade: _____ anos

2. Género:

Feminino Masculino

3. Ano que estás a frequentar no curso: _____ ° ano

4. Questões sobre o estilo de vida:

4.1. Fumas?

Sim Não

Se sim, há quanto tempo? _____

4.2. Ingeres bebidas alcoólicas?

Sim Não

Se sim, com que frequência? _____

4.3. Já consumiste drogas?

Sim Não

Se sim, Quais?

4.4. Já estiveste envolvido em algum comportamento de risco (por exemplo, ter relações sexuais sem métodos contracetivos; ter relações sexuais com diferentes parceiros, etc.)?

Sim Não

4.5. Já foste vítima de violência no namoro (violência física/psicológica/stalking/sexual)?

Sim Não

Se sim, que tipo de violência?

Se sim, o relacionamento durou quanto tempo?

4.6. Tens conhecimento de alguma situação de violência no namoro no teu grupo de pares?

Sim Não

Anexo II - CADRI

Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes (CADRI)

(Autores: Wolfe, Scott, Straatman, Grasley, & Reitzel-Jaffe, 2001; Adaptação

Portuguesa: R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D. Vieira, 2008)

Versão para Investigação

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

PARTE I

A) ASSINALA COM UMA CRUZ (X) A OPÇÃO QUE MELHOR SE APLICA À TUA SITUAÇÃO.

- Namoro ou já namorei
- Nunca namorei (Se escolheste esta opção não precisas responder a este questionário)
- Saio ou sai com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro (Se escolheste esta opção, não precisas responder a este questionário)

B) SE JÁ ESTIVESTE ENVOLVIDO NUMA RELAÇÃO DE NAMORO, POR FAVOR, RESPONDE À SEGUINTE QUESTÃO:

Com que idade começaste a namorar? _____

C) NAS PÁGINAS QUE SE SEQUEM SÃO FEITAS ALGUMAS QUESTÕES SOBRE OS TEUS RELACIONAMENTOS ACTUAIS OU SOBRE RELAÇÕES QUE TENHAS TIDO. POR FAVOR ASSINALA A PESSOA EM QUE ESTÁS A PENSAR QUANDO RESPONDES A ESTAS QUESTÕES:

- Estou a pensar na pessoa que é o meu (minha) namorado(a) actualmente.
- Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) do último ano.
- Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) há mais de um ano.

PARTE II

As perguntas que se seguem questionam-te acerca de coisas que poderão ter acontecido contigo e com o teu namorado ou namorada durante uma discussão. Assinala o quadrado que melhor identifica o número de vezes que essas coisas aconteceram com o teu /tua actual ou ex-namorado(a), no último ano. Por favor, lembra-te que todas as respostas são confidenciais. Como guia de resposta, utiliza a seguinte escala:

Nunca: isto nunca aconteceu no teu relacionamento	Raramente: isto aconteceu apenas 1-2 vezes no teu relacionamento	Às vezes: isto aconteceu cerca de 3-5 vezes no teu relacionamento	Frequentemente: isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento
--	---	--	---

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
1. Eu apresentei os meus motivos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.1 Ele(a) apresentou os motivos dele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.1 Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.1. Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.1. Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.1. Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Eu admiti que tinha alguma culpa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.1. Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Eu relembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.1. Ele(a) relembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Eu atirei-lhe alguma coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.1. Ele(a) atirou-me alguma coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9.1. Ele(a) disse coisas só para me deixar furioso(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Eu dei razões para achar que ele(a) estava errado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10.1. Ele(a) deu razões para achar que eu estava errado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):		NUNCA	RARAMENTE	AS VEZES	FREQUENTEMENTE
11. Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a)		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.1. Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certa(o).		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.1. Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.1. Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.1. Ele(a) apresentou uma solução que achou boa para os dois.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a).		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15.1. Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16.1. Ele(a) deixou de falar até eu me acalmar.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.1. Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Eu discuti o assunto calmamente.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.1. Ele(a) discutiu o assunto calmamente.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19.1. Ele(a) beijou-me quando eu não queria.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.1. Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de outros.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21.1. Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Eu disse-lhe o quanto aborrecido(o) estava.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22.1. Ele(a) disse-me o quanto aborrecido(a) estava.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu controlo com quem ele(a) está e onde está.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23.1. Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Eu culpei-o(a) pelo problema.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.1. Ele(a) culpou-me pelo problema.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.1. Ele(a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Eu abandonei a sala para me acalmar.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26.1. Ele(a) abandonou a sala para se acalmar.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Eu desisti só para evitar um conflito.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.1. Ele(a) desistiu só para evitar um conflito.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):		NUNCA	RARAMENTE	AS VEZES	FREQUENTEMENTE
28. Eu acusei-o(a) de se meter com outros(as) raparigas/rapazes.	28.1 Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/rapagas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Eu tentei assustá-lo(a) de propósito.	29.1 Ele(a) tentou assustar-me de propósito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo.	30.1 Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Eu ameacei magoá-lo(a).	31.1 Ele(a) ameaçou magoar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Eu ameacei terminar o namoro.	32.1 Ele(a) ameaçou terminar o namoro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa.	33.1 Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Eu empurrei-o(a), dei-lhe encofrões ou abanei-o(a).	34.1 Ele(a) empurrou-me, deu-me encofrões ou abanou-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Eu espalhei boatos contra ele(a).	35.1 Ele(a) espalhou boatos contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo III – EAVN

Escala de atitudes acerca da violência no namoro (E.A.V.N.)
(Autores: Price, Byers, & *The Dating Violence Research Team*, 1999;
Tradução Portuguesa: Saavedra, Machado, & Martins, 2008)
Versão para Investigação

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções:

Discordo Totalmente
Discordo
Não concordo nem discordo
Concordo
Concordo totalmente

Parte A

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Um rapaz não deve insultar a namorada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode dizer mal da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte B

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Não é correcto um rapaz bater na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o imita.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte C

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte D

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Uma rapariga pode dizer mal do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte E

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Nunca está correcto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte F

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Uma rapariga só deve tocar no namorado nos sítios onde ele quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo IV – Objetivo 1

Frequência de Comportamentos Abusivos

Statistics

Comportamentos Abusivos no

Relacionamento (Pontuação)

N	Valid	168
	Missing	21
Mean		16,92
Std. Deviation		14,532
Minimum		0
Maximum		72

Comportamentos Abusivos no Relacionamento (Pontuação)

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	6	3,2	3,6	3,6
1	3	1,6	1,8	5,4
2	10	5,3	6,0	11,3
3	5	2,6	3,0	14,3
4	8	4,2	4,8	19,0
5	6	3,2	3,6	22,6
6	8	4,2	4,8	27,4
7	4	2,1	2,4	29,8
8	7	3,7	4,2	33,9
9	4	2,1	2,4	36,3
10	12	6,3	7,1	43,5
11	2	1,1	1,2	44,6
12	4	2,1	2,4	47,0
13	9	4,8	5,4	52,4
14	3	1,6	1,8	54,2
15	1	,5	,6	54,8
16	2	1,1	1,2	56,0
17	9	4,8	5,4	61,3
18	6	3,2	3,6	64,9
19	3	1,6	1,8	66,7
20	6	3,2	3,6	70,2
21	3	1,6	1,8	72,0

22	4	2,1	2,4	74,4
23	2	1,1	1,2	75,6
24	2	1,1	1,2	76,8
25	3	1,6	1,8	78,6
26	3	1,6	1,8	80,4
27	3	1,6	1,8	82,1
28	4	2,1	2,4	84,5
30	1	,5	,6	85,1
31	1	,5	,6	85,7
32	1	,5	,6	86,3
34	2	1,1	1,2	87,5
35	3	1,6	1,8	89,3
36	3	1,6	1,8	91,1
38	1	,5	,6	91,7
39	1	,5	,6	92,3
44	1	,5	,6	92,9
46	1	,5	,6	93,5
47	3	1,6	1,8	95,2
48	1	,5	,6	95,8
52	1	,5	,6	96,4
53	1	,5	,6	97,0
56	1	,5	,6	97,6
57	1	,5	,6	98,2
61	1	,5	,6	98,8
68	1	,5	,6	99,4
72	1	,5	,6	100,0
Total	168	88,9	100,0	
Missing System	21	11,1		
Total	189	100,0		

Frequência de Comportamentos Abusivos no Masculino

Statistics^a

Comportamentos Abusivos no
Relacionamento (Pontuação)

N	Valid	10
	Missing	4

Mean	13,00
Std. Deviation	11,431
Minimum	2
Maximum	36

a. Género = Masculino

Comportamentos Abusivos no Relacionamento (Pontuação)^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
2	2	14,3	20,0	20,0
4	1	7,1	10,0	30,0
6	1	7,1	10,0	40,0
9	1	7,1	10,0	50,0
Valid 10	1	7,1	10,0	60,0
16	1	7,1	10,0	70,0
17	1	7,1	10,0	80,0
28	1	7,1	10,0	90,0
36	1	7,1	10,0	100,0
Total	10	71,4	100,0	
Missing System	4	28,6		
Total	14	100,0		

a. Género = Masculino

Frequência de Comportamentos Abusivos no Feminino

Statistics^a

Comportamentos Abusivos no
Relacionamento (Pontuação)

N	Valid	158
	Missing	17
Mean		17,16
Std. Deviation		14,700
Minimum		0
Maximum		72

a. Género = Feminino

Comportamentos Abusivos no Relacionamento (Pontuação)^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
--	-----------	---------	---------------	--------------------

0	6	3,4	3,8	3,8
1	3	1,7	1,9	5,7
2	8	4,6	5,1	10,8
3	5	2,9	3,2	13,9
4	7	4,0	4,4	18,4
5	6	3,4	3,8	22,2
6	7	4,0	4,4	26,6
7	4	2,3	2,5	29,1
8	7	4,0	4,4	33,5
9	3	1,7	1,9	35,4
10	11	6,3	7,0	42,4
11	2	1,1	1,3	43,7
12	4	2,3	2,5	46,2
13	9	5,1	5,7	51,9
14	3	1,7	1,9	53,8
15	1	,6	,6	54,4
16	1	,6	,6	55,1
17	8	4,6	5,1	60,1
Valid 18	6	3,4	3,8	63,9
19	3	1,7	1,9	65,8
20	6	3,4	3,8	69,6
21	3	1,7	1,9	71,5
22	4	2,3	2,5	74,1
23	2	1,1	1,3	75,3
24	2	1,1	1,3	76,6
25	3	1,7	1,9	78,5
26	3	1,7	1,9	80,4
27	3	1,7	1,9	82,3
28	3	1,7	1,9	84,2
30	1	,6	,6	84,8
31	1	,6	,6	85,4
32	1	,6	,6	86,1
34	2	1,1	1,3	87,3
35	3	1,7	1,9	89,2
36	2	1,1	1,3	90,5
38	1	,6	,6	91,1
39	1	,6	,6	91,8

44	1	,6	,6	92,4
46	1	,6	,6	93,0
47	3	1,7	1,9	94,9
48	1	,6	,6	95,6
52	1	,6	,6	96,2
53	1	,6	,6	96,8
56	1	,6	,6	97,5
57	1	,6	,6	98,1
61	1	,6	,6	98,7
68	1	,6	,6	99,4
72	1	,6	,6	100,0
Total	158	90,3	100,0	
Missing System	17	9,7		
Total	175	100,0		

a. Género = Feminino

Ver se há diferenças significativas entre os géneros

Género * Comportamentos Abusivos 2 Crosstabulation

		Comportamentos Abusivos 2		Total
		,00	1,00	
Género	Count	0	10	10
	Masculino % within Género	0,0%	100,0%	100,0%
	% within Comportamentos Abusivos 2	0,0%	6,2%	6,0%
	Count	6	152	158
	Feminino % within Género	3,8%	96,2%	100,0%
	% within Comportamentos Abusivos 2	100,0%	93,8%	94,0%
Total	Count	6	162	168
	% within Género	3,6%	96,4%	100,0%
	% within Comportamentos Abusivos 2	100,0%	100,0%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	,394 ^a	1	,530	1,000	,688	
Continuity Correction ^b	,000	1	1,000			
Likelihood Ratio	,750	1	,386	1,000	,688	
Fisher's Exact Test				1,000	,688	
Linear-by-Linear Association	,391 ^c	1	,532	1,000	,688	,688
N of Valid Cases	168					

a. 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,36.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is -,626.

Anexo V – Objetivo 2

Frequência de Comportamentos Violentos

Statistics

Comportamentos Violentos

N	Valid	168
	Missing	21
Mean		2,69
Std. Deviation		4,903
Minimum		0
Maximum		32

Comportamentos Violentos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	90	47,6	53,6	53,6
1	5	2,6	3,0	56,5
2	20	10,6	11,9	68,5
3	7	3,7	4,2	72,6
4	15	7,9	8,9	81,5
5	5	2,6	3,0	84,5
6	7	3,7	4,2	88,7
7	5	2,6	3,0	91,7
8	2	1,1	1,2	92,9
9	1	,5	,6	93,5
Valid 10	1	,5	,6	94,0
13	2	1,1	1,2	95,2
14	1	,5	,6	95,8
15	1	,5	,6	96,4
17	1	,5	,6	97,0
18	1	,5	,6	97,6
19	1	,5	,6	98,2
23	1	,5	,6	98,8
25	1	,5	,6	99,4
32	1	,5	,6	100,0
Total	168	88,9	100,0	
Missing System	21	11,1		

Total	189	100,0		
-------	-----	-------	--	--

Frequência de Comportamentos Violentos no Género Masculino

Statistics^a

Comportamentos Violentos

N	Valid	10
	Missing	4
Mean		1,60
Std. Deviation		2,836
Minimum		0
Maximum		9

a. Género = Masculino

Comportamentos Violentos^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	6	42,9	60,0	60,0
2	2	14,3	20,0	80,0
Valid 3	1	7,1	10,0	90,0
9	1	7,1	10,0	100,0
Total	10	71,4	100,0	
Missing System	4	28,6		
Total	14	100,0		

a. Género = Masculino

Frequência de Comportamentos Violentos no Género Feminino

Statistics^a

Comportamentos Violentos

N	Valid	158
	Missing	17
Mean		2,76
Std. Deviation		5,002
Minimum		0
Maximum		32

a. Género = Feminino

Comportamentos Violentos^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	84	48,0	53,2	53,2
1	5	2,9	3,2	56,3
2	18	10,3	11,4	67,7
3	6	3,4	3,8	71,5
4	15	8,6	9,5	81,0
5	5	2,9	3,2	84,2
6	7	4,0	4,4	88,6
7	5	2,9	3,2	91,8
8	2	1,1	1,3	93,0
10	1	,6	,6	93,7
13	2	1,1	1,3	94,9
14	1	,6	,6	95,6
15	1	,6	,6	96,2
17	1	,6	,6	96,8
18	1	,6	,6	97,5
19	1	,6	,6	98,1
23	1	,6	,6	98,7
25	1	,6	,6	99,4
32	1	,6	,6	100,0
Total	158	90,3	100,0	
Missing System	17	9,7		
Total	175	100,0		

a. Género = Feminino

Ver se há diferenças significativas entre os géneros

Género * Comportamentos Violentos Crosstabulation

Count

		Comportamentos Violentos		Total
		,00	1,00	
Género	Masculino	6	4	10
	Feminino	84	74	158
Total		90	78	168

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	,177 ^a	1	,674	,753	,466	
Continuity Correction ^b	,009	1	,926			
Likelihood Ratio	,178	1	,673	,753	,466	
Fisher's Exact Test				,753	,466	
Linear-by-Linear Association	,176 ^c	1	,675	,753	,466	,236
N of Valid Cases	168					

a. 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 4,64.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is ,419.

Frequência da Violência Física

Violência Física Total

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	138	73,0	82,1	82,1
1	6	3,2	3,6	85,7
2	7	3,7	4,2	89,9
3	4	2,1	2,4	92,3
4	6	3,2	3,6	95,8
Valid 5	2	1,1	1,2	97,0
6	1	,5	,6	97,6
7	1	,5	,6	98,2
11	2	1,1	1,2	99,4
16	1	,5	,6	100,0
Total	168	88,9	100,0	
Missing System	21	11,1		
Total	189	100,0		

Frequência da Violência Sexual

Violência Sexual Total

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	119	63,0	70,8	70,8
1	10	5,3	6,0	76,8

2	16	8,5	9,5	86,3
3	6	3,2	3,6	89,9
4	8	4,2	4,8	94,6
5	2	1,1	1,2	95,8
6	5	2,6	3,0	98,8
7	1	,5	,6	99,4
8	1	,5	,6	100,0
Total	168	88,9	100,0	
Missing System	21	11,1		
Total	189	100,0		

Frequência de Comportamentos Ameaçadores

Comportamento Ameaçador Total

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	76	40,2	45,2	45,2
1	16	8,5	9,5	54,8
2	31	16,4	18,5	73,2
3	5	2,6	3,0	76,2
4	13	6,9	7,7	83,9
5	5	2,6	3,0	86,9
6	7	3,7	4,2	91,1
Valid 7	3	1,6	1,8	92,9
8	3	1,6	1,8	94,6
9	2	1,1	1,2	95,8
10	4	2,1	2,4	98,2
11	1	,5	,6	98,8
12	1	,5	,6	99,4
16	1	,5	,6	100,0
Total	168	88,9	100,0	
Missing System	21	11,1		
Total	189	100,0		

Frequência da Violência Emocional / Verbal

Violência Emocional / Verbal Total

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
--	-----------	---------	---------------	--------------------

0	13	6,9	7,7	7,7
1	5	2,6	3,0	10,7
2	18	9,5	10,7	21,4
3	10	5,3	6,0	27,4
4	11	5,8	6,5	33,9
5	5	2,6	3,0	36,9
6	10	5,3	6,0	42,9
7	10	5,3	6,0	48,8
8	16	8,5	9,5	58,3
9	10	5,3	6,0	64,3
10	13	6,9	7,7	72,0
11	4	2,1	2,4	74,4
12	6	3,2	3,6	78,0
14	5	2,6	3,0	81,0
15	5	2,6	3,0	83,9
16	4	2,1	2,4	86,3
17	2	1,1	1,2	87,5
18	3	1,6	1,8	89,3
19	2	1,1	1,2	90,5
20	4	2,1	2,4	92,9
21	2	1,1	1,2	94,0
22	4	2,1	2,4	96,4
23	2	1,1	1,2	97,6
24	1	,5	,6	98,2
25	1	,5	,6	98,8
26	1	,5	,6	99,4
31	1	,5	,6	100,0
Total	168	88,9	100,0	
Missing System	21	11,1		
Total	189	100,0		

Frequência da Violência Relacional

Violência Relacional Total				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	128	67,7	76,2	76,2
Valid 1	6	3,2	3,6	79,8

2	18	9,5	10,7	90,5
3	6	3,2	3,6	94,0
4	2	1,1	1,2	95,2
5	2	1,1	1,2	96,4
6	1	,5	,6	97,0
8	3	1,6	1,8	98,8
9	1	,5	,6	99,4
10	1	,5	,6	100,0
Total	168	88,9	100,0	
Missing System	21	11,1		
Total	189	100,0		

Frequência da Violência Física no Masculino

Violência Física Total^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	10	71,4	100,0	100,0
Missing System	4	28,6		
Total	14	100,0		

a. Género = Masculino

Frequência da Violência Física no Feminino

Violência Física Total^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	128	73,1	81,0	81,0
1	6	3,4	3,8	84,8
2	7	4,0	4,4	89,2
3	4	2,3	2,5	91,8
4	6	3,4	3,8	95,6
Valid 5	2	1,1	1,3	96,8
6	1	,6	,6	97,5
7	1	,6	,6	98,1
11	2	1,1	1,3	99,4
16	1	,6	,6	100,0
Total	158	90,3	100,0	
Missing System	17	9,7		

Total	175	100,0		
-------	-----	-------	--	--

a. Género = Feminino

Frequência da Violência Sexual no Masculino

Violência Sexual Total ^a				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	8	57,1	80,0	80,0
Valid 2	1	7,1	10,0	90,0
Valid 7	1	7,1	10,0	100,0
Total	10	71,4	100,0	
Missing System	4	28,6		
Total	14	100,0		

a. Género = Masculino

Frequência da Violência Sexual no Feminino

Violência Sexual Total ^a				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	111	63,4	70,3	70,3
Valid 1	10	5,7	6,3	76,6
Valid 2	15	8,6	9,5	86,1
Valid 3	6	3,4	3,8	89,9
Valid 4	8	4,6	5,1	94,9
Valid 5	2	1,1	1,3	96,2
Valid 6	5	2,9	3,2	99,4
Valid 8	1	,6	,6	100,0
Total	158	90,3	100,0	
Missing System	17	9,7		
Total	175	100,0		

a. Género = Feminino

Frequência dos Comportamentos Ameaçadores no Masculino

Comportamento Ameaçador Total ^a				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	6	42,9	60,0	60,0

	2	2	14,3	20,0	80,0
	6	1	7,1	10,0	90,0
	7	1	7,1	10,0	100,0
	Total	10	71,4	100,0	
Missing	System	4	28,6		
Total		14	100,0		

a. Género = Masculino

Frequência dos Comportamentos Ameaçadores no Feminino

Comportamento Ameaçador Total^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	70	40,0	44,3	44,3
1	16	9,1	10,1	54,4
2	29	16,6	18,4	72,8
3	5	2,9	3,2	75,9
4	13	7,4	8,2	84,2
5	5	2,9	3,2	87,3
6	6	3,4	3,8	91,1
7	2	1,1	1,3	92,4
8	3	1,7	1,9	94,3
9	2	1,1	1,3	95,6
10	4	2,3	2,5	98,1
11	1	,6	,6	98,7
12	1	,6	,6	99,4
16	1	,6	,6	100,0
Total	158	90,3	100,0	
Missing	System	17	9,7	
Total		175	100,0	

a. Género = Feminino

Frequência da Violência Emocional / Verbal no Masculino

Violência Emocional / Verbal Total^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	1	7,1	10,0	10,0
2	3	21,4	30,0	40,0

6	2	14,3	20,0	60,0
8	1	7,1	10,0	70,0
10	1	7,1	10,0	80,0
15	1	7,1	10,0	90,0
16	1	7,1	10,0	100,0
Total	10	71,4	100,0	
Missing System	4	28,6		
Total	14	100,0		

a. Género = Masculino

Frequência da Violência Emocional / Verbal no Feminino

Violência Emocional / Verbal Total ^a				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	12	6,9	7,6	7,6
1	5	2,9	3,2	10,8
2	15	8,6	9,5	20,3
3	10	5,7	6,3	26,6
4	11	6,3	7,0	33,5
5	5	2,9	3,2	36,7
6	8	4,6	5,1	41,8
7	10	5,7	6,3	48,1
8	15	8,6	9,5	57,6
9	10	5,7	6,3	63,9
10	12	6,9	7,6	71,5
Valid 11	4	2,3	2,5	74,1
12	6	3,4	3,8	77,8
14	5	2,9	3,2	81,0
15	4	2,3	2,5	83,5
16	3	1,7	1,9	85,4
17	2	1,1	1,3	86,7
18	3	1,7	1,9	88,6
19	2	1,1	1,3	89,9
20	4	2,3	2,5	92,4
21	2	1,1	1,3	93,7
22	4	2,3	2,5	96,2
23	2	1,1	1,3	97,5

	24	1	,6	,6	98,1
	25	1	,6	,6	98,7
	26	1	,6	,6	99,4
	31	1	,6	,6	100,0
	Total	158	90,3	100,0	
Missing	System	17	9,7		
Total		175	100,0		

a. Género = Feminino

Frequência da Violência Relacional no Masculino

Violência Relacional Total^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	7	50,0	70,0	70,0
Valid 1	1	7,1	10,0	80,0
Valid 2	2	14,3	20,0	100,0
Total	10	71,4	100,0	
Missing System	4	28,6		
Total	14	100,0		

a. Género = Masculino

Frequência da Violência Relacional no Feminino

Violência Relacional Total^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	121	69,1	76,6	76,6
Valid 1	5	2,9	3,2	79,7
Valid 2	16	9,1	10,1	89,9
Valid 3	6	3,4	3,8	93,7
Valid 4	2	1,1	1,3	94,9
Valid 5	2	1,1	1,3	96,2
Valid 6	1	,6	,6	96,8
Valid 8	3	1,7	1,9	98,7
Valid 9	1	,6	,6	99,4
Valid 10	1	,6	,6	100,0
Total	158	90,3	100,0	
Missing System	17	9,7		

Total	175	100,0		
-------	-----	-------	--	--

a. Género = Feminino

Anexo VI – Objetivo 3

**Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas –
Relativas ao Próprio**

Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Próprio

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	6	3,2	3,6	3,6
1	12	6,3	7,1	10,7
2	16	8,5	9,5	20,2
3	11	5,8	6,5	26,8
4	16	8,5	9,5	36,3
5	9	4,8	5,4	41,7
6	10	5,3	6,0	47,6
7	9	4,8	5,4	53,0
8	12	6,3	7,1	60,1
9	12	6,3	7,1	67,3
10	6	3,2	3,6	70,8
11	11	5,8	6,5	77,4
12	4	2,1	2,4	79,8
13	2	1,1	1,2	81,0
Valid 14	5	2,6	3,0	83,9
15	5	2,6	3,0	86,9
16	5	2,6	3,0	89,9
17	1	,5	,6	90,5
19	3	1,6	1,8	92,3
20	1	,5	,6	92,9
21	1	,5	,6	93,5
22	1	,5	,6	94,0
23	4	2,1	2,4	96,4
24	2	1,1	1,2	97,6
26	1	,5	,6	98,2
28	1	,5	,6	98,8
33	1	,5	,6	99,4
46	1	,5	,6	100,0
Total	168	88,9	100,0	
Missing System	21	11,1		

Total	189	100,0		
-------	-----	-------	--	--

**Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas –
Relativas ao Próprio (Género Masculino)**

Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Próprio^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1	1	7,1	10,0	10,0
2	1	7,1	10,0	20,0
3	3	21,4	30,0	50,0
6	1	7,1	10,0	60,0
Valid 8	1	7,1	10,0	70,0
9	1	7,1	10,0	80,0
11	1	7,1	10,0	90,0
19	1	7,1	10,0	100,0
Total	10	71,4	100,0	
Missing System	4	28,6		
Total	14	100,0		

a. Género = Masculino

**Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas –
Relativas ao Próprio (Género Feminino)**

Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Próprio^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	6	3,4	3,8	3,8
1	11	6,3	7,0	10,8
2	15	8,6	9,5	20,3
3	8	4,6	5,1	25,3
4	16	9,1	10,1	35,4
Valid 5	9	5,1	5,7	41,1
6	9	5,1	5,7	46,8
7	9	5,1	5,7	52,5
8	11	6,3	7,0	59,5
9	11	6,3	7,0	66,5
10	6	3,4	3,8	70,3
11	10	5,7	6,3	76,6

12	4	2,3	2,5	79,1
13	2	1,1	1,3	80,4
14	5	2,9	3,2	83,5
15	5	2,9	3,2	86,7
16	5	2,9	3,2	89,9
17	1	,6	,6	90,5
19	2	1,1	1,3	91,8
20	1	,6	,6	92,4
21	1	,6	,6	93,0
22	1	,6	,6	93,7
23	4	2,3	2,5	96,2
24	2	1,1	1,3	97,5
26	1	,6	,6	98,1
28	1	,6	,6	98,7
33	1	,6	,6	99,4
46	1	,6	,6	100,0
Total	158	90,3	100,0	
Missing System	17	9,7		
Total	175	100,0		

a. Género = Feminino

Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas – Relativas ao Parceiro(a)

Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Outro

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	12	6,3	7,1	7,1
1	14	7,4	8,3	15,5
2	13	6,9	7,7	23,2
3	13	6,9	7,7	31,0
4	12	6,3	7,1	38,1
Valid 5	14	7,4	8,3	46,4
6	12	6,3	7,1	53,6
7	5	2,6	3,0	56,5
8	9	4,8	5,4	61,9
9	7	3,7	4,2	66,1
10	4	2,1	2,4	68,5

11	10	5,3	6,0	74,4
12	8	4,2	4,8	79,2
13	7	3,7	4,2	83,3
14	2	1,1	1,2	84,5
16	2	1,1	1,2	85,7
17	4	2,1	2,4	88,1
18	2	1,1	1,2	89,3
19	1	,5	,6	89,9
20	2	1,1	1,2	91,1
21	2	1,1	1,2	92,3
23	4	2,1	2,4	94,6
25	1	,5	,6	95,2
26	1	,5	,6	95,8
29	1	,5	,6	96,4
31	2	1,1	1,2	97,6
35	1	,5	,6	98,2
37	1	,5	,6	98,8
45	1	,5	,6	99,4
47	1	,5	,6	100,0
Total	168	88,9	100,0	
Missing System	21	11,1		
Total	189	100,0		

**Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas –
Relativas ao Parceiro(a) (Género Masculino)**

Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Outro^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	1	7,1	10,0	10,0
1	2	14,3	20,0	30,0
3	1	7,1	10,0	40,0
4	1	7,1	10,0	50,0
6	1	7,1	10,0	60,0
8	2	14,3	20,0	80,0
17	2	14,3	20,0	100,0
Total	10	71,4	100,0	
Missing System	4	28,6		

Total	14	100,0		
-------	----	-------	--	--

a. Género = Masculino

**Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas –
Relativas ao Parceiro(a) (Género Feminino)**

Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Outro^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	11	6,3	7,0	7,0
1	12	6,9	7,6	14,6
2	13	7,4	8,2	22,8
3	12	6,9	7,6	30,4
4	11	6,3	7,0	37,3
5	14	8,0	8,9	46,2
6	11	6,3	7,0	53,2
7	5	2,9	3,2	56,3
8	7	4,0	4,4	60,8
9	7	4,0	4,4	65,2
10	4	2,3	2,5	67,7
11	10	5,7	6,3	74,1
12	8	4,6	5,1	79,1
13	7	4,0	4,4	83,5
Valid 14	2	1,1	1,3	84,8
16	2	1,1	1,3	86,1
17	2	1,1	1,3	87,3
18	2	1,1	1,3	88,6
19	1	,6	,6	89,2
20	2	1,1	1,3	90,5
21	2	1,1	1,3	91,8
23	4	2,3	2,5	94,3
25	1	,6	,6	94,9
26	1	,6	,6	95,6
29	1	,6	,6	96,2
31	2	1,1	1,3	97,5
35	1	,6	,6	98,1
37	1	,6	,6	98,7
45	1	,6	,6	99,4

	47	1	,6	,6	100,0
Total		158	90,3	100,0	
Missing System		17	9,7		
Total		175	100,0		

a. Género = Feminino

Correlação de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas do Próprio no Género

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	,394 ^a	1	,530	1,000	,688	
Continuity Correction ^b	,000	1	1,000			
Likelihood Ratio	,750	1	,386	1,000	,688	
Fisher's Exact Test				1,000	,688	
Linear-by-Linear Association	,391 ^c	1	,532	1,000	,688	,688
N of Valid Cases	168					

a. 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,36.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is -,626.

Correlação de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas do(a) Parceiro(a) no Género

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	,131 ^a	1	,718	1,000	,534	
Continuity Correction ^b	,000	1	1,000			
Likelihood Ratio	,118	1	,731	1,000	,534	
Fisher's Exact Test				,534	,534	
Linear-by-Linear Association	,130 ^c	1	,718	1,000	,534	,381
N of Valid Cases	168					

a. 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,71.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is ,361.

Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Positivas – Relativas ao Próprio

Violência no Namoro em Estudantes Universitários: Prevalência e Diferenças entre Géneros
 Nuno Miguel Veloso (email: uc2006125340@student.uc.pt) 2013

Estratégias de Resolução de Conflito Não Abusivas/Positivas - Relativas ao Próprio

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	1	,5	,6	,6
5	1	,5	,6	1,2
7	1	,5	,6	1,8
10	2	1,1	1,2	3,0
11	5	2,6	3,0	6,0
12	1	,5	,6	6,5
13	3	1,6	1,8	8,3
14	5	2,6	3,0	11,3
15	10	5,3	6,0	17,3
16	11	5,8	6,5	23,8
Valid 17	9	4,8	5,4	29,2
18	21	11,1	12,5	41,7
19	17	9,0	10,1	51,8
20	19	10,1	11,3	63,1
21	25	13,2	14,9	78,0
22	16	8,5	9,5	87,5
23	9	4,8	5,4	92,9
24	6	3,2	3,6	96,4
25	4	2,1	2,4	98,8
27	2	1,1	1,2	100,0
Total	168	88,9	100,0	
Missing System	21	11,1		
Total	189	100,0		

Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Positivas – Relativas ao Próprio (Género Masculino)

Estratégias de Resolução de Conflito Não Abusivas/Positivas - Relativas ao Próprio^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 11	1	7,1	10,0	10,0
12	1	7,1	10,0	20,0
15	1	7,1	10,0	30,0

	16	1	7,1	10,0	40,0
	17	1	7,1	10,0	50,0
	18	1	7,1	10,0	60,0
	21	3	21,4	30,0	90,0
	22	1	7,1	10,0	100,0
	Total	10	71,4	100,0	
Missing	System	4	28,6		
Total		14	100,0		

a. Género = Masculino

Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Positivas – Relativas ao Próprio (Género Feminino)

Estratégias de Resolução de Conflito Não Abusivas/Positivas - Relativas ao Próprio^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	1	,6	,6
	5	1	,6	1,3
	7	1	,6	1,9
	10	2	1,1	3,2
	11	4	2,3	5,7
	13	3	1,7	7,6
	14	5	2,9	10,8
	15	9	5,1	16,5
	16	10	5,7	22,8
Valid	17	8	4,6	27,8
	18	20	11,4	40,5
	19	17	9,7	51,3
	20	19	10,9	63,3
	21	22	12,6	77,2
	22	15	8,6	86,7
	23	9	5,1	92,4
	24	6	3,4	96,2
	25	4	2,3	98,7
	27	2	1,1	100,0
	Total	158	90,3	100,0
Missing	System	17	9,7	

Total	175	100,0		
-------	-----	-------	--	--

a. Género = Feminino

Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Positivas – Relativas ao Parceiro(a)

Estratégias de Resolução de Conflitos Não Abusivas/Positivas - Relativas ao Outro

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	1	,5	,6	,6
5	1	,5	,6	1,2
6	1	,5	,6	1,8
8	3	1,6	1,8	3,6
9	3	1,6	1,8	5,4
10	3	1,6	1,8	7,1
11	3	1,6	1,8	8,9
12	2	1,1	1,2	10,1
13	6	3,2	3,6	13,7
14	8	4,2	4,8	18,5
15	11	5,8	6,5	25,0
Valid 16	15	7,9	8,9	33,9
17	15	7,9	8,9	42,9
18	17	9,0	10,1	53,0
19	18	9,5	10,7	63,7
20	21	11,1	12,5	76,2
21	18	9,5	10,7	86,9
22	6	3,2	3,6	90,5
23	6	3,2	3,6	94,0
24	7	3,7	4,2	98,2
25	2	1,1	1,2	99,4
26	1	,5	,6	100,0
Total	168	88,9	100,0	
Missing System	21	11,1		
Total	189	100,0		

Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Positivas – Relativas ao Parceiro(a) (Género Masculino)

Violência no Namoro em Estudantes Universitários: Prevalência e
Diferenças entre Géneros
Nuno Miguel Veloso (email: uc2006125340@student.uc.pt) 2013

Estratégias de Resolução de Conflitos Não Abusivas/Positivas - Relativas ao Outro^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
10	1	7,1	10,0	10,0
13	1	7,1	10,0	20,0
15	1	7,1	10,0	30,0
17	2	14,3	20,0	50,0
Valid 18	2	14,3	20,0	70,0
19	1	7,1	10,0	80,0
20	1	7,1	10,0	90,0
21	1	7,1	10,0	100,0
Total	10	71,4	100,0	
Missing System	4	28,6		
Total	14	100,0		

a. Género = Masculino

Frequência de Estratégias de Resolução de Conflito Positivas – Relativas ao Parceiro(a) (Género Feminino)

Estratégias de Resolução de Conflitos Não Abusivas/Positivas - Relativas ao Outro^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	1	,6	,6	,6
5	1	,6	,6	1,3
6	1	,6	,6	1,9
8	3	1,7	1,9	3,8
9	3	1,7	1,9	5,7
10	2	1,1	1,3	7,0
Valid 11	3	1,7	1,9	8,9
12	2	1,1	1,3	10,1
13	5	2,9	3,2	13,3
14	8	4,6	5,1	18,4
15	10	5,7	6,3	24,7
16	15	8,6	9,5	34,2
17	13	7,4	8,2	42,4
18	15	8,6	9,5	51,9

19	17	9,7	10,8	62,7
20	20	11,4	12,7	75,3
21	17	9,7	10,8	86,1
22	6	3,4	3,8	89,9
23	6	3,4	3,8	93,7
24	7	4,0	4,4	98,1
25	2	1,1	1,3	99,4
26	1	,6	,6	100,0
Total	158	90,3	100,0	
Missing System	17	9,7		
Total	175	100,0		

a. Género = Feminino

Correlação de Estratégias de Resposta Positivas do Próprio entre Género

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	,064 ^a	1	,801	1,000	,940	
Continuity Correction ^b	,000	1	1,000			
Likelihood Ratio	,123	1	,726	1,000	,940	
Fisher's Exact Test				1,000	,940	
Linear-by-Linear Association	,063 ^c	1	,801	1,000	,940	,940
N of Valid Cases	168					

a. 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,06.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is -,252.

Correlação de Estratégias de Resposta Positivas do(a) Parceiro(a) entre Género

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	,064 ^a	1	,801	1,000	,940	
Continuity Correction ^b	,000	1	1,000			
Likelihood Ratio	,123	1	,726	1,000	,940	
Fisher's Exact Test				1,000	,940	
Linear-by-Linear Association	,063 ^c	1	,801	1,000	,940	,940

N of Valid Cases	168					
------------------	-----	--	--	--	--	--

a. 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,06.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is -,252.

Anexo VII – Objetivo 4

Aplicação dos Critérios paramétricos

Distribuição Normal

Tests of Normality

Gênero	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
VPM_EAVN Masculino	,161	14	,200*	,943	14	,462
VPM_EAVN Feminino	,107	175	,000	,952	175	,000
VFM_EAVN Masculino	,181	14	,200*	,835	14	,014
VFM_EAVN Feminino	,228	175	,000	,768	175	,000
VSM_EAVN Masculino	,203	14	,122	,858	14	,028
VSM_EAVN Feminino	,202	175	,000	,807	175	,000
VPF_EAVN Masculino	,216	14	,074	,854	14	,025
VPF_EAVN Feminino	,137	175	,000	,917	175	,000
VFF_EAVN Masculino	,138	14	,200*	,913	14	,171
VFF_EAVN Feminino	,139	175	,000	,904	175	,000
VSF_EAV Masculino	,189	14	,189	,912	14	,168
VSF_EAV Feminino	,192	175	,000	,856	175	,000

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Teste de Levene - Homogeneidade

Test of Homogeneity of Variances

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
VPM_EAVN	5,271	1	187	,023
VFM_EAVN	9,725	1	187	,002
VSM_EAVN	23,915	1	187	,000
VPF_EAVN	15,279	1	187	,000
VFF_EAVN	3,365	1	187	,068
VSF_EAV	2,236	1	187	,137

Teste Não Paramétrico Mann-Whitney

Test Statistics^a

	VPM_EAVN	VFM_EAVN	VSM_EAVN	VPF_EAVN	VFF_EAVN	VSF_EAV
Mann-Whitney U	803,000	936,500	843,500	1109,000	977,000	736,000
Wilcoxon W	16203,000	16336,500	16243,500	16509,000	16377,000	16136,000
Z	-2,146	-1,518	-1,975	-,593	-1,266	-2,504
Asymp. Sig. (2-tailed)	,032	,129	,048	,553	,206	,012

a. Grouping Variable: Gênero

Violência Psicológica Masculina

Violência no Namoro em Estudantes Universitários: Prevalência e Diferenças entre Gêneros
 Nuno Miguel Veloso (email: uc2006125340@student.uc.pt) 2013

Frequência da Violência Psicológica Masculina no Género Feminino

Statistics^a

VPM_EAVN

N	Valid	175
	Missing	0
Mean		23,54
Median		23,00
Std. Deviation		5,881
Minimum		15
Maximum		38

a. Género = Feminino

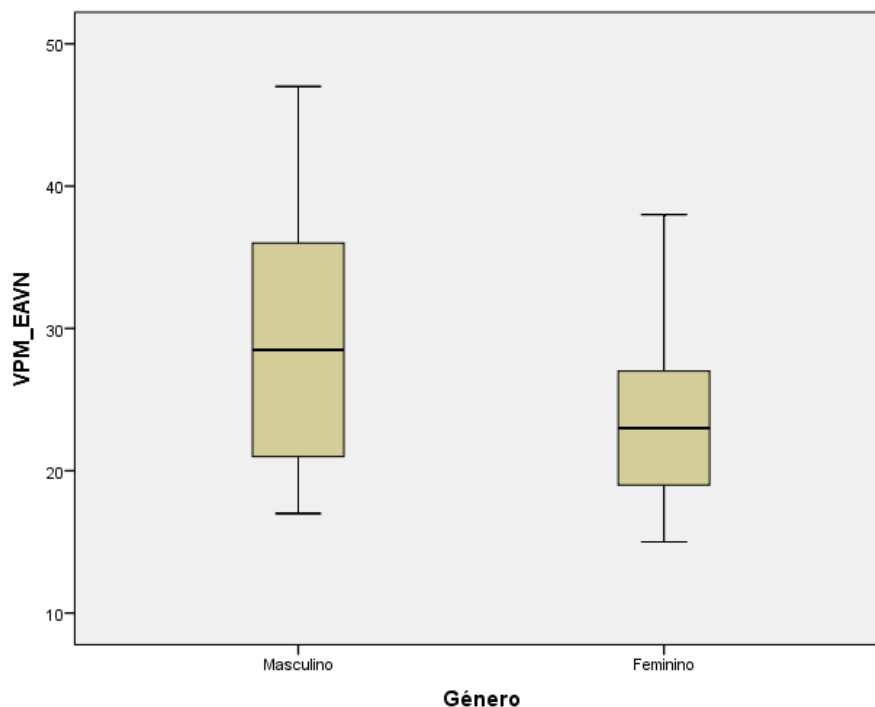
Frequência da Violência Psicológica masculina no Género Masculino

Statistics^a

VPM_EAVN

N	Valid	14
	Missing	0
Mean		28,79
Median		28,50
Std. Deviation		9,023
Minimum		17
Maximum		47

a. Género = Masculino



Violência Física Masculina

Frequência da Violência Física Masculina no género Feminino

Statistics^a

VFM_EAVN

N	Valid	175
	Missing	0
Mean		16,04
Median		14,00
Std. Deviation		5,428
Minimum		12
Maximum		40

a. Género = Feminino

Frequência da Violência Física Masculina no género Masculino

Statistics^a

VFM_EAVN

N	Valid	14
	Missing	0
Mean		20,21
Median		17,50
Std. Deviation		9,023
Minimum		12
Maximum		37

a. Género = Masculino

Violência Sexual Masculina

Frequência da Violência Sexual Masculina no género Feminino

Statistics^a

VSM_EAVN

N	Valid	175
	Missing	0
Mean		15,30
Median		14,00
Std. Deviation		3,962
Minimum		12
Maximum		30

a. Género = Feminino

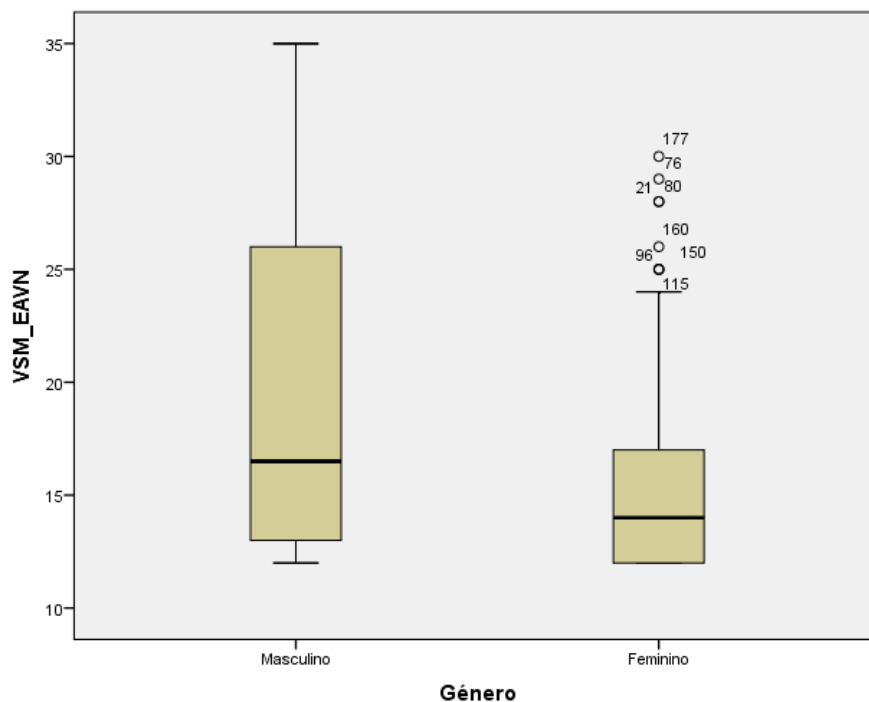
Frequência da Violência Sexual Masculina no género Masculino

Statistics^a

VSM_EAVN

N	Valid	14
	Missing	0
Mean		19,71
Median		16,50
Std. Deviation		8,081
Minimum		12
Maximum		35

a. Género = Masculino



Violência Psicológica Feminina

Frequência da Violência Psicológica Feminina no género

Feminino

Statistics^a

VPF_EAVN

N	Valid	175
	Missing	0
Mean		19,14
Median		18,00
Std. Deviation		5,304
Minimum		13
Maximum		33

a. Género = Feminino

Frequência da Violência Psicológica Feminina no género

Masculino

Statistics^a

VPF_EAVN

N	Valid	14
	Missing	0
Mean		21,64

Median	18,00
Std. Deviation	8,854
Minimum	13
Maximum	38

a. Género = Masculino

Violência Física Feminina

Frequência da Violência Física Feminina no género Feminino

Statistics^a

VFF_EAVN

N	Valid	175
	Missing	0
Mean		18,40
Median		17,00
Std. Deviation		5,909
Minimum		12
Maximum		40

a. Género = Feminino

Frequência da Violência Física Feminina no género Masculino

Masculino

Statistics^a

VFF_EAVN

N	Valid	14
	Missing	0
Mean		21,64
Median		21,50
Std. Deviation		8,400
Minimum		12
Maximum		37

a. Género = Masculino

Violência Sexual Feminina

Frequência da Violência Sexual Feminina no género Feminino

Statistics^a

VSF_EAV

N	Valid	175
	Missing	0
Mean		16,77
Median		15,00
Std. Deviation		4,951
Minimum		12
Maximum		30

a. Género = Feminino

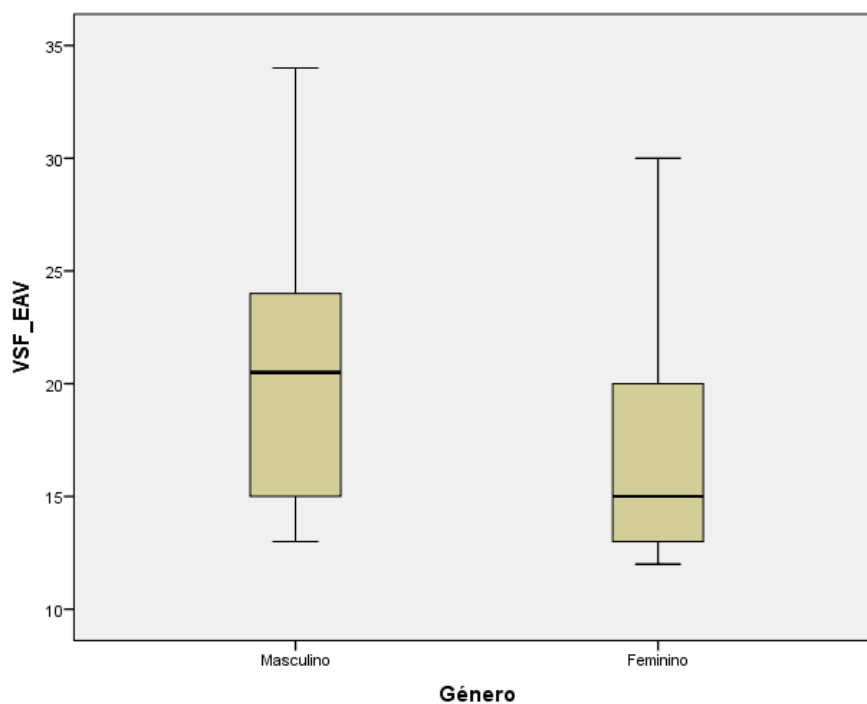
Frequência da Violência Sexual Feminina no género Masculino

Statistics^a

VSF_EAV

N	Valid	14
	Missing	0
Mean		20,71
Median		20,50
Std. Deviation		6,661
Minimum		13
Maximum		34

a. Género = Masculino



Anexo VIII – Objetivo 5

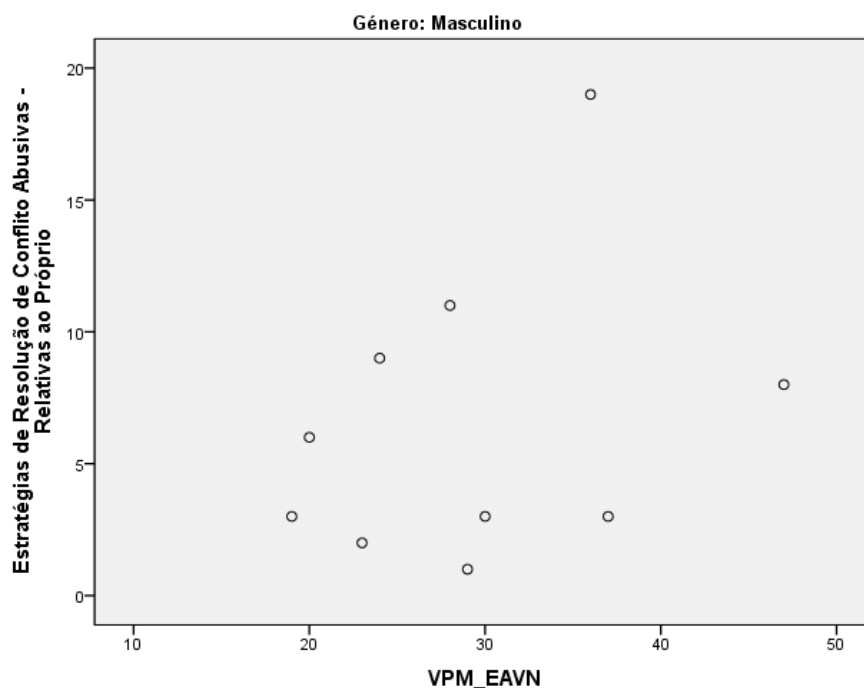
Género Masculino

Correlação da Variável Violência Psicológica Masculina e Comportamentos Abusivos do Próprio

Correlations^a

		Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Próprio	VPM_EAVN
Spearman's rho	Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Próprio	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (1-tailed)	,202
		N	,287
		N	10
	VPM_EAVN	Correlation Coefficient	,202
		Sig. (1-tailed)	1,000
		N	,287
		N	10
			14

a. Género = Masculino

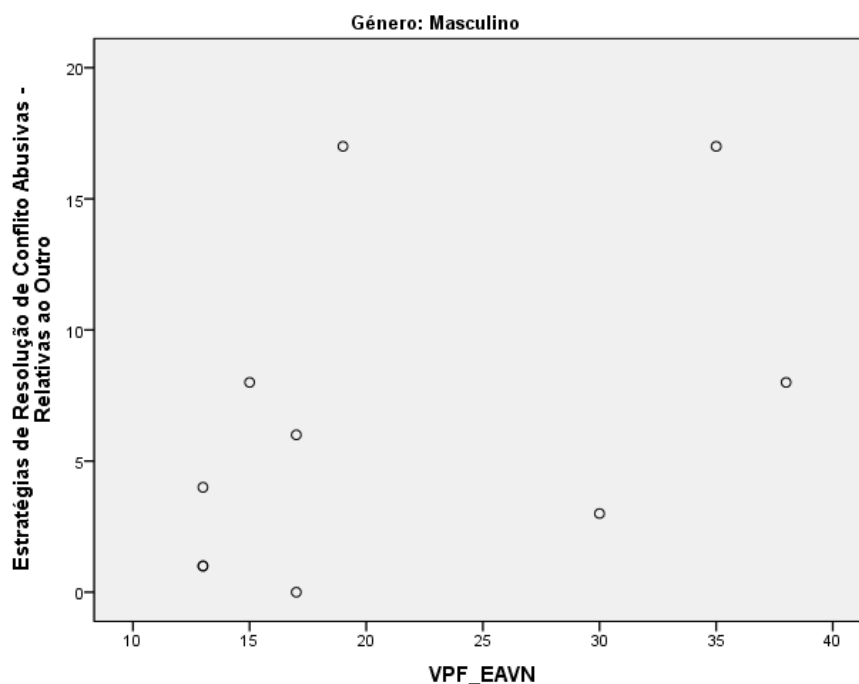


Correlação da Variável Violência Psicológica Feminina e os Comportamentos Abusivos da Parceira

Correlations ^a			
		Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Outro	VPF_EAVN
Spearman's rho	Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Outro	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (1-tailed)	,559 [*]
		N	10
	VPF_EAVN	Correlation Coefficient	,559 [*]
		Sig. (1-tailed)	,046
		N	10
			14

*. Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

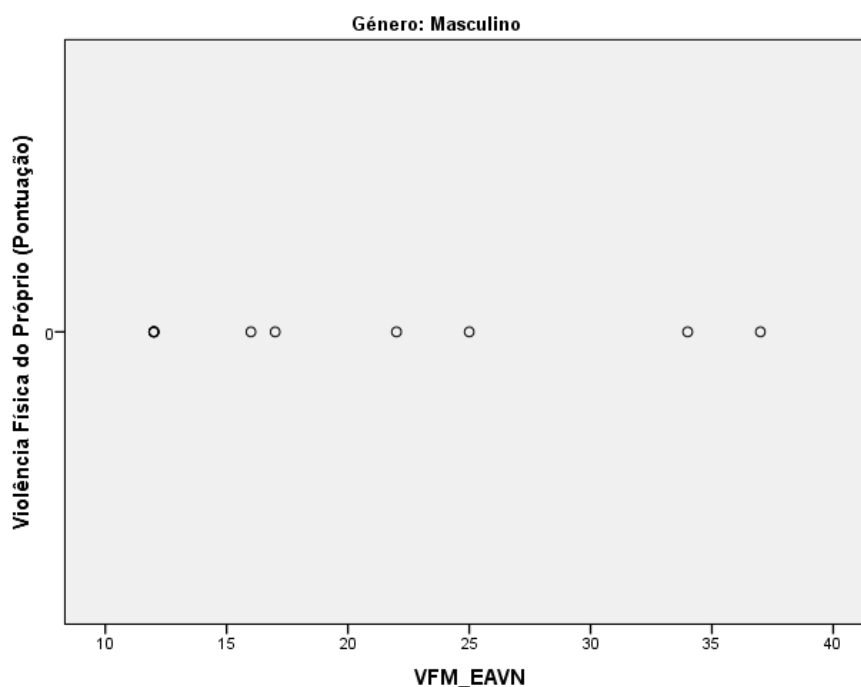
a. Género = Masculino



Correlação da Variável Violência Física Masculina e Violência Física do Próprio

Correlations ^a			Violência Física do Próprio (Pontuação)	VFM_EAVN
Spearman's rho	Violência Física do Próprio (Pontuação)	Correlation Coefficient	.	.
		Sig. (1-tailed)	.	.
		N	10	10
	VFM_EAVN	Correlation Coefficient	.	1,000
		Sig. (1-tailed)	.	.
		N	10	14

a. Género = Masculino

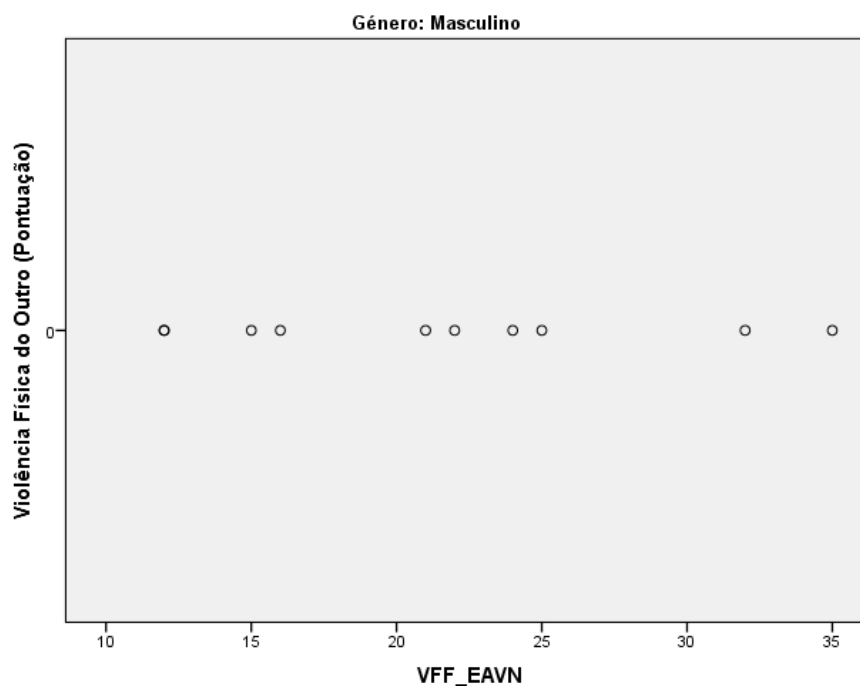


Correlação da Variável Violência Física Feminina e Violência Física da Parceira

Correlations ^a			Violência Física do Outro (Pontuação)	VFF_EAVN
Spearman's rho	Violência Física do Outro (Pontuação)	Correlation Coefficient	.	.
		Sig. (1-tailed)	.	.
		N	10	10

	Correlation Coefficient	.	1,000
VFF_EAVN	Sig. (1-tailed)	.	.
	N	10	14

a. Género = Masculino

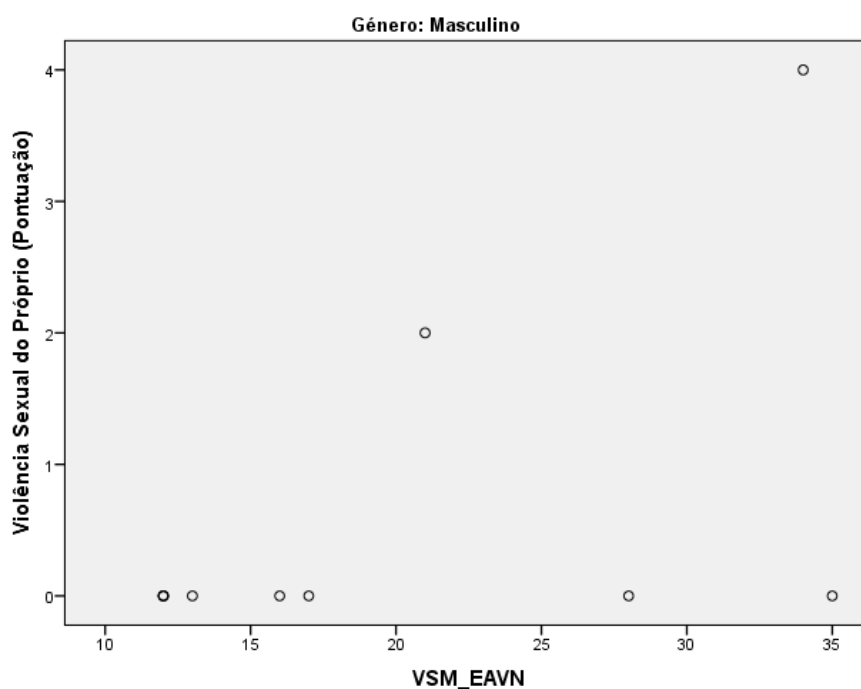


Correlação da Variável Violência Sexual Masculina e Violência Sexual do Próprio

Correlations^a

		Violência Sexual do Próprio (Pontuação)	VSM_EAVN
Violência Sexual do Próprio (Pontuação)	Correlation Coefficient	1,000	,455
	Sig. (1-tailed)	.	,093
	N	10	10
Spearman's rho	Correlation Coefficient	,455	1,000
	Sig. (1-tailed)	,093	.
	N	10	14

a. Género = Masculino

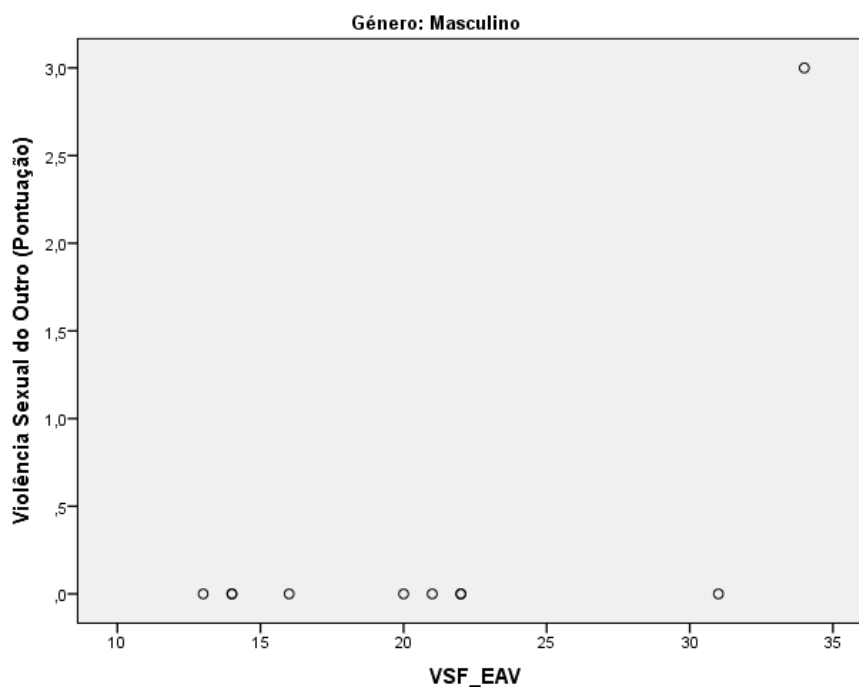


Correlação da Variável Violência Sexual Feminina e Violência Sexual do(a) Parceiro(a)

Correlations^a

		Violência Sexual do Outro (Pontuação)	VSF_EAV
Violência Sexual do Outro (Pontuação)	Correlation Coefficient	1,000	,525
	Sig. (1-tailed)	.	,059
	N	10	10
VSF_EAV	Correlation Coefficient	,525	1,000
	Sig. (1-tailed)	,059	.
	N	10	14

a. Género = Masculino



Género Feminino

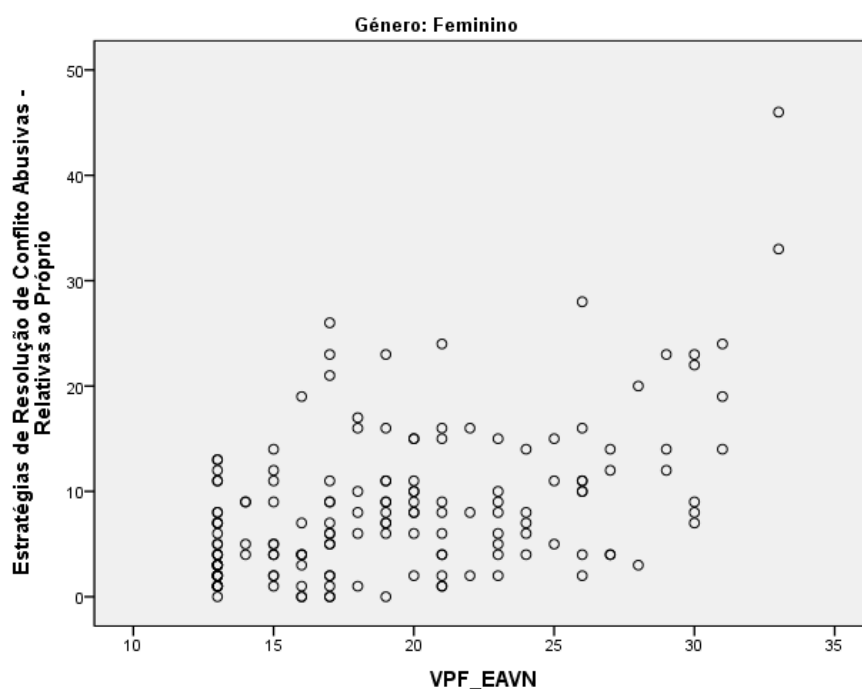
Correlação da Variável Violência Psicológica Feminina e os Comportamentos Abusivos do Próprio

Correlations^a

		Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Próprio	VPF_EAVN
Spearman's rho	Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Próprio	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (1-tailed)	,434**
		N	158
	VPF_EAVN	Correlation Coefficient	,434**
		Sig. (1-tailed)	,000
		N	158
			175

** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

a. Género = Feminino



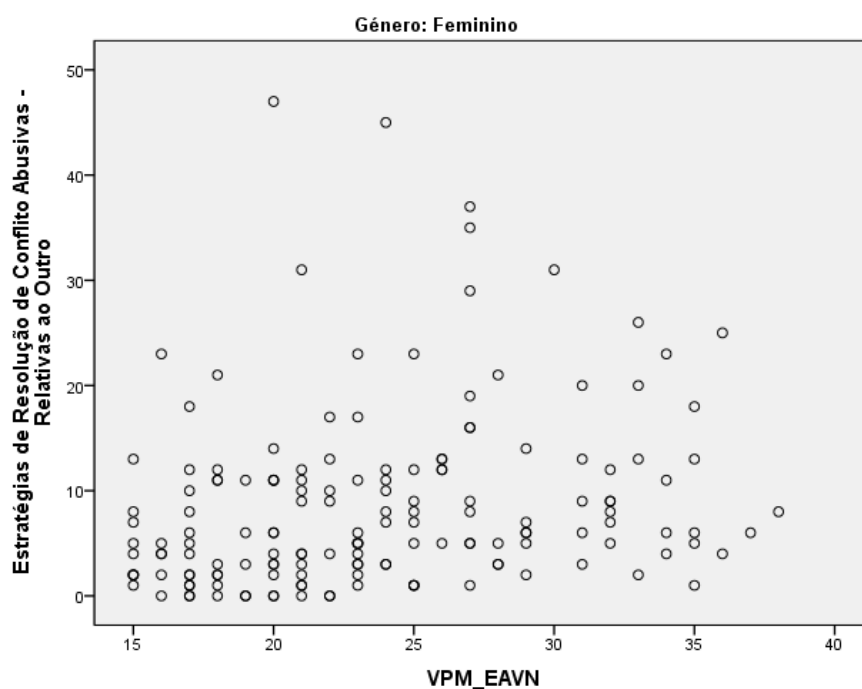
Correlação da Variável Violência Psicológica Masculina e os Comportamentos Abusivos do(a) Parceiro(a)

Correlations^a

		Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Outro	VPM_EAVN
Spearman's rho	Estratégias de Resolução de Conflito Abusivas - Relativas ao Outro	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (1-tailed)	,313**
		N	158
	VPM_EAVN	Correlation Coefficient	,313**
		Sig. (1-tailed)	1,000
		N	,000
			175

** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

a. Género = Feminino



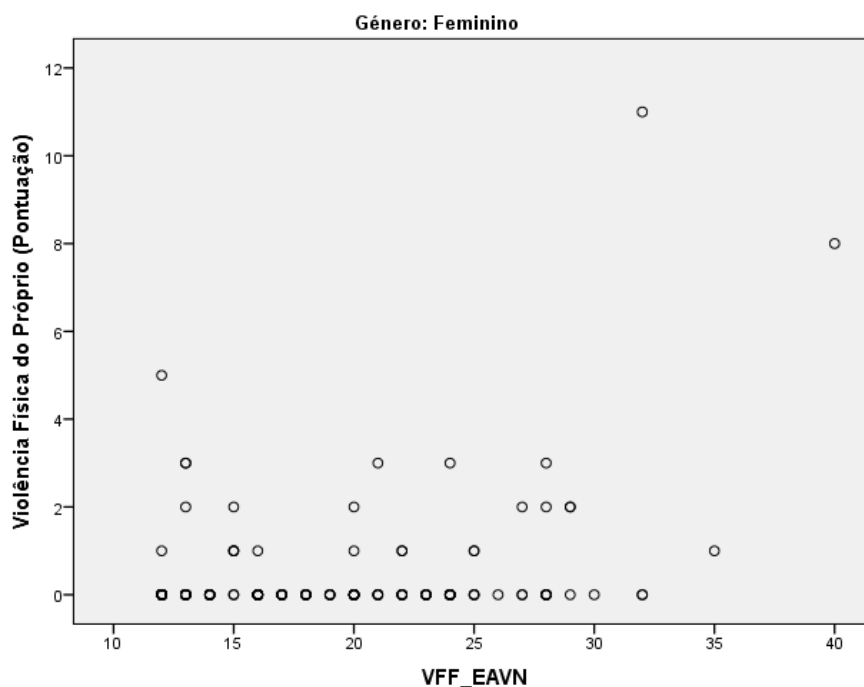
Correlação da Variável Violência Física Feminina e a Violência Física do Próprio

Correlations^a

		Violência Física do Próprio (Pontuação)	VFF_EAVN
Violência Física do Próprio (Pontuação)	Correlation Coefficient	1,000	,203**
	Sig. (1-tailed)	.	,005
	N	158	158
Spearman's rho	Correlation Coefficient	,203**	1,000
	Sig. (1-tailed)	,005	.
	N	158	175

** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

a. Género = Feminino



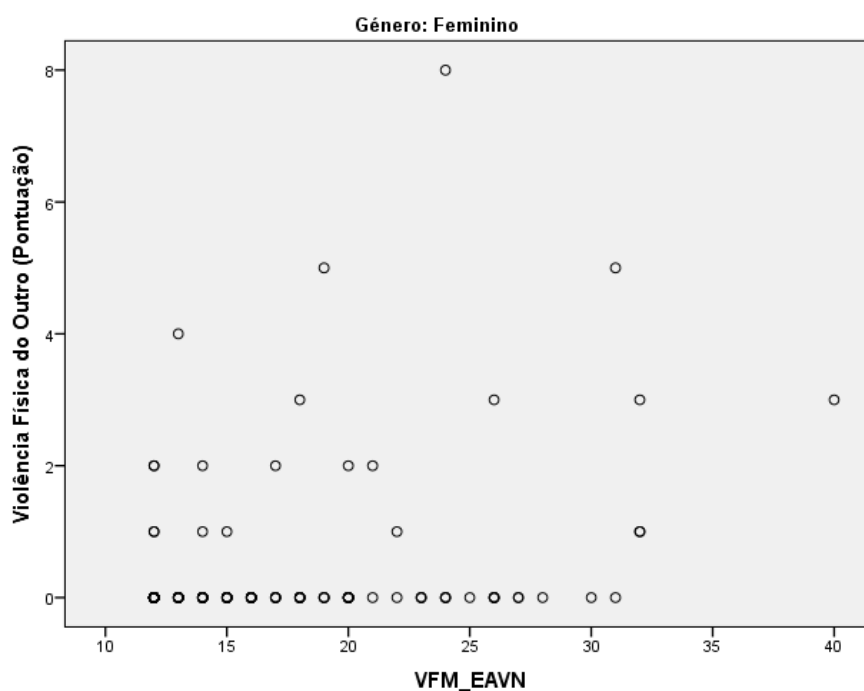
Correlação da Variável Violência Física Masculina e a Violência Física do(a) Parceiro(a)

Correlations^a

		Violência Física do Outro (Pontuação)	VFM_EAVN
Violência Física do Outro (Pontuação)	Correlation Coefficient	1,000	,266**
	Sig. (1-tailed)	.	,000
	N	158	158
Spearman's rho	Correlation Coefficient	,266**	1,000
	Sig. (1-tailed)	,000	.
	N	158	175

** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

a. Género = Feminino



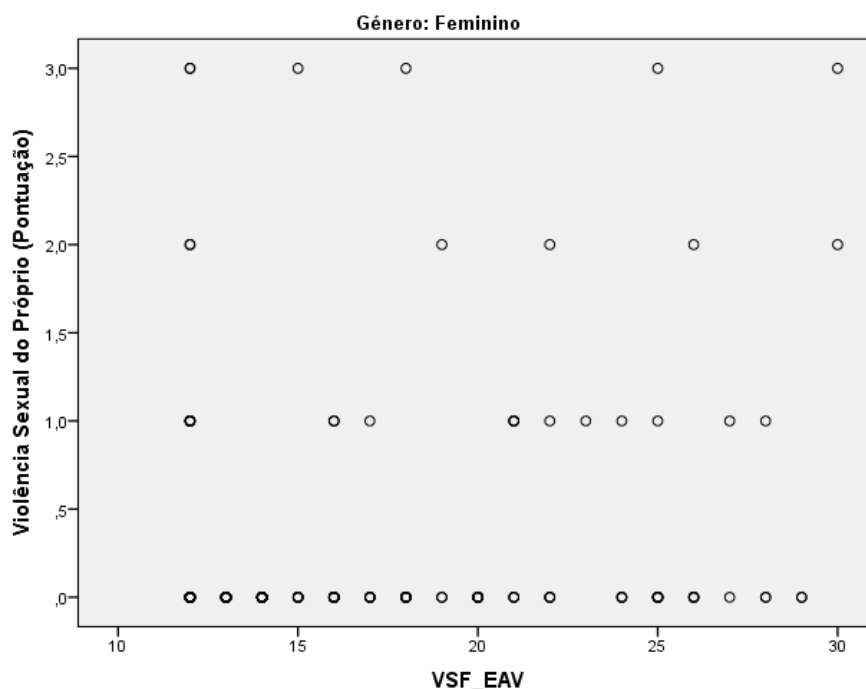
Correlação da Variável Violência Sexual Feminina e a Violência Sexual do Próprio

Correlations^a

		Violência Sexual do Próprio (Pontuação)	VSF_EAV
Violência Sexual do Próprio (Pontuação)	Correlation Coefficient	1,000	,146*
	Sig. (1-tailed)	.	,033
	N	158	158
Spearman's rho	Correlation Coefficient	,146*	1,000
	Sig. (1-tailed)	,033	.
	N	158	175

*. Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

a. Género = Feminino



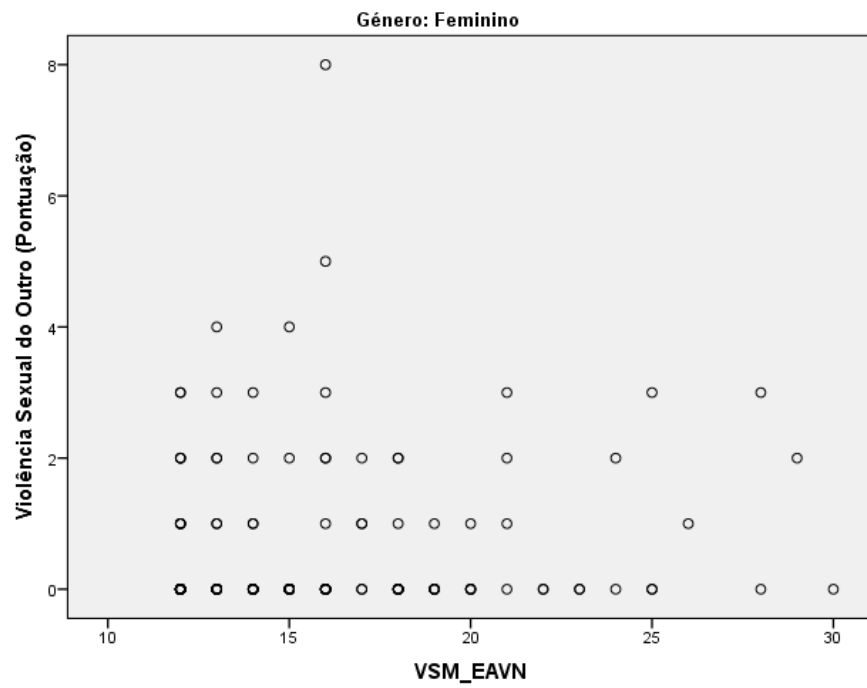
Correlação da Variável Violência Sexual Masculina e a Violência Sexual do Outro

Correlations^a

		Violência Sexual do Outro (Pontuação)	VSM_EAVN
Violência Sexual do Outro (Pontuação)	Correlation Coefficient	1,000	,167*
	Sig. (1-tailed)	.	,018
	N	158	158
Spearman's rho	Correlation Coefficient	,167*	1,000
	Sig. (1-tailed)	,018	.
	N	158	175

*. Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

a. Género = Feminino



Anexo IX – Objetivo 6

Frequência do Consumo de Drogas

Consumo de Drogas				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Já consumiu drogas	32	16,9	16,9	16,9
Valid Não consumiu drogas	157	83,1	83,1	100,0
Total	189	100,0	100,0	

Análise Descritiva do Consumo de Drogas

Descriptive Statistics ^a					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Comportamentos Violentos	29	0	25	4,45	6,456
Valid N (listwise)	29				

a. Consumo de Drogas = Já consumiu drogas

Descriptive Statistics ^a					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Comportamentos Violentos	139	0	32	2,32	4,455
Valid N (listwise)	139				

a. Consumo de Drogas = Não consumiu drogas

Frequência de Comportamentos Violentos no grupo que já consumiu drogas

Comportamentos Violentos ^a				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	11	34,4	37,9	37,9
1	1	3,1	3,4	41,4
2	3	9,4	10,3	51,7
3	2	6,3	6,9	58,6
Valid 4	4	12,5	13,8	72,4
5	1	3,1	3,4	75,9
6	2	6,3	6,9	82,8
7	1	3,1	3,4	86,2
15	1	3,1	3,4	89,7

17	1	3,1	3,4	93,1
19	1	3,1	3,4	96,6
25	1	3,1	3,4	100,0
Total	29	90,6	100,0	
Missing System	3	9,4		
Total	32	100,0		

a. Consumo de Drogas = Já consumiu drogas

Frequência de Comportamentos Violentos no grupo que não consumiu drogas

Comportamentos Violentos ^a				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	79	50,3	56,8	56,8
1	4	2,5	2,9	59,7
2	17	10,8	12,2	71,9
3	5	3,2	3,6	75,5
4	11	7,0	7,9	83,5
5	4	2,5	2,9	86,3
6	5	3,2	3,6	89,9
7	4	2,5	2,9	92,8
Valid 8	2	1,3	1,4	94,2
9	1	,6	,7	95,0
10	1	,6	,7	95,7
13	2	1,3	1,4	97,1
14	1	,6	,7	97,8
18	1	,6	,7	98,6
23	1	,6	,7	99,3
32	1	,6	,7	100,0
Total	139	88,5	100,0	
Missing System	18	11,5		
Total	157	100,0		

a. Consumo de Drogas = Não consumiu drogas

Análise de Correlação de Pearson

Consumo de Drogas * Comportamentos Violentos Crosstabulation

Count

		Comportamentos Violentos		Total
		,00	1,00	
Consumo de Drogas	Já consumiu drogas	11	18	29
	Não consumiu drogas	79	60	139
Total		90	78	168

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	3,447 ^a	1	,063	,069	,049	
Continuity Correction ^b	2,729	1	,099			
Likelihood Ratio	3,454	1	,063	,069	,049	
Fisher's Exact Test				,069	,049	
Linear-by-Linear Association	3,427 ^c	1	,064	,069	,049	,030
N of Valid Cases	168					

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 13,46.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is -1,851.

Frequência do Consumo de Álcool

Bebidas Alcoólicas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Consome bebidas alcoólicas	138	73,0	73,0	73,0
	Não consome bebidas alcoólicas	51	27,0	27,0	100,0
Total		189	100,0	100,0	

Análise Descritiva do Consumo de Álcool

Descriptive Statistics^a

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Comportamentos Violentos	125	0	32	3,08	5,043
Valid N (listwise)	125				

a. Bebidas Alcoólicas = Consome bebidas alcoólicas

Descriptive Statistics^a

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Comportamentos Violentos	43	0	23	1,56	4,328
Valid N (listwise)	43				

a. Bebidas Alcoólicas = Não consome bebidas alcoólicas

Frequência de Comportamentos Violentos no grupo que consome Álcool

Comportamentos Violentos^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	56	40,6	44,8	44,8
1	4	2,9	3,2	48,0
2	19	13,8	15,2	63,2
3	6	4,3	4,8	68,0
4	14	10,1	11,2	79,2
5	5	3,6	4,0	83,2
6	5	3,6	4,0	87,2
7	5	3,6	4,0	91,2
8	1	,7	,8	92,0
Valid 9	1	,7	,8	92,8
10	1	,7	,8	93,6
13	2	1,4	1,6	95,2
15	1	,7	,8	96,0
17	1	,7	,8	96,8
18	1	,7	,8	97,6
19	1	,7	,8	98,4
25	1	,7	,8	99,2
32	1	,7	,8	100,0
Total	125	90,6	100,0	
Missing System	13	9,4		
Total	138	100,0		

a. Bebidas Alcoólicas = Consome bebidas alcoólicas

Frequência de Comportamentos Violentos no grupo que não consome Álcool

Comportamentos Violentos^a

Violência no Namoro em Estudantes Universitários: Prevalência e Diferenças entre Géneros
 Nuno Miguel Veloso (email: uc2006125340@student.uc.pt) 2013

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	34	66,7	79,1	79,1
1	1	2,0	2,3	81,4
2	1	2,0	2,3	83,7
3	1	2,0	2,3	86,0
4	1	2,0	2,3	88,4
6	2	3,9	4,7	93,0
8	1	2,0	2,3	95,3
14	1	2,0	2,3	97,7
23	1	2,0	2,3	100,0
Total	43	84,3	100,0	
Missing System	8	15,7		
Total	51	100,0		

a. Bebidas Alcoólicas = Não consome bebidas alcoólicas

Análise de Correlação de Pearson

Bebidas Alcoólicas * Comportamentos Violentos Crosstabulation

Count

		Comportamentos Violentos		Total
		,00	1,00	
Bebidas Alcoólicas	Consome bebidas alcoólicas	56	69	125
	Não consome bebidas alcoólicas	34	9	43
Total		90	78	168

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	15,107 ^a	1	,000	,000	,000	
Continuity Correction ^b	13,760	1	,000			
Likelihood Ratio	15,987	1	,000	,000	,000	
Fisher's Exact Test				,000	,000	
Linear-by-Linear Association	15,017 ^c	1	,000	,000	,000	,000
N of Valid Cases	168					

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 19,96.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is -3,875.

Anexo X – Objetivo 7

Frequência de Vítimas de Violência no Namoro

Já foi vítima de violência no namoro

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Já foi vítima de violência no namoro	19	10,1	10,1	10,1
Valid Nunca foi vítima de violência no namoro	170	89,9	89,9	100,0
Total	189	100,0	100,0	

Frequência de Vítimas de Violência no Namoro no Género Masculino

Já foi vítima de violência no namoro^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca foi vítima de violência no namoro	14	100,0	100,0	100,0

a. Género = Masculino

Frequência de Vítimas de Violência no Namoro no Género Feminino

Já foi vítima de violência no namoro^a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Já foi vítima de violência no namoro	19	10,9	10,9	10,9
Valid Nunca foi vítima de violência no namoro	156	89,1	89,1	100,0
Total	175	100,0	100,0	

a. Género = Feminino

**Frequência de Conhecimento de Vítimas de Violência no Namoro
no Grupo de Pares**

Conhece situações de violência no namoro no seu grupo de pares

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim, conhece	39	20,6	20,6	20,6
Não, não conhece	150	79,4	79,4	100,0
Total	189	100,0	100,0	